

**A EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO NA LÍNGUA FALADA DE
FLORIANÓPOLIS: gramaticalização e variação**

por

ADRIANA DE OLIVEIRA GIBBON

Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

***Orientadora:* Prof^a. Dr^a. Edair Maria Gorski**

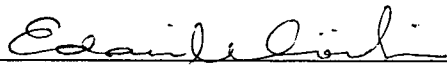
FLORIANÓPOLIS – 2000

A EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO NA LÍNGUA FALADA DE FLORIANÓPOLIS: GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO

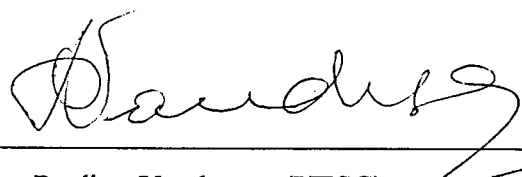
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua fase final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Coordenadora: Profa. Dra. Loni Grimm Cabral (UFSC)

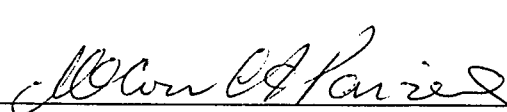
Banca Examinadora:



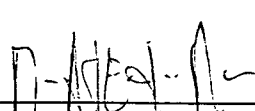
Profa. Dra. Edair Maria Gorski (UFSC)



Prof. Dr. Paulino Vandresen (UFSC)



Profa. Dra. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva (UFRJ)



Prof. Dr. Marco Antonio Esteves da Rocha (UFRJ)

À professora Edair M. Görski, pela orientação segura, o estímulo e a acolhida sincera.

Ao grupo do VARSUL — especialmente Calile, Alice e Marcio — porque a amizade lembra que não estou sozinha em Floripa.

Aos amigos de mestrado, pelas alegrias e as dificuldades compartilhadas.

À Mairim, Hélio, Angela, Paulo, Jane e Marisa, pela amizade e a acolhida de *mãe* que recebo.

À Artur e Sônia, Artur Roberto, Rodrigo e Wilma, porque quando *analiso o futuro*, não imagino a vida sem o amor, o carinho e a compreensão de vocês.

Agradeço.

ABSTRACT

This thesis describes research which focuses on the expression of future in Portuguese as spoken in the town of Florianópolis, using data from VARSUL Project. Verb forms observed include simple presente tense and periphrastic form.

The investigation draws on the functionalist approach and sociolinguistic analysis to show, the route of the innovation form – the periphrastic form – tracing its grammaticalization process with particular emphasis on the verb IR in future expression forms until the variation moment with the present tense is reached.

Having the concept of tense as a basis – as well as the relations between tense, aspect and modality – semantic, discourse and form variants are proposed as a way of specifying the semantic and discursive contexts which influence each one of the variants.

Results seem to confirm that the phenomenon under study is influenced by factors of a distinct nature, namely: (i) semantic factors, such as semantic type of the main verb; (ii) discourse factors, such as discourse person; and (iii) formal factors, such as formal parallelism. Moreover, the phenomenon shows sensitivity to age, highlighting a possible progress of linguistic change in progress.

RESUMO

Esta pesquisa trata da expressão do tempo futuro no português falado em Florianópolis, codificada pelas formas presente do indicativo e forma perifrástica, a partir de dados do Projeto VARSUL.

Valendo-se de um quadro teórico que inclui o Funcionalismo Lingüístico e a Sociolingüística Variacionista, este trabalho constitui-se de duas partes. A primeira mostra um percurso para a forma inovadora, a forma perifrástica, apontando o seu processo de gramaticalização, em especial o processo do verbo pleno IR a auxiliar de futuridade, até atingir o momento de variação com o presente do indicativo.

A partir daí, utilizando a concepção de tempo como categoria lingüística e as relações do tempo futuro com aspecto e modalidade, propomos um grupo de variáveis formais, semânticas e discursivas para delimitarmos o contexto lingüístico/discursivo que influencia uma e outra forma variante.

Os resultados atestam que o fenômeno em estudo sofre influência de motivações de natureza diversa: semânticas (como, por exemplo, tipo semântico do verbo principal); discursivas (como pessoa do discurso) e formais (como paralelismo formal). Além disso, comprova-se que o fator social idade atua sobre o fenômeno, apontando para uma possível mudança em progresso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – O OBJETO DE ESTUDO	13
1 – <i>ANALISANDO O PROBLEMA</i>	13
2 – <i>PRINCIPAIS QUESTÕES</i>	18
3 – <i>OBJETIVOS GERAIS</i>	19
CAPÍTULO II – O QUADRO TEÓRICO	20
1 – <i>A TEORIA DA VARIAÇÃO</i>	20
2 – <i>O FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO</i>	24
2.1 – <i>A gramaticalização</i>	26
CAPÍTULO III – TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE: categorias do verbo	35
1 – <i>NOÇÃO DE TEMPO</i>	35
1.1 – <i>Pressupostos de Reichenbach</i>	37
1.2 – <i>Tempo como categoria dêitica da gramática</i>	39
1.3 – <i>Tempo absoluto, relativo e relativo-absoluto</i>	40
2 – <i>TEMPO E ASPECTO</i>	42
3 – <i>TEMPO E MODALIDADE</i>	43
4 – <i>O TEMPO FUTURO</i>	46
4.1 – <i>A visão de Mateus et al.</i>	46
4.2 – <i>Ainda o tempo futuro</i>	49
CAPÍTULO IV – O CAMINHO DA GRAMATICALIZAÇÃO	52
1 – <i>A GRAMATICALIZAÇÃO DE EXPRESSÕES DE FUTURO</i>	52
2 – <i>A FORMA PERIFRÁSTICA IR + INFINITIVO</i>	58
CAPÍTULO V – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	65
1 – <i>A DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL</i>	65
1.1 – <i>As restrições</i>	66
2 – <i>A CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS</i>	68
3 – <i>A ANÁLISE QUANTITATIVA</i>	68
4 – <i>A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES</i>	69
CAPÍTULO VI – O CAMINHO DA VARIAÇÃO	70
1 – <i>VARIÁVEL DEPENDENTE</i>	71
2 – <i>O CONTEXTO SEMÂNTICO/ DISCURSIVO</i>	75
2.1 – <i>Valor semântico do enunciado no qual se encontra o dado</i>	75
2.1.1 – <i>Caracterização e hipótese</i>	75
2.1.2 – <i>Resultados e discussão</i>	79
2.2 – <i>Tempo/ modo do verbo da oração vinculada ao dado</i>	80
2.2.1 – <i>Caracterização e hipótese</i>	80
2.2.2 – <i>Resultados e discussão</i>	81
2.3 – <i>Tipo semântico de verbo principal</i>	82
2.3.1 – <i>Caracterização e hipótese</i>	82

2.3.2 – Resultados e discussão	83
2.4 – Ponto de referência	84
2.4.1 – Caracterização e hipótese	84
2.4.2 – Resultados e discussão	86
2.5 – Pessoa do discurso	87
2.5.1 – Caracterização e hipótese	87
2.5.2 – Resultados e discussão	88
2.6 – Tipo de auxiliar	89
2.6.1 – Caracterização e hipótese	89
2.6.2 – Resultados e discussão	91
2.7 – Projeção do fato futuro	92
2.7.1 – Caracterização e hipótese	92
2.7.2 – Resultados e discussão	93
2.8 – Tipo de discurso e gênero discursivo	94
2.9 – Marcas de futuridade	95
2.9.1 – Caracterização e hipótese	95
2.9.2 – Resultados e discussão	95
2.10 – Habitualidade do fato	97
2.10.1 – Caracterização e hipótese	97
2.10.2 – Resultados e discussão	98
2.11 – Negação	99
2.11.1 – Caracterização e hipótese	99
2.11.2 – Resultados e discussão	100
3 – PROPRIEDADES FORMAIS	101
3.1 – Paralelismo formal	101
3.1.1 – Caracterização e hipótese	101
3.1.2 – Resultados e discussão	102
3.2 – Número de sílabas	103
3.2.1 – Caracterização e hipótese	103
3.2.2 – Resultados e discussão	104
4 – VARIÁVEIS SOCIAIS	105
4.1 – Idade	105
4.1.1 – Caracterização e hipótese	105
4.1.2 – Resultados e discussão	106
4.2 – Idade e sexo	106
4.3 – Idade e escolaridade	108
5 – CONCLUSÕES PARCIAIS	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADROS

Quadro 01 – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais

Quadro 02 – Comparação entre as formas variantes para codificar o futuro do presente e o futuro do pretérito

Quadro 03 – Apresentação dos critérios *movimento* e *deslocamento* para organização da escalaridade do grupo de fatores tipo semântico de verbo principal

Quadro 04 – Quadro comparativo entre a forma perifrástica e o presente do indicativo a partir dos resultados obtidos na análise do contexto semântico/discursivo

TABELAS

Tabela 01 – Distribuição das formas variantes de futuro

Tabela 02 – Influência do valor semântico-discursivo do enunciado no qual se encontra o dado sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 03 – Influência do tempo/modo do verbo da oração vinculada ao dado sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 04 – Influência do tipo semântico de verbo principal sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 05 – Frequência e percentagem do grupo de fatores tipo semântico do verbo da oração vinculada ao dado no uso da forma perifrástica

Tabela 06 – Influência do ponto de referência sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 07 – Influência da pessoa do discurso sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 08 – Influência do auxiliar no uso das formas variantes

Tabela 09 – Influência de verbos auxiliares sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 10 – Influência da projeção do fato sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 11 – Influência da marca de futuridade sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 12 – Influência da habitualidade do fato sobre o uso da perífrase

Tabela 13 – Influência da marca de futuridade X habitualidade do fato sobre o uso da perífrase

Tabela 14 – Influência da negação sobre a forma perifrástica

Tabela 15 – Influência do paralelismo formal sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 16 – Influência do número de sílabas do verbo principal sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 17 – Influência da idade sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 18 – Atuação do sexo no uso da forma perifrástica

Tabela 19 – Influência do sexo e idade no uso da forma perifrástica

Tabela 20 – Influência da escolaridade sobre o uso da forma perifrástica

Tabela 21 – Influência da idade e da escolaridade sobre o uso da forma perifrástica

INTRODUÇÃO

A linguagem é o principal veículo de interação do ser humano. Através dela o homem constrói a sociedade, organizando-a de acordo com suas necessidades. A linguagem também é instrumento de dominação e objeto de estudo de muitos estudiosos das áreas humanas/sociais dentre as quais encontra-se a Lingüística e suas várias ramificações.

Um dos assuntos mais instigante para aqueles que estudam a linguagem trata-se do fenômeno do tempo¹ enquanto categoria lingüística e suas relações com o Tempo cronológico, pois mesmo sendo uma categoria autônoma, o tempo possui relações estreitas com outras categorias lingüísticas tais como o aspecto e o modo.

Nesta dissertação, focalizamos o tempo futuro como objeto, postulando que essa referência futura é codificada na língua portuguesa por formas alternantes, tais como o futuro do presente, a forma perifrástica e o presente do indicativo², tratando-se, pois, de um fenômeno de variação lingüística.

Assumindo como ponto de partida que estamos diante de uma função comunicativa/discursiva, buscamos embasamento teórico no Funcionalismo Lingüístico e pesquisando as formas variantes que preenchem tal função estamos inseridos na Teoria da Variação. Essa análise, portanto, assume uma direção que vai da função para forma ao tratar do fenômeno de estudo. A variável em questão fica situada no nível morfo-sintático-discursivo e são controlados fatores diversos como possíveis condicionantes da escolha de uma ou de outra forma verbal.

Outros trabalhos têm sido realizados no âmbito dos estudos variacionistas na interface sintaxe/discurso, usando o Banco de Dados do VARSUL e alinhando a Teoria da Variação com o Funcionalismo Lingüístico, tais como as dissertações de mestrado de Naumann (1996), Coan (1997), Silva (1998), Tavares (1999), Pimpão (1999) e Finck (2000)³.

¹ Utilizamos, ao longo deste trabalho, a palavra Tempo (com maiúscula) para referirmo-nos ao conceito Tempo que possuímos em nossa consciência e tempo (com minúscula) para a expressão gramatical.

² A propósito das três variantes, veremos, no capítulo VI, que o futuro do presente encontra-se em desuso na fala de Florianópolis. Uma vez que apresentamos um percurso de gramaticalização que envolve essas três variantes, vamos mantê-las como tal ao longo desta dissertação.

³ O trabalho de Finck está em andamento.

O uso da variante forma perifrástica, em lugar do futuro do presente para codificar a função que situa a ação à direita do ponto de fala, é bem pouco discriminada no português. A entrada do verbo IR como auxiliar para expressar o futuro vem encontrando resposta positiva entre os falantes, o que nos leva a tratar o fenômeno como o processo de gramaticalização do verbo IR em auxiliar de futuro. Por outro lado, as formas no futuro do presente estão em crescente desuso na língua falada, o que pode evidenciar a ocorrência da mudança lingüística. Os resultados finais apontam nessa direção.

O objeto de estudo dessa dissertação recai, portanto, sobre três das formas verbais: a forma perifrástica, presente do indicativo e futuro do presente. Trata-se de observar o fenômeno sob o ponto de vista da Teoria da Variação Lingüística, apresentada por Labov, Weinreich e Herzog em 1968, e reconhecer duas dessas formas verbais (forma perifrástica e presente do indicativo) como variantes dentro do contexto expresso pelo tempo futuro, além de observar o desuso da terceira forma, o futuro do presente.

Os objetivos deste texto, no entanto, não estão restritos àqueles propostos pela teoria variacionista. Percebendo que a forma perifrástica constitui-se numa *nova* forma dentro da língua e que está ocupando um *novo* espaço no sistema lingüístico, buscamos mostrar e interpretar sua trajetória sob o foco da teoria da gramaticalização, de acordo com o exposto e discutido por vários teóricos dessa linha dos quais destacam-se Hopper, Traugott e Heine, nos diversos textos por eles publicados.

Esta pesquisa utiliza o Banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul), e está constituída de dados de trinta e seis informantes nativos de Florianópolis, estratificados de acordo com idade, sexo e escolaridade.

A dissertação apresenta-se organizada em seis capítulos acrescidos das considerações finais conforme o exposto a seguir.

No primeiro capítulo, detalhamos o objeto de estudo, analisando o problema e levantando algumas questões que mostram a importância de realizarmos essa análise; descrevemos, ainda, os objetivos gerais e as hipóteses que motivam a pesquisa.

No segundo capítulo, enquadramos o fenômeno em estudo dentro da Teoria da Variação e do Funcionalismo Lingüístico, traçando, também, um panorama sobre a gramaticalização, apontando os caminhos que nos levam a discutir a gramaticalização do verbo pleno IR em auxiliar de futuro.

O terceiro capítulo trata das noções de tempo verbal, aspecto, modalidade e ponto de referência. Propomos uma representação do tempo conforme Reichenbach (1947), as diferenças entre tempo relativo, absoluto e relativo-absoluto, a questão do aspecto em formas de futuro e a discussão em torno do futuro como expressão de tempo e de modalidade, apresentando, ao longo do capítulo alguns conceitos de teóricos, tais como Camara Jr. (1957, 1967 e 1985), Corôa (1985), Comrie (1985), Mateus *et al.* (1989), Fiorin (1996), entre outros.

O quarto capítulo aponta o caminho da gramaticalização do verbo pleno IR em auxiliar de futuro, mostrando que esse fenômeno desenrola-se de forma bem parecida com a forma *be going to*, no inglês. Esse capítulo descreve o processo de gramaticalização do verbo IR dentro da forma perifrástica até o ponto em que, codificando o tempo futuro, a forma IR + infinitivo passa a fazer parte de outro processo, o de variação, junto com a forma presente do indicativo.

No quinto capítulo, resumimos os procedimentos metodológicos utilizados para o estudo da variação: a caracterização do *corpus* e a descrição do tratamento estatístico utilizado na análise dos dados. Além disso, apresentamos algumas restrições para a delimitação do contexto de aparecimento das variantes que compõem a variável em estudo.

E, no sexto capítulo, levantamos as motivações que propiciam o aparecimento de uma ou outra forma, caracterizamos os grupos de fatores, apresentamos as hipóteses específicas para cada grupo de fatores e discutimos os resultados. Analisamos, pois, as variáveis lingüísticas distribuídas em formais e semântico-discursivas e as variáveis sociais.

Finalmente, nas considerações finais, tecemos comentários sobre os resultados mais relevantes da análise quantitativa, organizando-os de acordo com as hipóteses levantadas e retomando as concepções teóricas que norteiam este estudo.

CAPÍTULO I - O OBJETO DE ESTUDO

1 ANALISANDO O PROBLEMA

Na língua portuguesa, há diversos tempos verbais para expressarmos o Tempo cronológico, que estão divididos em três grandes grupos: passado, presente e futuro.

Segundo Camara Jr. (1985:125) a categoria verbal era, em latim, flexional e manteve essa característica na língua portuguesa. A flexão verbal possui marcas que mostram dois sentidos: uma delas indica o sujeito do verbo, ou seja, o falante, o ouvinte ou aquilo de que se fala, que constitui o ponto de partida da comunicação e que está subordinado ao que o verbo expressa. A outra marca recai sobre *certas características que acompanham obrigatoriamente, dentro da língua, a significação intrínseca da forma verbal.* (op. cit.)

Ainda segundo o autor, a primeira constitui-se da forma número-pessoal, o componente final da flexão. A segunda constitui-se de certas categorias expressas pelo verbo que opinam sobre estados de coisas próprios da língua. Elas são três: aspecto (concluso ou inconcluso), tempo (presente, pretérito e futuro) e modo. O aspecto é a categoria verbal que expressa a conclusão ou inconclusão do ato¹ relatado. Ao enunciarmos algo sobre uma cena qualquer, podemos apresentá-la do ponto de vista de seu fim ou de seu desenvolvimento. O tempo do verbo relata a ocasião da ocorrência, partindo-se do momento em que se faz a comunicação. Quando usamos o presente, a comunicação se faz de forma mais ou menos aproximada ao ato que relatamos; o pretérito marca a anterioridade do ato no momento da comunicação, é passado para o falante. E o futuro expressa a expectativa de algum ato a ser verificado mais tarde. Ainda é possível expressarmos uma espécie de *apreciação* do falante com respeito àquilo que enuncia, o “*modo*” como o falante encara o que comunica².

O tempo futuro é, dos três tempos descritos acima, o mais polêmico em termos de possibilitar o enquadramento da sua identidade enquanto categoria de tempo. O futuro possui um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual,

¹ A palavra *ato*, usada com frequência neste trabalho, não remete exclusivamente à *ação*. Ela é empregada, também, como sinônimo de *evento* ou *situação*.

² Vamos tratar com mais detalhe essas categorias no capítulo III.

pois só aceita asserções segundo a avaliação que o falante faz da possibilidade ou impossibilidade da ocorrência de um estado de coisas. Tal particularidade compromete a determinação do valor de verdade da proposição no momento em que ela é enunciada e permite afirmar que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal, como as duas faces de uma moeda.

Entretanto, o tempo futuro, enquanto categoria lingüística, ocorre com facilidade no português, tanto na língua falada como na língua escrita e para expressá-lo o falante utiliza várias formas verbais, tais como: o futuro do presente do indicativo (*sairei*), a forma perifrástica (*vou sair*) e o presente do indicativo (*saio*), entre outras. Observem-se, por exemplo, os enunciados³:

- (1) Ela **vai ficar** até dia quinze de abril. É quinze dias. (FLP 11, L0510)⁴
- (2) **Faz** cinco anos, dia vinte e um de outubro. (FLP 19, L0897)
- (3) Acho que muita coisa que ele prometeu ele não está cumprindo ainda. **Poderá** ainda cumprir, mas não está cumprindo. (FLP 07, L 0586)

Um falante do português dificilmente consideraria que (3) é gramaticalmente melhor que (1) e (2); ou que (1) é gramaticalmente mal construído por apresentar a forma perifrástica expressando o tempo futuro, no lugar antes reservado ao futuro do presente (3) e/ou ao presente do indicativo (2).

A forma perifrástica raramente é prevista nas gramáticas tradicionais⁵, entretanto, alguns trabalhos de língua portuguesa⁶, que tratam da língua falada ou registram usos do idioma além dos já normatizados, costumam mencionar tal forma. O futuro perifrástico é constituído pelo presente do indicativo do verbo IR (flexionado em uma das pessoas do discurso) + infinitivo do verbo principal (*vou estudar*).

Das gramáticas estudadas, apenas Cunha & Cintra (1985:448) reconhecem a forma perifrástica como forma de futuro:

Na língua falada, o futuro simples é de uso relativamente raro. Preferimos, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:
(...)

³ A palavra enunciado tem um sentido amplo neste trabalho, referindo-se ao conjunto de orações. As orações serão tratadas como sinônimo de sentença. Manteremos o termo sentença, entretanto, quando estivermos comentando as idéias de autores que usem essa terminologia.

⁴ No decorrer da dissertação, utilizamos alguns códigos adotados pelo Projeto VARSUL para especificar entrevistas, tais como: cidade (FLP), número da entrevista (11) e número da linha (0510).

⁵ Foram consultadas as seguintes gramáticas: Said Ali (1964;1971), Cegalla (1979), Cunha & Cintra (1985), Luft (1985) e Bechara (1987).

⁶ Trabalhos como o de Pontes (1972) e Santos (1997).

3 - presente do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, para indicar ação futura imediata:
ex.: *Vai casar* com o meu melhor amigo.

Encontra-se alguma referência à perífrase em outras gramáticas quando se analisa o aspecto ou a auxiliaridade do verbo IR. Said Ali (1964), por exemplo, reconhece a combinação do verbo IR + infinitivo para designar locomoção, desejo de realizar algo ou um fato que não tardará a realizar-se.

O uso do presente do indicativo como forma de expressar o futuro, ao contrário, é bastante comentado pelas gramáticas. Said Ali (1964:161) declara que o tempo presente também designa um ato que terá realização próxima, quando o verbo tem valor de presente-futuro: *Amanhã não saio de casa.*

Para Cunha & Cintra (1985:438), o presente pode apontar um fato futuro, de realização próxima, acompanhado de um advérbio para não haver ambigüidades: *Amanhã não saio de casa e faço o trabalho.*

Tanto Said Ali (1964) quanto Cunha & Cintra (1985) afirmam que a forma perifrástica de IR + infinitivo é usada como substituta do futuro do presente e indica uma ação futura imediata. É interessante pensar que para o uso do presente como futuro os autores reservam a expressão *futuro próximo*, que *não tardará a realizar-se*. Há, na extensão do significado de *próximo* e/ou *imediato* alguma sutil diferença que nos possibilite diferenciar, enquanto falantes, o contexto de uso de uma ou outra forma? Ou estamos diante de um mesmo contexto semântico no qual duas formas podem co-ocorrer?

✓ Numa perspectiva histórica, verifica-se que o latim clássico possuía uma forma sintética para o futuro, mas o mesmo não ocorria com o latim vulgar. Camara Jr. (1985:128) afirma que a concepção de um futuro, como marca única de tempo, não é comum no uso coloquial de uma língua. A formação do futuro acontece a partir de uma língua secundária que pressupõe um jogo mental mais elaborado e seu uso *depende de condições especiais de comunicação lingüística, quando pautada mais por um raciocínio objetivo do que por um impulso comunicativo espontâneo.* (op. cit.:128) No jogo comunicativo, a noção de futuro é mais modal, no sentido de que se encontra associada à dúvida, ao desejo, à imposição da vontade do falante. Por esse motivo, no latim vulgar, o tempo presente predominava como expressão do tempo futuro, a não ser que o falante tivesse uma motivação modal específica que o levasse a recorrer a outro uso. (op.cit.:129)

Aos poucos, as mesmas motivações que elevaram as formas modais analíticas de futuro à formação de um tempo futuro no latim clássico atuaram no latim vulgar. Primeiramente, surgiu uma forma perifrástica na qual o componente de significado do verbo auxiliar *habere* (haver) estava fortemente presente. Ele se combinava, flexionado no presente, à forma infinitiva do verbo principal para expressar uma vontade do falante que uma ocorrência se desse. Por exemplo: *cantare habeo* (cantar hei). Esta expressão podia, no latim vulgar, significar tanto uma ação futura, partindo do momento presente, pela qual o falante expressava que *quer cantar, pretende cantar, está no propósito de cantar*, quanto reportar-se a um momento no passado *em que teve a mesma vontade, a mesma pretensão, o mesmo propósito*. (Camara Jr., 1985:130)

Camara Jr. (1957:130) diz que essas formas não são marcadas aspectualmente, mas que possuem a rigor um certo aspecto imperfeito. Será que o traço de aspecto imperfeito que o autor percebe nas construções de futuro aparece em função dessas construções tratarem a situação (ação/fato) *a partir* de um ponto qualquer ?

Esse novo tempo acrescenta-se ao sistema verbal anterior sem causar deslocamentos internos. A partir disso, o autor assume que há duas formas de pensar a categoria tempo na língua: a primeira que aceita uma divisão bipartida, opondo pretérito e presente e assumindo que o futuro está incluso no presente, e a segunda que admite uma visão tripartida em pretérito, presente e futuro. Para Camara Jr. a primeira (a visão bipartida) é a mais recorrente. O futuro não se contrapõe ao presente e/ou pretérito, mas apenas se superpõe a eles. O autor afirma tal organização baseando-se na convicção de que a categoria de futuro não ocorre *pela necessidade da expressão temporal; concretizam-no certas necessidades modais, de sorte que o futuro começa como modo muito mais do que como tempo*. (Camara Jr., 1957:223)

Depois de criadas, as formas de futuro passam a ter três funções na língua: (i) marcam somente o modo, (ii) marcam tempo com matizes modais e (iii) marcam somente o tempo. A última função aparece mais tarde e o seu desenvolvimento é o que o autor chama de gramaticalização do futuro modal em futuro temporal. Entretanto, Camara Jr. reconhece que falar em gramaticalização do futuro em tempo dá a idéia de que o valor modal não se encontra na gramática; o autor esclarece, porém, dizendo que se trata, na verdade, de três níveis gramaticais para as três funções: (i) futuro como modo e tempo dividido em presente e pretérito, (ii) futuro como tempo com matizes modais e seu emprego é motivado como tempo em lugar de uma forma presente que abrange o futuro e (iii) futuro que marca só tempo e a categoria tempo futuro aparece ao

lado do presente e do pretérito.

Uma vez criada a categoria lingüística de futuro, suas três funções coexistem, no plano sincrônico, dentro da língua e a terceira função (futuro puramente temporal) *só se fixa num plano de intelectualização filosófica, que não é o da linguagem corrente* (Camara Jr., 1957:224). Ou seja, na linguagem corrente e espontânea opera-se com as duas categorias lingüísticas de tempo presente e pretérito para representar o Tempo cronológico e só se utiliza das formas futuras quando há motivação de ordem modal.

O trabalho de Pontes (1972), que faz um estudo do verbo no português coloquial, analisando a fala espontânea de pessoas cultas do Rio de Janeiro, mostra que nenhuma forma do indicativo específica para o futuro foi encontrada. A autora detectou em seu *corpus* de pesquisa o presente, usado para referir-se a acontecimentos próximos, e a forma perifrástica, usada para expressar um futuro mais remoto.

A autora também faz referência ao futuro do presente, embora considere essa forma *marginalizada* na linguagem coloquial. Ela comenta, ainda, que as poucas ocorrências de futuro do presente aparecem com a forma estereotipada *será que*. Parece lógico perguntar, após uma leitura desse texto, se a forma do futuro do presente está desaparecendo da língua falada e o que pode estar ocasionando esse processo.

Santos (1997) verificou a variação de quatro formas verbais para expressar o tempo futuro na língua portuguesa. São elas: o futuro simples, o futuro perifrástico, o futuro simples perifrástico e o presente do indicativo. O seu *corpus*, entretanto, foi retirado da língua escrita. A autora analisou periódicos do *Diário do Congresso Nacional* e da revista semanal *IstoÉ*. A análise demonstrou a preferência pelo uso das formas de futuro simples e futuro perifrástico, que foram influenciadas pelas variáveis: predicação verbal, paralelismo, tipo de texto redigido/ transcrito, fonte do dado, pessoa do verbo, número de sílabas e cadeia verbal.

A forma do presente, que, segundo Santos (*op. cit.*), nem sempre é possível para indicar futuro, apresenta como fator principal desencadeador do seu uso, o semantema do verbo de movimento. O futuro simples perifrástico (*irei fazer*) manifestou-se apenas como atenuador da informalidade da outra forma perifrástica. A análise da autora apontou as variáveis lingüísticas *predicação verbal* e *paralelismo discursivo* como aquelas que determinaram o fenômeno da variação e concluiu que o mesmo não é estigmatizado socialmente.

2 PRINCIPAIS QUESTÕES

Partindo do que foi exposto na seção anterior, formulamos algumas questões:

(a) Dado que a forma perifrástica está fazendo parte do sistema de referência ao tempo futuro em português, qual o lugar que ocupa frente ao presente do indicativo e o futuro do presente?

(b) É possível associar cada uma das variantes que expressam futuro a valores mais ou menos acentuados de modalidade e tempo?

(c) Estamos diante de um fenômeno que se comporta como variação estável ou é possível atestar uma mudança em tempo aparente?

(d) Como relacionar os processos de variação, mudança e gramaticalização que envolvem o fenômeno em estudo?

Como respostas provisórias às questões formuladas, propomos as seguintes hipóteses:

- (a) No fenômeno em estudo, a forma perifrástica vem assumindo o espaço reservado ao futuro do presente, estabelecendo, assim, a variação com o presente do indicativo no contexto de uso deste como forma para expressar o futuro.
- (b) A forma perifrástica entra na língua para codificar o futuro, motivada pela modalidade. Aos poucos, ela assume alguns contextos de maior expressão do tempo futuro e passa, então, a disputar espaço com o presente do indicativo e desencadear o desaparecimento do futuro do presente.
- (c) Como a forma perifrástica é uma forma jovem no sistema verbal da língua é esperado que ela encontre-se com maior frequência entre os jovens, o que pode sugerir uma mudança em tempo aparente.
- (d) O caminho percorrido pelo verbo IR de verbo pleno a verbo auxiliar pode ser explicado por um processo de mudança que envolve a gramaticalização. Em determinado ponto de sua trajetória, a perífrase resultante entra em variação com outras formas codificadoras do futuro, passando gradativamente a ocupar o lugar do

futuro do presente e desencadeando outro tipo de mudança lingüística.

3 OBJETIVOS GERAIS

Após a descrição das principais questões e hipóteses, apresentamos os objetivos gerais que norteiam esta dissertação:

— Descrever o fenômeno de variação que envolve a codificação de Tempo futuro, na interface sintaxe-discurso, a partir do Banco de Dados do Projeto VARSUL, contribuindo para a descrição do sistema verbal no português falado na Região Sul.

— Evidenciar que as formas perifrástica e presente do indicativo se comportam como variantes quando a função lingüística em jogo é a expressão do tempo futuro, pois a primeira está ocupando espaço do futuro do presente, caracterizando os contextos discursivos que priorizam o uso de uma ou outra forma.

— Verificar se o fenômeno investigado se comporta como variação estável ou se é possível caracterizá-lo como mudança em tempo aparente.

— Propor um percurso de gramaticalização para o verbo IR como auxiliar de tempo futuro.

— Relacionar os processos de variação, mudança e gramaticalização que envolvem o fenômeno.

CAPÍTULO II – O QUADRO TEÓRICO

Para realizar esse estudo, buscou-se respaldo teórico associando postulados da Teoria Variacionista (basicamente, Labov, 1972, 1978, 1994) e do Funcionalismo Lingüístico (cf. Givón, 1995; Hopper & Traugott, 1993, entre outros).

Um estudo prévio mostrou que os eventos situados à direita do momento de fala são expressos pelas formas verbais futuro do presente, presente do indicativo e pela forma perifrástica (IR + infinitivo), além de outras não abordadas neste trabalho, e que essas formas são variantes. O tratamento quantitativo permite investigar se estamos diante de um caso de variação estável ou de mudança em tempo aparente, rastreando os fatores condicionantes de uso de uma forma ou outra, observando seu comportamento na comunidade de fala.

Por outro lado, se a variação se verifica, segundo postulados do Funcionalismo, a forma inovadora, forma perifrástica, provavelmente, encontra-se imersa no processo de gramaticalização, responsável pelo aparecimento e uso do verbo IR como auxiliar de futuro, surgindo no espaço antes ocupado pelo futuro do presente.

Neste capítulo, primeiramente, apresenta-se a Teoria da Variação, pontuando os princípios básicos que serão abordados neste estudo: a variável sociolingüística, a variação e a mudança, o contexto de variação e os problemas de se optar por trabalhar a variação no âmbito sintaxe/discurso. Seqüencialmente, apresenta-se também o Funcionalismo Lingüístico, destacando seus pressupostos básicos, a abordagem da variação e da mudança e os princípios pertinentes ao estudo em questão. Finalizando, discorre-se sobre a gramaticalização, situando-a dentro do Funcionalismo Lingüístico e mostrando as características que a compõem, norteadoras do processo que vem sofrendo a forma perifrástica.

1 A TEORIA DA VARIAÇÃO

Willian Labov, em 1968, propõe um modelo teórico-metodológico que se apresenta como uma reação a estudos cujo alvo de pesquisa não pressupõe o componente social da língua. Para o autor, a fala, ao contrário do que Saussure

(1974:22) afirmou, não é completamente individual, mas permite a comunicação dos seres humanos em um nível bastante sofisticado. Desde que a comunicação é uma atividade social, então se pode dizer que a fala também é social. As regras ou habilidades para usar a fala são apreendidas, em sua grande parte, de outras pessoas. Segundo Hudson (1980:119), a sociedade controla nossa fala de duas formas: providenciando uma série de normas e estimulando a adesão a essas normas. Isso é um indício de que a fala é um meio de identificação social.

Ao ser observada no ato de comunicação, fala, a língua apresenta uma dimensão diferente, criativa e dinâmica. Para uma mesma referência, pode-se encontrar diferentes representações sintáticas, morfológicas e fonológicas. A língua assume, portanto, formas de representação diversas tornando-se heterogênea por natureza. A Sociolinguística focaliza essa diversidade e a usa como objeto de estudo, captando aspectos do sistema lingüístico e do sistema social, porque entende que essa variação é um princípio geral e universal em todas as línguas e pode ser descrita e analisada. A intenção é estudar a regularidade da variação, mostrar que esta é sistemática e governada por um conjunto de regras.

Deve-se fazer uma distinção entre *variação* e *mudança*. A primeira é condição necessária para que a segunda ocorra, mas o contrário não acontece. Em outras palavras, nem sempre a variação implica mudança, porém, quando se está diante de uma mudança lingüística, está-se diante de um fato que sofreu ou sofre variação! De forma bastante ampla, quando se encontram formas em variação há dois caminhos: a existência de uma estabilidade na variação ou a mudança em progresso. (Tarallo, 1997:63)

As formas lingüísticas em variação são chamadas de *variantes*, ou seja, as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. O grupo de variantes lingüísticas é chamado de *variável*.

Os mecanismos de contextualização da variação organizam-se sob uma estrutura complexa que possui origem e níveis diversos. Eles são em grande número, agem concomitantemente e estão dentro e fora dos sistemas lingüísticos. Há, portanto, variáveis internas e externas à língua. As variáveis internas estão organizadas em fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. As variáveis externas correspondem aos fatores individuais (sexo, idade, etnia), os sócio-geográficos (região, escolarização, nível de renda, profissão, classe social), e os contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva). Essa é uma divisão didática, pois que esses fatores atuam de forma simultânea e dinâmica dentro da língua.

Segundo Labov (1994:2), a mudança está envolvida na matriz estrutural das formas lingüísticas que estão relacionadas diretamente com ela e será refreada, redirecionada ou acelerada pelas suas relações com outras formas. A mudança está envolvida na estrutura da fala da comunidade:

Para entender as causas da mudança, é necessário saber onde a mudança foi originada na estrutura social, como ela se espalha para outros grupos sociais e quais os grupos que fazem resistência a ela. (Labov, 1994:3)

Labov (1975) introduz o conceito de regra variável. A regra variável deve apresentar frequência expressiva de uso e modelar-se à interferência dos fatores lingüísticos e extralingüísticos. Para investigar a regra variável de uma determinada comunidade de fala, o pesquisador precisa de um aparato que lhe permita fazer uma análise quantitativa, já que deve utilizar um grande número de dados e estudar diferentes fatores. Sua pesquisa deve ser multivariada, pois a variação entre as formas existentes pode ocorrer por influência de vários fatores ao mesmo tempo e ele realiza sua pesquisa levando em conta a fala de indivíduos dentro do grupo social em que está inserido.

É preciso acrescentar um componente importante em termos de estudo da variação que é a dimensão diacrônica das formas que estão em variação. Ainda que o estudo sincrônico seja privilegiado, pois é sobre ele que se organizam os grupos de fatores e muitas das hipóteses, o estudo diacrônico permite que se responda a perguntas como: por que o sistema lingüístico em estudo encontra-se, nesse determinado momento sincrônico, com essas características de variação?

Levando-se em conta o estudo diacrônico na análise da variação, pode-se trabalhar com duas dimensões: a mudança em tempo aparente e a mudança em tempo real.

A primeira habilita o pesquisador a perceber a situação de mudança em progresso através de um recorte na amostra sincrônica em torno da faixa etária dos informantes. Se a variante inovadora estiver freqüente entre os jovens e decrescer nos grupos de mais idade, então é possível apontar para uma mudança em progresso.

Entretanto, uma resposta que confirme as interpretações feitas em tempo aparente é a observação em tempo real, ou seja, observar a fala da comunidade em dois pontos discretos no tempo (Labov, 1994:73). Qualquer diferença encontrada ao se

confrontar as duas observações é uma resposta definitiva para a questão sobre os tipos de mudança que estão acontecendo. Segundo Labov (*op.cit.*) as diferenças de tempo real são aquilo que nós conhecemos por mudança lingüística, no seu sentido mais simples.

Existem duas formas básicas de se colher dados para um estudo de mudança em tempo real. O modo mais simples é através da consulta direta a fontes históricas. Esse é um passo importante para consolidar as hipóteses sobre mudança, ainda que seja um caminho de garimpo bastante árduo e muitas vezes pouco compensador. Encontrar documentos que possibilitem a análise lingüística não é tarefa fácil e, além disso, ainda que esses documentos apresentem uma linguagem espontânea, sempre há a formalidade do texto escrito. O outro enfoque é bem mais difícil e elaborado. Consiste em retornar à comunidade de fala depois de um período e repetir o estudo feito. Se um pesquisador estiver disposto a devotar a mesma quantidade de tempo e esforço que o primeiro investigador, ele será capaz de dizer decisivamente se a mudança continua avançando em tempo real ou se é a mudança aparente que está se repetindo. (Labov, 1994)

Labov desenvolveu alguns trabalhos (1966; 1972) que se constituíram de análises no campo da fonologia, destacando que as variações entre formas, consideradas até então como livres, têm seu uso, ao contrário, motivado por fatores sociais como sexo, escolaridade, etc. e por outros fatores, tais como o estilo, caracterizado numa escalaridade que vai do mais formal ao menos formal. Visto de outra forma, as variantes possuem o mesmo valor de verdade, porém comportam diferenças quanto a valores sociais e de estilo. Alguns pesquisadores, empolgados com os resultados das análises feitas por Labov, estenderam o estudo variacionista para outras áreas lingüísticas. Entretanto, as dificuldades de adaptação do modelo em campos diferentes do fonológico esbarraram na grande discussão da manutenção do mesmo significado nas formas alternantes.

Sobre essa questão é necessário retomar a discussão que Labov trava com Lavandera, uma vez que nosso estudo lida com um nível de análise diferente do fonológico.

Em 1978, Lavandera publica um texto no qual explicita sua dúvida quanto á validade de estudos variacionistas que analisam unidades lingüísticas acima do nível fonológico, pois acredita que toda construção sintática possui seu significado próprio. Para ela é difícil afirmar que haja variação nesses casos, uma vez que a variação consiste em duas ou mais maneiras de dizer a mesma *coisa* em um mesmo contexto e tendo o mesmo valor de verdade. Por esse motivo, a autora propõe um alargamento da

condição de “mesmo significado” para *comparabilidade funcional* (Lavandera, 1978:181).

Nesse ponto, visualizam-se duas formas de se realizar um estudo variacionista: ou aceitam-se enunciados que possuem a mesma intenção comunicativa, mas não necessariamente o mesmo significado, como variantes da mesma variável; ou restringe-se o estudo ao nível fonológico, no qual se mantém a idéia inicial de dizer a mesma coisa por diferentes maneiras, respeitando apenas as diferenças de estilo e/ou sociais.

Labov responde ao texto de Lavandera propondo um significado referencial, chamado de significado representacional ou *estado de coisas* e afirma (Labov, 1978:02): *dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade.*

O autor ainda propõe duas funções de linguagem além da função referencial: a função de identificação do falante e a função de acomodação ao ouvinte, que são funções secundárias. A primeira define-se na forma como o falante afirma sua identidade por meio da fala e a segunda é como esse modela sua fala para se adequar ao ouvinte. Dessa forma, os métodos da sociolinguística variacionista tornam-se confiáveis. Na escolha da variável o que conta é a igualdade do significado referencial das variantes.

Neste trabalho, as variantes presente do indicativo, forma perifrástica e futuro do presente possuem o mesmo significado referencial: o tempo futuro. Aliando a teoria da variação à abordagem funcionalista, realiza-se um estudo que permite controlar os fatores mais relevantes à escolha de uma variante em detrimento de outra e se investigam, também, eventuais condicionamentos semânticos, pragmáticos e discursivos (entre outros) que apontem tendências de uso de uma ou outra forma alternante.

2 O FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

A abordagem funcionalista parte do princípio de que a gramática não é autônoma, mas depende do discurso. Para entender a gramática, e também a língua, é preciso que se faça referência aos parâmetros naturais que modelam essas entidades, tais como cognição, comunicação, interação social, cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

No processo comunicativo a língua é adquirida e a gramática emerge e muda. A forma ajusta-se, criativamente e estimulada pelo contexto, para novas funções e novos

significados. A variação e a indeterminação são partes necessárias para o mecanismo que modela e remodela a competência. Assim, ao estudar o discurso é possível entender os mecanismos que estão por trás dele, a competência do falante. (Givón, 1995:7)

O modelo funcionalista da gramática se diferencia do modelo proposto pelos formalistas: o primeiro busca uma explicação para fatos lingüísticos de forma associada à situação comunicativa, às relações funcionais que estes estabelecem com o contexto lingüístico e fora deste âmbito, como: que características sócio-culturais o usuário possui, com quem ele fala, com que propósito fala, etc.; enquanto o segundo faz a abstração do uso ao mesmo tempo que demonstra suas descrições e regras com exemplos artificiais e isolados.

Se a gramática resulta do processo de regularização que surge das pressões de uso, então ela nunca se estabiliza. A mudança e a variação regularizam formas híbridas e/ou irregulares e, no mesmo processo, fazem surgir novas formas híbridas e irregulares.

Dessa forma, a gramática organiza-se em função de pressões externas, advindas do discurso, e pressões da sua própria estrutura e é daí que surge seu caráter não apenas funcional, mas também dinâmico. É funcional porque não faz distinção entre o sistema lingüístico e seus mecanismos e as funções que eles têm a preencher e é dinâmica porque reconhece e assume a força ativa que está por detrás do desenvolvimento da língua, na instabilidade da relação entre estrutura e função. (Neves, 1997:3)

Por um lado, as gramáticas formais interpretam a língua como uma lista de estruturas que podem estabelecer relações e enfatizam traços universais da língua, tomando a sintaxe como base desta. De outro lado, as gramáticas funcionais interpretam a língua como rede de relações, nas quais as estruturas são a realização dessas relações, e enfatizam a variação entre as línguas diferentes, tomando como base a semântica, organizada em torno do discurso.

O funcionalismo givoniano organiza-se em torno de princípios básicos que constroem a gramática funcional. Tais princípios são icônicos, ainda que não haja uma relação de um para um entre função e forma. A iconicidade caracteriza-se pela existência de uma relação não-arbitrária entre forma (código) e função (mensagem) na língua. Entretanto, tal conceito não pode ser tomado como categórico uma vez que tanto o código quanto a mensagem sujeitam-se a pressões de uso. O primeiro sofre erosão no atrito fonológico e o segundo modifica-se na elaboração criativa do falante. Assim, a tendência para a iconicidade é inegável, mas não é uma tendência absoluta, ela é fortemente atenuada pela mudança diacrônica. (Givón, 1995:59)

Por tais concepções, a teoria funcionalista de base givoniana apresenta-se como guia ideal para analisar o objeto que propomos nesta pesquisa. Ela nos permite tratar o tempo como uma categoria não-discreta; discursiva. Além disso, ao apresentar a gramática como instrumento de codificação lingüística que envolve as funções cognitivo-comunicativas de significação lexical, semântico-proposicional e pragmático-discursiva, ela abre um espaço para a discussão das hipóteses discursivo-pragmáticas que lançamos e ainda abarca o processo de gramaticalização da forma perifrástica, o que consiste em ponto fundamental neste estudo.

2.1 A gramaticalização

A gramática representa um conjunto de regularidades decorrentes de dois tipos de pressões: (i) cognitivas, conseqüência da forma como o homem interpreta e organiza na mente as informações decorrentes de sua interpretação, caracterizando-se, pois, pelo aspecto regular e (ii) de uso, geradoras das irregularidades uma vez que o discurso apresenta aspecto criativo e oportuniza a variação no sistema. Entretanto, a própria comunicação pressiona a língua em direção a maior regularidade e iconicidade. Essa competição faz da gramática uma entidade dinâmica.

Motivadas por essas pressões, a gramática e as línguas estão em constante mudança. Um desses processos de mudança lingüística é a gramaticalização¹, definida por Hopper e Traugott (1993:xv) como:

o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Dessa forma o processo de gramaticalização leva itens lexicais e/ou construções sintáticas a assumir funções na própria organização interna do discurso, *transformando-os* em itens gramaticais. Em termos prototípicos, os itens lexicais são elementos que nos remetem a dados do mundo biossocial, designam entidades, ações e qualidades. Os itens gramaticais organizam os itens do léxico no discurso. Eles ligam partes de textos, remetem a partes de texto já mencionadas, marcam a interação falante/ouvinte e expressam noções gramaticais, tais como tempo, aspecto e modo.

Através da gramaticalização é possível observar alguns fenômenos de mudança

¹ Um levantamento exaustivo sobre a gramaticalização, seus princípios teóricos e sua história foi realizado por Figueiredo (1999), em sua dissertação de mestrado.

como, por exemplo, a mudança de um elemento lingüístico do léxico (o verbo pleno IR) para um elemento gramatical (verbo auxiliar IR nas construções perifrásticas de futuro) ou a trajetória de um vocábulo para morfema (amar + hei = amarei). A gramaticalização tende a ser processada num crescente de abstraticidade (Martelotta *et al.*, 1996:49) e envolve níveis:

- a) Nível Cognitivo: como o processo de mudança metafórica, que permite que elementos do mundo concreto (do léxico) migrem para um mundo mais abstrato (da gramática).
- b) Nível Pragmático: novamente, tendo como ponto de partida a intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte, o falante utiliza conceitos mais concretos e conhecidos para expressar idéias novas.
- c) Nível Semântico: com base em conhecimentos de significados *mais velhos*, o falante explicita um sentido novo para o ouvinte.
- d) Nível Sintático: certos contextos /aspectos sintáticos estimulam a gramaticalização e justificam porque a mudança tomou efetivamente este e não aquele caminho.

Pensar que a gramaticalização é resultado de alguns processos cognitivos fundamentais que lideram a introdução de novas categorias gramaticais em todos os lugares e tempos sugere que, quanto mais velha fica uma língua, mais categorias gramaticais ela acumula (Heine *et al.*, 1991:244). Um dos efeitos dessa posição é admitir que línguas futuras serão mais gramaticais do que as faladas hoje em dia. A principal crítica a esse pensamento é que o surgimento de uma forma gramatical tende a ser seguido pelo declínio de outra forma gramatical. Essa observação sugere que a evolução lingüística é cíclica. Givón (1979:83) propõe um desenvolvimento cíclico expresso pelo esquema:

discurso > sintaxe > morfologia > zero (> discurso)

Segundo Heine *et al.*(1991:245), na literatura sobre gramaticalização há muitos exemplos sugerindo esse movimento cíclico. Assim que uma dada forma gramatical desaparece, uma nova forma é recrutada no mesmo padrão conceitual da antiga, o que resulta em um tipo de ciclo morfológico emergente. Na língua portuguesa falada, é possível admitir que esse processo está ocorrendo com o futuro do presente, uma vez que este parece estar desaparecendo, dando lugar à forma perifrástica.

Algumas características nos permitem visualizar como o processo de

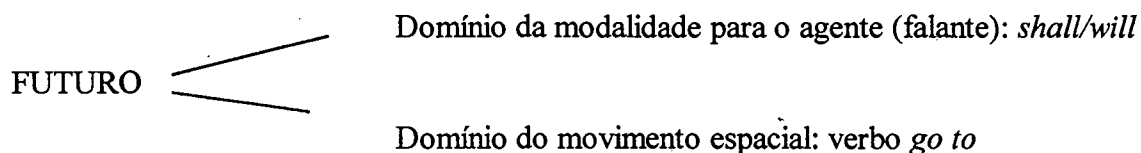
gramaticalização pode ser descrito e sinalizam o caminho que a análise de uma dada forma gramatical deve ou pode percorrer quando se encontra imersa no processo. Heine *et al.*(1991:212-215) enumeram sete características que servem como premissas para a descrição da gramaticalização, assim resumidas:

1. Manipulação Conceitual: processo pelo qual formas lingüísticas do léxico ou com menos significado gramatical são usadas para designar significados gramaticais.
2. Unidirecionalidade: como a manipulação conceitual age sempre movendo-se do significado lexical, ou menos gramatical, para outro mais gramatical, esse processo torna-se unidirecional, característica de todos os outros processos envolvidos na gramaticalização.
3. Assimetria da Forma-Significado: quando uma nova forma está se gramaticalizando, os significados usados para expressá-la retêm a forma original e o comportamento morfossintático por algum tempo. Isso resulta num estágio de assimetria no qual uma forma oferece simultaneamente dois significados diferentes. Um deles é lexical ou menos gramatical e o outro é mais gramatical. Sincronicamente, isto resulta em polissemia ou homonímia.
4. Decategorização: morfemas que estão passando pela gramaticalização afastam-se das categorias prototípicas. Eles perdem a habilidade de combinarem-se com flexões e derivações características da sua categoria morfossintática. Isso leva ao aparecimento de formas lingüísticas híbridas, mostrando características de várias classes.
5. Recategorização: é o processo pelo qual a língua restaura a iconicidade entre forma e significado.
6. Perda da Autonomia: a forma que vem sendo decategorizada perde autonomia morfossintática e torna-se dependente de outras formas.
7. Erosão: a substância fonética de uma forma gramaticalizada tende a tornar-se reduzida e/ou assimilada pelo meio. Há pelo menos dois fatores responsáveis por essa erosão:
 - Princípio da Quantidade (Givón, 1990:969): formas lexicais contêm mais informação que formas gramaticais, assim, o pedaço do código empregado para sua expressão é provavelmente reduzido quando essas formas são gramaticalizadas.
 - Frequência de uso: a alta frequência de uso de morfemas gramaticais causa um *abrasamento* (Gabelentz, 1901) na substância fonética.

A gramaticalização tem sido definida como uma estrutura contínua, isto é, o processo evolutivo das formas gramaticalizadas. Toda tentativa de segmentar esse processo em unidades discretas permanece arbitrário em alguma dimensão. Para Heine *et al.*(1991:221) o termo *continuum*, muito usado por teóricos da área, é considerado um sinônimo do termo *cadeias de gramaticalização*. Os autores argumentam que o termo *cadeias de gramaticalização* especifica melhor o processo que ocorre, principalmente na transição de uma categoria lexical para uma categoria gramatical, pois sempre há sobreposição de conceitos e estruturas morfossintáticas envolvidas, o que sugere um processo de cadeias.

Esses teóricos também fazem uma distinção entre *cadeias* e *canais* de

gramaticalização. O segundo é uma opção alternativa da língua para introduzir uma nova categoria gramatical. Por exemplo, no inglês há dois canais de gramaticalização para desenvolver marcadores gramaticais para o futuro:



Os canais são definidos com referência ao seu ponto final ou ponto inicial e se referem às diferentes linhas de desenvolvimento da mesma fonte. As cadeias de gramaticalização referem-se ao que aconteceu no caminho da forma lexical para a forma gramatical, ou seja, a natureza do processo que levou um verbo ou auxiliar a tornar-se um morfema de futuro, por exemplo. As cadeias são a estrutura interna desses canais ou parte dessa estrutura interna. Elas estão relacionadas com a natureza cognitiva, morfossintática e fonética dos canais. Elas podem ser interpretadas, simultaneamente, segundo Heine *et al.* (1991: 222) de duas formas:

- I. Há sempre um estágio no qual a estrutura anterior e a posterior coexistem como opções de variação, antes da forma posterior tomar seu lugar.
- II. Ao invés de pensar em variação, pode-se pensar em estágios intermediários que incorporam elementos das duas estruturas, mas não podem ser descritos exhaustivamente em nenhuma das duas.

A gramaticalização é o resultado de manipulação de conceitos e de reestrutura cognitiva. Isso significa que a iconicidade entre estruturas conceituais e estruturas lingüísticas está sempre sendo manipulada. O resultado disso é a assimetria entre estrutura cognitiva e estrutura lingüística, o que parece ser outra característica das cadeias. Essas cadeias são similares, em sua natureza, às cadeias de sentido. Uma das maiores implicações disso para a estrutura da língua é que elas criam a polissemia. Um dos axiomas mais usado por aqueles que aderem ao modelo de gramática natural é *uma função, uma forma*. Entretanto, cada instância da gramaticalização pode ser vista como uma violação desse princípio. A polissemia, que é uma característica das cadeias, constitui um dos típicos resultados da gramaticalização.

A fim de explicar não a questão do *mais* ou *menos* gramaticalizado e sim do que está *dentro* ou *fora* da gramática, Hopper (1991:22) propõe cinco princípios que regulam o caminho da gramaticalização. Vamos apresentá-los, a seguir, relacionando a

cada um deles aspectos do fenômeno investigado. São eles:

- 1) **Estratificação:** no domínio funcional, novas camadas estão emergindo continuamente. As camadas velhas, entretanto, não são descartadas e podem coexistir e interagir com as novas camadas. Assim, acontece a coexistência de formas com função similar que podem ser ou não estáveis. É o caso, no português, do futuro do presente e da forma perifrástica.
- 2) **Divergência:** quando uma forma lexical se gramaticaliza, por exemplo, um auxiliar, um clítico ou afixo, a forma que lhe deu origem pode permanecer como um elemento lexical autônomo e sofrer as mesmas mudanças que sofre qualquer forma lexical. Isso resulta em múltiplas formas tendo em comum a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente. O verbo IR mantém seu estatuto de verbo pleno em *Vou para Rio Grande na sexta-feira* e aparece também como verbo auxiliar na forma perifrástica: *Vou terminar o texto na sexta-feira*. A divergência é um tipo de estratificação, pois implica na coexistência de formas.
- 3) **Especialização:** dentro do domínio funcional é possível existir várias formas com diferenças semânticas sutis. No momento da gramaticalização, essa variedade de formas diminui e aquelas formas selecionadas adquirem significados gramaticais mais gerais. Uma forma, então, pode tornar-se obrigatória, já que a possibilidade de escolha diminui. Nesse trabalho, pretendemos mostrar alguma especialização da forma perifrástica. Nossa hipótese é de que ela entra na língua para expressar maior modalidade.
- 4) **Persistência:** ao sofrer a gramaticalização de uma forma lexical para uma forma gramatical, um item tende a manter traços de seus significados lexicais originais e parte da sua história lexical pode aparecer nas restrições sobre sua distribuição gramatical, ou seja, acontece a permanência de vestígios do significado lexical refletido no comportamento gramatical da forma. Especula-se que o verbo IR, nesse caso, mantém seu traço aspectual que expressa o curso de fatos a partir de um ponto locativo ou temporal qualquer.
- 5) **Descategorização:** quando ocorre a gramaticalização de uma forma, esta tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e sintáticas que são próprias das categorias plenas (nome e verbo) e assumem características de categorias secundárias como adjetivo, particípio, etc. Assim, acontece uma diminuição do estatuto categorial da forma gramaticalizada, surgindo formas híbridas. O verbo IR está assumindo uma posição de auxiliar na forma perifrástica. Entretanto, em muitos locais, como parece ser o caso de Florianópolis, a sentença *Vou ir para Rio Grande* sofre preconceito lingüístico, pois, na opinião dos florianopolitanos² é redundante dizer *Vou ir*. Isso

² Chegamos a essa conclusão, após observações e conversas informais com estudantes e professores universitários. Além disso, não há uma forma *vou ir* nos dados de VARSUL de Florianópolis.

demonstra que o verbo IR não adquiriu, ainda, estatuto pleno de verbo auxiliar.

Para que se possa entender a gramaticalização é preciso que se comentem pelo menos dois mecanismos pelos quais esse processo acontece: a reanálise e a analogia. Esses dois mecanismos são reconhecidos como significativos para qualquer processo de mudança na língua, principalmente as mudanças morfossintáticas. (Hopper & Traugott, 1993:32) A reanálise modifica representações subjacentes, sejam elas semânticas, sintáticas ou morfológicas e produz mudança de regra. A analogia, por sua vez, modifica manifestações de superfície e, por si só, não afeta mudanças de regra, ainda que promova a disseminação dentro do sistema lingüístico ou dentro da comunidade.

Tanto a reanálise quanto a analogia são mecanismos que facilitam a gramaticalização. Em alguns casos elas agem conjuntamente, em outros não. Entretanto, nenhuma das duas constitui uma obrigatoriedade para que ocorra a mudança por gramaticalização, ou seja, elas podem ser tratadas como mecanismos independentes do processo de gramaticalização.

A reanálise, segundo Langacker (citado por Hopper & Traugott, 1993:40), é a mudança na estrutura de uma expressão, ou classes de expressão, que não envolve imediatamente ou intrinsecamente modificação na superfície da manifestação. Esse conceito pode ser visto como uma mudança de fronteira no sentido de que a forma está perdendo uma fronteira e criando outra. Esse processo mais geral da reanálise redefine as fronteiras da forma, transformando uma estrutura como (1) em uma nova estrutura (2):

(1) (A, B) C

(2) A (B, C)

Para Heine *et al.* (1991:217) existe grande iconicidade entre processos cognitivos e padrões lingüísticos. As categorias metafóricas se refletem na estrutura lexical, e existe uma correspondência entre essas categorias e as classes de palavras. Então, é provável que, na transferência de um conceito para outro, o *status* da palavra-tipo usada para expressar aquele conceito seja afetado. E ainda, se um morfema é gramaticalizado, isso afeta não apenas sua posição sintática ou pragmática, mas também o constituinte da sentença ao qual pertence.

Ainda que existam razões para assumir que a gramaticalização e a reanálise sejam processos inseparáveis, elas devem ser vistas como processos separados,

principalmente por causa de duas considerações: (i) A gramaticalização é um processo essencialmente unidirecional e a reanálise não e (ii) a gramaticalização não precisa ser acompanhada pela reanálise.

A analogia, por outro lado, refere-se à atração de formas existentes a construções já existentes, ela opera ao longo do eixo paradigmático enquanto a reanálise opera no eixo sintagmático. As duas, no entanto, envolvem inovações dentro dos diferentes eixos.

Apenas a reanálise pode criar novas estruturas gramaticais (Hopper & Traugott, 1993:57). Entretanto, não se pode subestimar o papel da analogia no estudo da gramaticalização. O trabalho da analogia pode ser visível na estrutura superficial e, em muitos casos, é a primeira evidência, tanto para o falante de uma língua quanto para os lingüistas, de que uma mudança está ocorrendo.

Esse processo é freqüentemente visto como generalização de regra, no sentido que generaliza uma regra de um domínio relativamente limitado para um mais amplo. Ainda que a analogia não atinja todas as formas, em combinação com a reanálise ela serve como mecanismo que facilita a mudança.

Um exemplo dessa *união* em favor da mudança pode ser ilustrada com o processo de gramaticalização do verbo GO em inglês em auxiliar que expressa um futuro imediato, derivado historicamente do verbo de movimento GO em contexto específico. A interação da reanálise com a analogia representa o desenvolvimento da expressão *be going to* de uma frase com sentido direcional para a expressão do futuro. Em um primeiro estágio, O verbo GO sofre a reanálise, como se observa em (3a), seguindo o modelo lógico exposto em (1) e (2):

(3a) [*be going*] [*to*]
 (A, B) C

(3b) [*be*] [*going to*]
 A (B, C)

Em (3b), através da reanálise, o auxiliar de futuro combina-se com verbos de ação, tais como *visit, work, buy*, etc. Através da analogia cria-se uma extensão, partindo dos verbos de ação para outros tipos de verbos, como, por exemplo, *like, love, think*.³

Ainda que se considere a analogia do ponto de vista da generalização de tipos de estruturas lingüísticas há, entretanto, outra perspectiva da analogia: a da generalização de padrões de uso, como reflexo da freqüência com que cada dado das estruturas podem

³ Sobre o desenvolvimento do verbo GO em auxiliar de futuro, veremos uma explicação mais detalhada adiante.

ocorrer ao longo do tempo. Hopper & Traugott (1993:59) citam o trabalho de Fries (1940) que estudou a mudança na ordem das palavras no inglês, cuja formação da ordem verbo-objeto foi traçada por textos distribuídos em intervalos de cem anos. Em uma análise quantitativa, ele trabalha com uma amostra de textos em intervalos de tempo regulares e mapeia as mudanças de forma e significado de uma construção específica como uma função de frequência de uso no discurso.

O tipo de mudança que a fórmula $A > A/B > B$ caracteriza é analisada não do ponto de vista dos tipos de construção (como $OV > VO$ ou futuro perifrástico $>$ futuro afixal), mas do ponto de vista de ocorrência de dados (o quanto o futuro perifrástico e o futuro afixal são usados frequentemente ao longo do tempo). O método quantitativo diacrônico captura o aumento progressivo de casos da construção mais nova B em detrimento da construção mais velha A. Tipicamente, o estágio inicial já se encontra em variação e o estágio final pode ainda estar em variação. Tais estudos quantitativos ressaltam a gradualidade da disseminação da mudança.

O desenvolvimento de categorias gramaticais envolve transferência metafórica. A metáfora permite ao homem compreender o mundo das idéias em função do mundo concreto. (Martelotta *et al.*, 1996:49) Por esse motivo, ela funciona como estímulo para os processos de gramaticalização e pode-se afirmar que ela está na base da mudança.

Para Heine (1992:20) há, de fato, boas razões para argumentar que a mudança de *be going to* do sentido léxico/concreto para o gramático/abstrato tem uma base metafórica. Primeiro, diz respeito a como se pode entender um tipo de coisa através do uso de outro; segundo, envolve uma transferência do mundo-real para o mundo do discurso, isto é, uma transferência do mundo social e físico para o mundo da razão e crença. Assim, estamos lidando com a transferência de um domínio humano de conceitualização para outro; e terceiro, essa transferência é de fato metafórica e pode ser derivada do fato de que *be going to*, por exemplo, encaixa-se no critério comumente aplicado para definir metáfora.

O mesmo tipo de transferência metafórica pode ser observado em outros instantes da gramaticalização: eles envolvem a transferência de um domínio cognitivo para outro, com um efeito que, de um certo estágio, uma expressão sofrendo mudança torna-se aos poucos falsa ou sem sentido se tomada literariamente, ou seja, se for interpretada como designando seu sentido original.

No caso dos auxiliares, estamos lidando com uma fonte de domínio que é

caracterizada pelo conteúdo de esquemas-eventos que têm a ver com movimento, localização. Esse domínio é típico do mundo humano, no qual pessoas são localizadas em algum lugar, movem-se, agem, desejam coisas, possuem coisas, etc. O domínio alvo, por outro lado, pertence a um mundo de funções discursivas mais abstratas, especialmente de funções relativas a tempo e a valores de verdade de eventos presentes no discurso lingüístico. É preciso dizer que estamos lidando aqui com um tipo específico de transferência metafórica que tem sido chamado de *metáfora emergente* (Heine *et al.*, 1991:60-62).

Há, entretanto, pelo menos um problema com o modelo metafórico. A metáfora é comumente vista como um processo que envolve um *pulo* discreto de um domínio para outro, um processo difícil de conciliar com a gradualidade natural da gramaticalização. De fato, no caso de *be going to* a mudança de movimento físico para função gramatical prossegue em uma corrente baseada de um lado na evidência histórica: a mudança estende-se por muitos séculos e envolve muitos tipos de saltos de funções. Por outro lado, também aparece, hoje, no uso padrão desse item. Tanto o aspecto diacrônico quanto o sincrônico tem pelo menos uma função intermediária que é a intenção. Historicamente o sentido de intenção pode existir por muitos séculos enquanto a predição/futuro é um sentido bem mais novo.

Esta mudança conceitual no processo de gramaticalização é de fato um contínuo, devido a circunstâncias particulares que dão origem a novos significados gramaticais: tais significados são derivados de sentidos existentes, por um lado, através de extensão de um contexto e, por outro lado, através da convencionalização de inferências.

Castilho (1997:48) define metáfora como *a transferência de um sentido A para um sentido B, por haver alguma similaridade entre eles; trata-se, basicamente, de um processo cognitivo*. O autor também coloca que há um ritmo unidirecional nesses processos de metáfora que vai do mais concreto para o mais abstrato, comentando que o mais importante, no entanto, é que não só a linguagem, mas também a cognição humana opera através da metáfora.

CAPÍTULO III - TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE: categorias do verbo

Em torno da palavra *tempo*, e do que ela significa para o homem, muito já foi comentado e discutido. O tempo é lembrado e estudado desde épocas remotas e sua importância para o ser humano ocupa todas as áreas do conhecimento, desde a religião até a física moderna.

Na língua portuguesa, a palavra *tempo* tem, pelo menos, dois significados básicos que são relevantes para este texto: Tempo enquanto entidade abstrata (Tempo físico) e o tempo enquanto categoria gramatical.

Definir tais categorias, entretanto, é um processo delicado, pois elas compreendem aspectos abstratos que estão ancorados nas relações entre o homem e o mundo. Por tal motivo, discorreremos neste capítulo sobre noções básicas que são adotadas ao longo desta dissertação, dentre as quais destacam-se: a visão do tempo como dêitico, as diferenças entre tempo, aspecto e modalidade e as notações de tempo de Reichenbach (1947).

Primeiramente, tratamos em termos gerais da noção de Tempo, destacando os pressupostos lógicos de Reichenbach, o Tempo como categoria dêitica e as concepções de tempo relativo, absoluto e relativo-absoluto; em seguida, comentamos resumidamente a relação entre tempo e aspecto, e na sequência, entre tempo e modalidade; por fim, discutimos especificamente a questão do tempo futuro.

Neste capítulo, vamos pontuando os conceitos que melhor sustentam e esclarecem as hipóteses levantadas neste trabalho, apoiando-nos especialmente em Reichenbach (1947), Camara Jr. (1957;1985), Lyons (1977), Fleischman (1982), Corôa (1985), Comrie (1985), Mateus *et al.* (1989), Travaglia (1994) e Fiorin (1996).

1 NOÇÃO DE TEMPO

Começamos a apresentar e discutir a noção de Tempo a partir das idéias de Corôa (1985) e de Fleischman (1982).

Para Corôa, o Tempo encontra-se definido sob três formas: Tempo cronológico, Tempo psicológico e Tempo gramatical. Tal definição é uma divisão apenas com

utilidade metodológica, pois é possível pensar o Tempo como dimensão e representá-lo como uma linha, a linha do Tempo. Essa linha do Tempo refere-se ao tempo cronológico (Tempo físico), podendo, entretanto, servir como base para representação tanto do Tempo psicológico quanto do Tempo gramatical.

Tempo cronológico é aquele que se resume a um ponto em deslocamento para a direita da linha do Tempo, cuja duração mantém-se constante, uniforme e irreversível; Tempo psicológico diferencia-se do cronológico por não se mostrar constante e uniforme já que sua existência está postulada no interior do indivíduo; e o Tempo gramatical é a representação lingüística caracterizada por um radical e morfemas.

Segundo Corôa, a TRE (Teoria da Relatividade Especial)¹ traz, para quem estuda lingüística, uma nova noção de Tempo, na qual as separações tradicionais entre Tempo físico e Tempo fenomenológico ou entre Tempo cronológico e Tempo psicológico perdem o seu valor porque se tem, agora, uma visão ampla. O Tempo é definido com respeito a um observador (Corôa, 1985:30):

Depende, então, da posição do observador a simultaneidade ou a sucessividade dos eventos e o rígido caráter unidirecional do tempo - caminhando sempre para a frente - é tomado em sua verdadeira grandeza: a irreversibilidade depende do referencial que se tome.

Partindo desse ponto de vista, o valor atribuído a uma dada proposição temporal só será estabelecido com respeito a um observador. Esse observador, porém, deve ser concebido, não como uma pessoa propriamente dita, mas como *um sistema fixo de referência dentro do qual o conjunto temporal se encontra* (Corôa, 1985:31).

Lingüisticamente, esse conjunto temporal está associado ao *verbo* e a outras palavras que possam informar sobre a ordem temporal, tais como advérbios, numerais, conjunções ou sentenças. No entanto, o uso do verbo permite ao falante/ouvinte situar-se no Tempo quanto ao desenrolar dos fatos no momento em que se fala, principalmente pela riqueza de morfemas temporais que essa classe de palavras possui, o que lhe atribui, ainda, a sua natureza dinâmica em oposição à natureza estática do nome. É através do verbo que o falante/ouvinte comumente situa no Tempo o processo da fala, do dizer sobre as coisas do mundo. As gramáticas também reconhecem esse fato e associam o conceito de *verbo* à expressão do Tempo.

¹ Os conceitos e a história da TRE encontram-se detalhados em Corôa (1985).

De acordo com Fleischman (1982:7), é importante separar Tempo do discurso de Tempo da declaração. O primeiro é uma situação temporal que fica estabelecida pela proposição da declaração e o segundo é o Tempo no qual o falante realmente produz a declaração. Os dois, entretanto, podem coincidir. O Tempo da declaração, ou momento de fala, pode ser visto como o centro do presente do falante. É o *aqui e agora* do falante, uma sensação psicológica que é intuída como uma unidade temporal advinda da experiência.

Fleischman (*ibid.*:8) argumenta que o tempo (categoria gramatical), diferente de outras categorias verbais como modalidade e aspecto, é um conceito sofisticado, encontrado apenas em culturas relativamente avançadas. Segundo a autora, sociedades primitivas fazem pouco uso do tempo objetivo ou de localizações temporais precisas dos eventos. O que se chama de categoria tempo em muitas dessas sociedades não pode ser realmente chamado de tempo, uma vez que as oposições temporais marcadas são de cedo/tarde ou agora/ não-agora. Outro argumento usado é de que existe uma prioridade conceitual de certas categorias sobre outras, supostamente manifestada na ordem pela qual essas categorias são adquiridas tanto pela criança quanto na evolução das gramáticas. O tempo é adquirido posteriormente ao aspecto e à modalidade pela criança.

O tempo, geralmente, expressa seqüência de eventos e as seqüências de Tempo representadas pela categoria tempo podem não espelhar as relações do Tempo real, ainda que muitas vezes o façam. O Tempo, construção mental e o tempo, categoria gramatical, podem não corresponder: *tempo marca seqüência de eventos como ela é filtrada através do falante, que tem várias opções de como descrever esses eventos em relação a si próprio ou a outros eventos situados ao longo da linha do Tempo (ibid:9).*

1.1 Pressupostos de Reichenbach

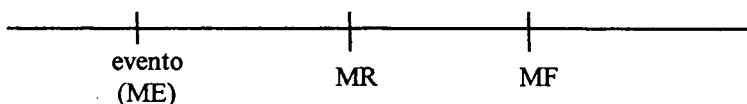
Para Reichenbach (1947:217), o tempo dos verbos identifica o Tempo com referência ao momento do ato de fala. No ato de fala, o indivíduo usa palavras como *eu, você, aqui, agora* e também o tempo dos verbos que representa o Tempo em que as palavras são pronunciadas em relação aos fatos acontecidos *antes, depois* ou *simultaneamente* a esse pronunciamento.

O ato de fala — também chamado de *ponto de fala e momento de fala* — é um ponto de Tempo arbitrariamente fixado que marca o momento em que o falante produz a

declaração. O presente do falante, o *aqui e agora*, serve como um centro dêitico para a proposição contida na declaração e pode ou não coincidir com o momento de referência.

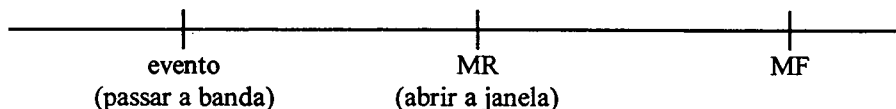
O momento de referência, igualmente chamado de *ponto de referência*, é um ponto fixo relativo, ao qual um evento predicado por uma declaração, ou em um discurso maior, é ancorado. Na sentença (1), abaixo, o evento é o passar da banda e o momento de referência é um ponto situado entre o momento de fala e o evento, que serve de sistema de referência para determiná-los:²

(1) A banda **tinha passado** pela cidade³.



O momento de referência não é encontrado com facilidade em sentenças isoladas como (1). O contexto da fala é muito importante para defini-lo. Observe como ele fica claramente definido se acrescentarmos à sentença (1), a sentença — *quando a moça abriu a janela*:

(1a) A banda **tinha passado** pela cidade *quando a moça abriu a janela*.



A ação *passar a banda* precede não só o momento de fala, mas o outro evento mencionado, *abrir a janela*, que lhe serve de referência⁴.

² Na representação gráfica, ME, MR e MF são, respectivamente, momento de evento, momento de referência e momento de fala.

³ Os exemplos desta seção foram criados por nós para ilustrar as idéias de Reichenbach.

⁴ Tratando dessa questão em especial, a de que se tem um momento de referência que não coincide com MF, é que muitos teóricos, como Fleischman (1982), Corôa (1985), Comrie (1985) e Lyons (1977), fazem uma distinção entre *tempo relativo* e *tempo absoluto*. O primeiro ocorre quando o momento de referência não coincide com o momento de fala, tal como se verifica em (1a), cuja referência é o evento *abrir a janela*, ou seja, um momento de referência temporal. E o segundo é definido quando o momento de referência coincide com o momento de fala. Essa diferença será tratada detalhadamente adiante.

O evento, *momento de evento* ou *ponto de evento*, também é um ponto marcado na linha do Tempo, sua localização nessa linha é especificada relativamente ao momento de referência ou ao momento de fala. É o momento em que acontece o evento, processo ou ação, o tempo da predicação.

O momento de evento é aquele que se manifesta de forma mais concreta, porque tem um referente temporal definido e também porque se pode captar objetivamente o intervalo de Tempo no qual ocorre o evento. O momento de fala está no ato de comunicação e refere-se diretamente ao falante/ouvinte. Dos três pontos, porém, é o momento de referência aquele que detém a maior complexidade, porque ele é basicamente teórico e seus limites não são percebidos concretamente. Mesmo com base nitidamente teórica, o momento de referência não é arbitrário.

Ao contrário do que pode parecer em uma observação superficial, os momentos de fala e de evento não dão conta de uma descrição completa dos tempos na linguagem natural. É necessário fazer uso do momento de referência, que é um sistema referencial – como o próprio nome diz – no qual está ancorada a relação de Tempo, segundo o conceito de *Tempo relativo* que a TRE postula. Quando Reichenbach incorpora o MR aos estudos lingüísticos, observa-se a visão relativa do Tempo proposta por Einstein, que se torna parte da nossa *vulgar* concepção do Tempo. É esse fato de colocar na língua uma idéia de *tempo relativo* que nos permite falar do que constitui *passado* ou *futuro* a partir do *agora*.

A partir daí, pode-se traçar uma série de definições sobre Tempo usando os três momentos distintos: MF, ME e MR. O importante é notar que se necessita de três momentos de Tempo para distinguir os tempos na linguagem natural. O autor esclarece que as possibilidades de descrever o Tempo usando os três pontos são enormes e uma língua natural nunca consegue dar conta de todas elas (*op.cit.*:296).

1.2 Tempo como uma categoria dêitica da gramática

O Tempo, entidade física, não possui nenhuma marca com a qual nós possamos localizar situações. Não possui início e nem fim e se tiver qualquer um dos dois, ainda assim nós desconhecemos sua localização. Comrie (1985:14) afirma que, entretanto, é necessário estabelecer um ponto de referência arbitrário, para que se possa localizar situações no Tempo.

Historicamente, existem vários pontos de referência com os quais marcamos nosso Tempo cronológico: o nascimento de Cristo, as guerras mundiais, a queda do muro de Berlim, etc., que não são, no entanto, usados para tempo como categoria gramatical. Para esse, a nossa escolha típica é o momento de fala como ponto de referência, o presente momento (para Tempo), o presente lugar (para espaço) e o falante/ouvinte (para pessoa). (Comrie, *ibid.*) Sendo o presente momento a escolha preferencial, as situações são localizadas em três pontos básicos: antes, depois, e durante o momento presente.

Segundo Lyons (1977:678): *o tempo, nas línguas que possuem tempo, é parte de uma moldura dêitica da referência temporal: ele gramaticaliza a relação que existe entre o Tempo da situação que está sendo descrita e o ponto temporal zero do contexto dêitico.* A categoria dêitica tempo⁵ é marcada formalmente por sufixos, itens lexicais (*hoje, amanhã, agora*), expressões lexicais (*na próxima semana, depois de amanhã*) ou auxiliares. O ponto temporal zero é o momento de fala. O tempo, assim, marca a relação entre os três tipos de orientação: MF, ME e MR.

1.3 Tempo absoluto, relativo e relativo-absoluto

Ao considerarmos as relações de Tempo estabelecidas entre as formas verbais dentro do enunciado, podemos classificar os tempos verbais em três tipos: tempo absoluto, relativo e relativo-absoluto.

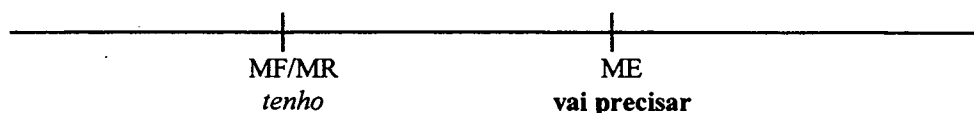
Para Fleischman (1982:10), o tempo absoluto é aquele em que o evento é relacionado diretamente com o momento de fala. Ele é essencialmente dêitico, pois sua localização envolve o falante em sentenças simples ou independentes. O evento pode ser anterior (representado por ME — MF), posterior (MF — ME) ou simultâneo (ME/MF ou MF/ ME) ao momento de fala.

De acordo com Comrie (1985), o tempo absoluto também é aquele que usa o momento presente como o centro dêitico. O autor comenta, entretanto, que esse termo, tempo absoluto, é errôneo, pois desde que ele é marcado com referência a uma outra situação de Tempo, o presente do falante, ele é, então, relativo ao momento de fala. No caso do tempo futuro, é possível admitir um tempo absoluto que esteja relacionado diretamente com um verbo no presente, exemplo (2), que o ancora no MF. Nesse caso, o

⁵ Por contraste, o aspecto é categoria não-dêitica, uma vez que a percepção de constituintes temporais internos de uma situação é muito independente da sua relação com outro ponto qualquer de Tempo.

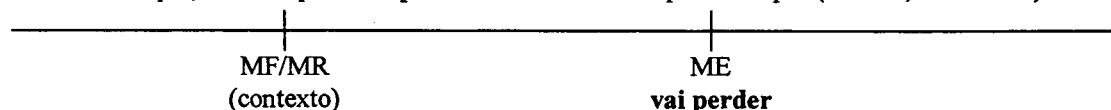
futuro perifrástico é um tempo absoluto porque tem o presente *tenho* como ponto de referência:

(2) (...) porque eu *tenho* aquela filha e ela **vai precisar** mais. (FLP 07, L558)



Em outros casos, essa referência é o próprio momento de fala, dada pelo contexto. Observe o exemplo (3):

(3) ... eles não deixam o Estreito ser município, por causa de Florianópolis. Só porque o Estreito, sendo município, Florianópolis **vai perder** essa renda toda que tem aqui. (FLP 06, L 301-304)

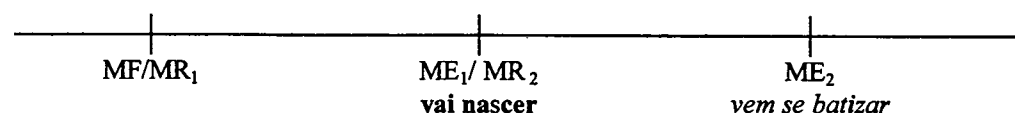


O teórico define tempo verbal relativo como aquele que tem um ponto de referência dado pelo contexto lingüístico: *onde o ponto de referência para a localização de uma situação é algum ponto no tempo dado pelo contexto, não necessariamente o momento presente.* (Comrie, 1985:56)

O tempo relativo pode ser dividido em dois: tempo relativo puro e tempo relativo-absoluto. O primeiro, conforme expõe Comrie (*op.cit.*), é representado por uma forma não finita, e tem como ponto de referência a forma finita mais próxima podendo, assim, receber a referência temporal desse ponto⁶.

O tempo relativo-absoluto, por sua vez, é aquele que toma como ponto de referência um tempo diferente do Tempo de fala. Considere a sentença (4), abaixo:

(4) É, então ela *vai nascer* na Alemanha e **vem se batizar** aqui. (FLP 08, L210)



O evento 2 (*vem se batizar*) apresenta um tempo relativo-absoluto, pois está ancorado no evento 1 (*vai nascer*) e tem esse como seu MR. Já o evento 1 ancora-se no

⁶ Como exemplo de tempo relativo temos: *João chegou cantando*. Neste caso, *cantando* assume o tempo do verbo principal *chegou*, portanto, passado.

momento de fala, representando, assim, um tempo absoluto. Temos aqui um futuro do futuro, tal como teoriza Mateus *et al.*⁷ (1989:86). Fleischman (*op. cit.*) trata o tempo relativo-absoluto apenas como relativo e, por sua vez, localiza o Tempo de um evento em sentenças dependentes com relação a um ponto de referência estabelecido, geralmente, na sentença principal⁸. Ele pode ser representado por: ME — MR (anterior), MR — ME (posterior), e MR/ME ou ME/MR (simultâneo)⁹.

2 TEMPO E ASPECTO

Embora o foco desta dissertação seja o tempo verbal, mais especificamente, o tempo verbal futuro, é importante estabelecer as relações que este tem com outra categoria gramatical, o aspecto.

Para Fleischman (1982:11), o aspecto difere do tempo em dois ângulos fundamentais: ele não é dêitico e gramaticaliza significados distintos que possuem características do evento designado pelo verbo, que não as de tempo, tais como duração, repetição, frequência e outras.

Também Comrie (1995:03) define aspecto como *diferentes modos de ver a constituição temporal interna de uma situação* e contrapõe esse conceito ao de tempo: *tempo relaciona o Tempo de uma situação a outro Tempo, geralmente com o momento de fala.* (*ibid.*:02). Entretanto, a diferença entre tempo e aspecto não é algo tão simples. Fleischman (*op.cit.*) comenta que o aspecto perfectivo, por exemplo, possui conotações temporais, um aspecto que marca um evento como completo também implica anterioridade temporal, particularmente em contextos de passado e de futuro, tal como o exemplo que ela nos traz: *Quando eu terminar de ler o livro, passarei ele para você.*

Segundo Travaglia (1994:157), os tempos do futuro não indicam aspecto por dois motivos diferentes:

- a) em primeiro lugar eles marcam o tempo futuro que atribui à situação uma realização virtual, até certo ponto abstrata, que enfraquece as noções aspectuais que estão sendo

⁷ Conferir a última seção deste capítulo.

⁸ A autora admite, entretanto, que o tempo relativo pode aparecer em sentenças autônomas, como em: *Eu estarei na praia.* Nesses casos, o MR está subentendido (*Quando você for para Rio Grande, eu estarei na praia.*) ou já foi estabelecido no discurso, por exemplo, em resposta a uma pergunta (*Onde você estará em janeiro?*).

⁹ Ver exemplos de diferentes tipos de tempo futuro na última seção deste capítulo.

- atualizadas, dificultando a percepção das mesmas, ou as anula;
- b) em segundo lugar estes tempos têm um valor modal, proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão do aspecto.

Isso parece se confirmar no momento em que o autor trata das marcas de aspecto do presente do indicativo. Conforme ele coloca, quando o presente do indicativo é usado com valor de futuro, *ele não atualiza nenhum aspecto (ibid.:136)*. No entanto, apesar de o futuro ter restrições com respeito ao aspecto, é possível encontrar alguns exemplos em que esta categoria se acha atualizada pela atuação de certos *recursos de expressões*, como coloca o autor, tais como perífrases e advérbios. Esse pode ter sido um primeiro passo para o verbo IR ter entrado como verbo auxiliar na forma perifrástica, ou seja, para marcar o aspecto¹⁰.

3 TEMPO E MODALIDADE

A modalidade, para Fleischman (1982), relaciona-se com certos elementos de significação expressos pela língua. Ela recobre nuances semânticas tais como justificativa, intenção, necessidade, desejo, possibilidade, etc. Tradicionalmente, a modalidade é definida como aquilo que tem relação com a atitude do falante sobre o conteúdo proposicional da sua declaração (*ibid.:* 13).

O modo¹¹, por outro lado, é uma categoria verbal que envolve itens morfológicos e também paradigmas verbais como subjuntivo, indicativo e imperativo.

Muitos são os teóricos que afirmam a relação estreita que o tempo futuro tem com a modalidade. Vamos comentar alguns deles a seguir.

Lyons (1977:677), ao tratar da categoria tempo e das referências temporais, afirma que o futuro não é igual ao passado do ponto de vista de nossa experiência e conceito de Tempo. A futuridade não é um conceito temporal puro, ela necessariamente inclui um elemento de predição ou relaciona uma noção modal. Entretanto, para o autor, isso não quer dizer que essas predições não possam ser gramaticalizadas paralelamente com declarações sobre passado e presente.

¹⁰ Vamos tratar desse assunto no capítulo sobre gramaticalização, adiante.

¹¹ Segundo Travaglia (1994), os termos *modo* e *modalidade* são freqüentemente usados como sinônimos. Os *modos gramaticais* (indicativo, subjuntivo e imperativo) são apenas um dos meios de marcar a modalidade que pode também ser marcada por advérbios (talvez, provavelmente), uma oração principal ou por verbos do tipo *crer*, *proibir*, e ainda pela entonação da voz do falante.

Para Mateus *et al.* (1989) o futuro como categoria lingüística reserva sempre um valor modal. O falante sempre marca nos enunciados¹² que faz, utilizando-se do futuro, a avaliação que faz da necessidade, impossibilidade, probabilidade, possibilidade da ocorrência dessas ações. Os autores dedicam uma seção inteira para provar que, além de ter um valor de tempo nos enunciados de futuro, também é possível apreender valores modais.

De acordo com Camara Jr. (1985:128), a concepção de futuro não é própria da língua. Ela resulta de uma elaboração secundária e depende de condições especiais de comunicação, está pautada mais por um raciocínio objetivo do que por um *impulso comunicativo espontâneo*. A noção de futuro está mais associada ao desejo, à dúvida, à imposição da vontade e *funciona a rigor na categoria modo*. O teórico defende que advém daí as formas que com o tempo gramaticalizam-se em tempo futuro.

Também Corôa (1985:55-56) atesta que qualquer expressão sobre o tempo futuro não pode ignorar a importância das oposições modais. A autora cita teóricos, tais como o próprio Lyons (1977), Jespersen (1958), e Martin & Nef (1981) para confirmar que no futuro não se pode negar algo tão categoricamente como se pode no passado, porque o próprio futuro é apenas uma possibilidade. O vir-a-ser escapa à certeza, está ligado ao possível e *é mais freqüentemente associado a asserções modalizantes*. Línguas como o inglês e o alemão marcam mais fortemente a modalidade, já que nelas o futuro é formado por verbos auxiliares, enquanto em outras línguas como o francês e o português, o futuro é também morfológico. As expressões de futuro são menos definidas, uma vez que não se sabe do futuro como se sabe do passado, de modo que o futuro é sempre uma possibilidade e sua formação vem transpassada pela modalidade (Jespersen, 1958, *apud* Corôa *op.cit.*).

Ainda segundo Corôa, o futuro expressa um pensamento que vai do possível para a certeza. Se o falante dá ao seu enunciado uma interpretação antecipada sobre esse movimento, ele usará a modalidade. Uma interpretação posterior caracteriza os usos temporais (Corôa, 1985:57):

Como o movimento do futuro vai de um conjunto de mundos possíveis (m) para um mundo que é (m₀), mesmo interpretações modais se orientam para a certeza e esta certeza cresce à medida que se aproxima dos empregos puramente temporais.

¹² Por estarmos resumindo as idéias principais desses autores a respeito do futuro e de seu valor modal, manteremos a nomenclatura utilizada pelos mesmos.

Martin & Nef (1981), que também são citados pela autora, representam o futuro num gráfico no qual o tempo futuro é um feixe de mundos possíveis e não uma linha contínua do passado e do presente. Essa é a forma de associar o futuro à modalidade. Quando o futuro torna-se passado, só uma das linhas do feixe mostrará o fato realizado. É possível usar as duas representações, de acordo com a língua que estiver em estudo. O futuro será tratado como modalidade se o modelo ramificado representar melhor a língua. Se, no entanto, o modelo linear for o mais adequado, o futuro será Tempo. Os autores ainda afirmam que os usos modais representam a virtualidade, característica inerente do futuro e os usos temporais do futuro opõem-se ao passado. Mesmo assim, as expressões modais caminham para a certeza, que aumenta pela proximidade dos empregos puramente temporais.

Conforme Fiorin (1996:154), o valor de verdade do tempo futuro não pode ser determinado no momento da enunciação. Daí, a única possibilidade de fazer asserções no futuro depende da avaliação que o falante *faz da necessidade, probabilidade, possibilidade ou impossibilidade da ocorrência de um dado estado de coisas*. Para o autor, a não-facturalidade das ações expressas pelo futuro lhe empresta um valor modal *acoplado* ao valor temporal.

Finalmente, Comrie (1985:43-44) define o futuro como uma situação localizada em um Tempo subsequente ao momento presente, isto é, à direita do momento presente, na linha do tempo. O esforço do teórico é de provar que, apesar da modalidade inerente ao futuro, ele possui uma marca de tempo, e o que o diferencia do passado é a característica da modalidade. Para ele, é possível ter uma referência futura sem necessariamente ter a modalidade. Entretanto, o autor não nega a modalidade do futuro e comenta que muitas das referências de tempo futuro surgem, diacronicamente, de expressões modais.

Pelo exposto acima, é possível destacar o componente de modalidade no tempo futuro. A modalidade é relevante para o futuro, não só na sua expressão, mas também na sua formação. O uso da forma perifrástica pode ser explicado através desse componente no tempo futuro. Acreditamos que ela entrou na língua para expressar a modalidade (intenção, certeza) e que após um primeiro momento, assumiu também a codificação de tempo futuro, ocupando o espaço do futuro do presente.

4 O TEMPO FUTURO

Entre os autores que tratam do tempo futuro, encontram-se Camara Jr. (1957;1985), Fleischman (1982), Comrie (1985), Corôa (1985), Mateus *et al.* (1989), Fiorin (1996), cujas concepções encontram-se apresentadas em diferentes partes desta dissertação, especialmente ao se tratar da imbricação entre tempo e aspecto e entre tempo e modalidade. Nesta seção, privilegamos a visão de Mateus *et al.* (1989), a qual delinea mais claramente a questão temporal do futuro.

4.1 A visão de Mateus *et al.*

Segundo Mateus *et al.* (1989:76), a categoria lingüística tempo:

...exprime, no modo de enunciação experiencial, a ordenação de intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma.

As autoras definem modo de enunciação experiencial como característico da interação verbal, na qual estão presente um EU, um TU e uma referência espaço-temporal organizada a partir do *aqui* e do *agora* do momento da enunciação.

Essa categoria lingüística está gramaticalizada nos tempos verbais e também pode ser expressa igualmente através de advérbios temporais e de conectores de valor temporal. No português, tempos naturais são presente, passado e futuro.

O futuro pode ser expresso pelas formas verbais de presente, futuro do indicativo, futuro do subjuntivo (em orações temporais ou condicionais), imperativo e presente do subjuntivo (em frases imperativas/exclamativas e certas declarativas). A forma perifrástica (Ir (presente) + Verbo (infinitivo)) expressa a localização em I_p ¹³ de um estado de coisas cuja ocorrência o falante encara como certa ou altamente provável.

Essas são características fáceis de assimilar em sentenças simples. Vejamos, então, em sentenças combinadas:

¹³ I_p : expressa, segundo Mateus *et al.* (1989), posterioridade do intervalo de tempo em que ocorre o estado de coisas (futuro).

- (5) O João terá concluído os exames antes de começarem as férias de verão.
 concluirá
 conclui
 vai concluir

Na sentença acima, os dois estados de coisas ocorrem em I_p : *concluir* ocorre num subintervalo de I_p anterior ao *começar*. O tempo de concluir é passado do futuro. Veja-se agora um exemplo de futuro do futuro:

- (6) Ele terminará o curso e será um bom médico.
 vai terminar
 termina vai ser

Em (6), os estados de coisas ocorrem em I_p : *ser* é posterior a *terminar*. O tempo de *ser* é futuro do futuro.

Pode ocorrer um futuro cotemporal, ou seja, simultâneo. Nesse caso, os estados de coisas descritos e localizados em I_p exibem a mesma ordenação temporal relativa, ocorrem no mesmo intervalo de tempo. Admita-se que I_s é o intervalo em que ocorre o estado de coisas descrito pela oração temporal e I_t é aquele em que ocorre o estado de coisas descrito pela outra oração subordinada. Para as autoras as duas orações devem ter o mesmo tempo lingüístico. Dessa forma, é possível cambiar o presente com a forma perifrástica. Por exemplo:

- (7) Enquanto colocas gasolina, vou ao banco.
 vais colocar vou ir

Há também um tipo de combinação na qual uma oração está contida dentro da outra. Os estado de coisas descrito e localizado em I_p da primeira oração é anterior/simultâneo ou posterior ao que é descrito pela segunda oração, quando estamos nos referindo à sua ordenação temporal relativa. Essa é pelo menos uma possível interpretação. Por exemplo:

- (8) Ele estará
 está em Paris quando a criança nascer.
 vai estar

Ao discutir mais profundamente sobre futuro enquanto categoria lingüística, Mateus *et al.* (1989:86) afirmam que as proposições contidas em I_p são indeterminadas quanto ao valor de verdade no momento da enunciação. Uma sentença como (9) só terá seu valor de verdade no subintervalo de I_p designado pelo advérbio *amanhã*, ou seja, no momento da enunciação de (9), seu valor de verdade é indeterminado.

- (9) Vai chover em Floripa amanhã.

Compare as sentenças em (10). A indeterminação está na origem da agramaticalidade de (10_a) *versus* a gramaticalidade de (10_b) e (10_c):

- (10)
- a. * É um fato que vai chover em Floripa amanhã.
 - b. É um fato que choveu em Floripa ontem.
 - c. É um fato que chove em Floripa agora.

Para as autoras, *só pode ser assertada na modalidade do factual uma proposição cujo valor de verdade seja determinável em I_e* .¹⁴ (*ibid*:86) Dessa forma, o futuro lingüístico exprime sempre, junto a um valor temporal, um valor modal de não-factuality, excluindo as sentenças que expressam *verdades* científicas, como:

- (11) A Terra girou, gira e girará à volta do Sol. (*ibid*:86)

A não factuality do futuro determina que a relação epistêmica do falante com os estados de coisas que as sentenças descrevem seja o ponto de asserção das proposições. São os valores de necessidade, probabilidade, possibilidade, entre outros que levam o falante a fazer escolhas dentre as alternativas de que dispõe no momento de expressar o futuro.

¹⁴ I_e : é a equação, segundo Mateus *et al.* (1989), que expressa uma ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descritos relativamente ao intervalo de tempo em que ocorre a enunciação.

Segundo as autoras, no português a seleção dos tempos e modos verbais usados para expressar o futuro é determinada pela modalidade em que a proposição é assertada pelo falante. Esse princípio só não serve para um futuro que as autoras chamam de iminente, isto é, *a iminência ou adjacência do subintervalo de I_p relevante relativamente a I_e que determina o tempo e modo verbal utilizado.* (ibid.:87)

Na língua portuguesa o presente do indicativo e a forma perifrástica são responsáveis pela expressão do futuro iminente. Essas duas formas aparecem ao lado de advérbios temporais, tais como *agora, imediatamente* ou em contextos nos quais é possível recuperar tais expressões. Vejam-se os exemplos:

(12) Eles telefonam já.

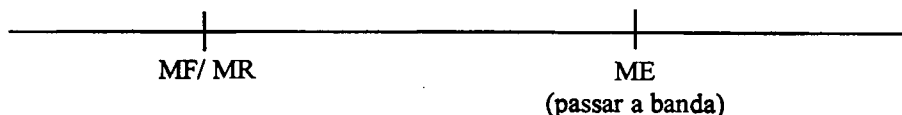
(13) Vamos sair imediatamente.¹⁵

Essas idéias nos permitem definir futuro do futuro e futuro cotemporal e utilizá-las em um dos nossos grupos de fatores. Além disso, detalham com mais precisão o fenômeno que estamos analisando.

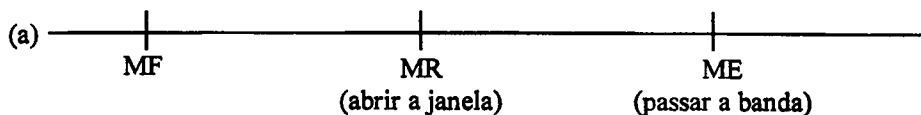
4.2 Ainda sobre o tempo futuro

Retomamos, para concluir a seção sobre o tempo futuro, nosso exemplo da *banda* apresentado no início deste capítulo, visualizando os diagramas para os três tipos de futuro descritos, resgatando as noções de MF, MR e ME:

(14) A banda **passará** pela cidade.

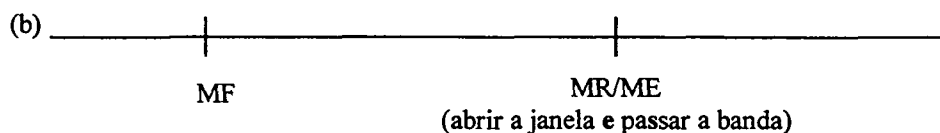


(15) A banda **passará** pela cidade quando a moça **abrir** a janela.

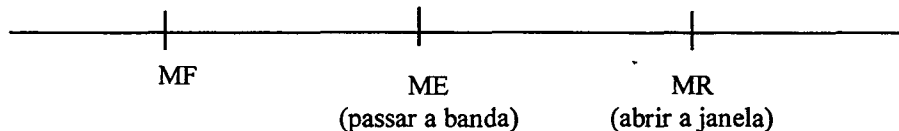


ou

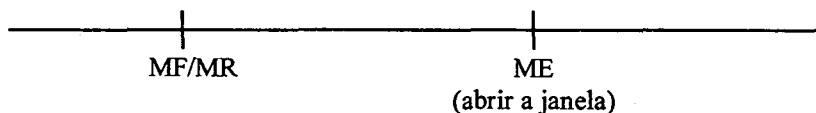
¹⁵ Exemplos adaptados de Mateus *et al.* (1989:87).



(16) A banda **terá passado** antes da moça **abrir** a janela.



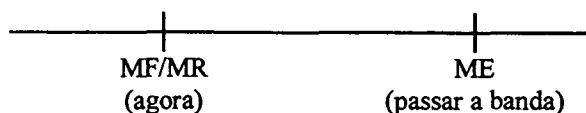
Em (14) o futuro do presente descreve-se como um ponto à direita do MF e junto ao MF ancora-se o MR. Para (15), há pelo menos duas notações: uma delas (a) separa as duas ações (*passar* e *abrir*) e anula a co-temporalidade. Esse é um caso de futuro do futuro. Em (b) a primeira ação *abrir a janela* é representada numa oração cujo MR ancora-se em MF:



Essa oração (*abrir a janela*) fixa-se como MR da segunda oração (*passar a banda*), caracterizando a segunda ação como futuro do futuro.

Vale a pena destacar ainda que o tempo presente pode marcar o futuro, ajudado pelo contexto de futuridade que se estabelece na interação falante-ouvinte. Nesse sentido, mesmo uma sentença como (17), na qual aparece o advérbio *agora*, é passível de uma interpretação futura, mostrando que não é essencial o uso de advérbios ou locuções adverbiais que indiquem futuro — tais como *amanhã*, *no próximo dia*, *na semana que vem* — na sentença, para confirmar o uso do presente do indicativo expressando futuro.

(17) Agora, a banda **passa** pela cidade.



Essa afirmação contrapõe-se ligeiramente ao que nos dizem as gramáticas normativas. Cunha & Cintra (1985:438) comentam que o presente pode marcar um fato

futuro, mas *para impedir qualquer ambigüidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial*; e mostram exemplos como:

(18) Amanhã mesmo vou para Belo Horizonte e lá **pego** o avião do Rio. (Grifo nosso)

Também Bechara (1987:274) e Cegalla (1979:374) confirmam o uso do presente para expressar um fato futuro, sendo, assim, um substituto do futuro do presente. Eles não comentam sobre a necessidade de um advérbio, mas seus exemplos trazem o advérbio *amanhã*:

(18) Amanhã eu vou à cidade. (Bechara, 1987:274)

(19) Amanhã vou a Petrópolis. (Cegalla, 1979:374)

Entretanto, é possível encontrar a forma do presente do indicativo marcando tempo futuro, sem a existência de advérbios. Repare no exemplo (20), retirado do Banco de Dados do VARSUL:

(20) Eu não te quero mais aqui dentro de casa, e se não saíres tu, **saio** eu. Eu **passo** a mão nas crianças e **saio**, **saio** por aí. Nós vamos dormir até debaixo da ponte, em qualquer lugar, mas contigo não tem mais condições de viver. (FLP 03, L 744-747)

O exemplo acima mostra que é o contexto de futuridade estabelecido entre falante e ouvinte que justifica o uso do presente do indicativo no lugar do futuro do presente, marcando a futuridade do evento.

CAPÍTULO IV – O CAMINHO DA GRAMATICALIZAÇÃO

A gramaticalização, em termos gerais, focaliza o caminho pelo qual as formas gramaticais são construídas. Trata-se, pois, de um fenômeno da língua, que mostra, também, como as formas tornaram-se ainda mais gramaticais através do tempo. Neste capítulo, abordamos a gramaticalização de IR do estatuto de verbo pleno de movimento para auxiliar indicando futuridade que, a partir deste momento, vamos tratar como verbo IR e auxiliar IR.

Apresentamos, primeiramente, alguns estudos feitos por Camara Jr. (1957; 1967 e 1985); Fleischman (1982); Heine *et al.* (1991); Heine (1992) e Hopper & Traugott (1993). A seguir, é discutida a gramaticalização do verbo pleno de movimento IR no verbo auxiliar da forma perifrástica IR + infinitivo.

1 A GRAMATICALIZAÇÃO DE EXPRESSÕES DE FUTURO

Bybee *et al.* (1991) propõem, em um trabalho chamado *Back to the future*, duas hipóteses: (i) que o futuro em todas as línguas desenvolve-se de um pequeno grupo de fontes lexicais e que os morfemas de futuro passam por estágios de desenvolvimento similares e (ii) que a mudança semântica na gramaticalização é acompanhada de redução da forma pela qual o morfema perde a sua independência e pode fundir-se com o material adjacente.

O estudo dos processos de gramaticalização das formas que expressam o futuro¹ mostram que há grande possibilidade da hipótese (i) estar correta, o que permite aproximar pesquisas sobre os movimentos de gramaticalização desse fenômeno. Quanto à hipótese (ii), o trabalho com a expressão *be going to*, desenvolvido por Hopper & Traugott (1993), e também o estudo realizado por Camara Jr. (1957/1985) sobre o surgimento do futuro sintético no português levam-nos a crer que ela também se confirma.

¹Alguns exemplos desses estudos: Camara JR. (1957/1985), Fleischman (1982), Bybee *et al.* (1991/1994) e Hopper & Traugott (1993).

Essas duas hipóteses propostas por Bybee *et al.*, em particular a primeira, são relevantes para esta dissertação, principalmente porque a gramaticalização do verbo IR como auxiliar de futuro, e posterior morfema de futuro, está em fase inicial, sobre a qual poucas coisas podem realmente ser afirmadas.

Para tornar legítimo o processo que vamos descrever na seção seguinte é imprescindível compará-lo com os estudos de Hopper & Traugott (1993), Camara Jr. (1957/1985), Heine (1992) e Heine *et al.* (1991). Especialmente com o texto de Hopper & Traugott, pois os autores fazem uma descrição completa do que ocorreu com a expressão *be going to* (equivalente à forma perifrástica IR + infinitivo no português), mostrando um processo que já se encontra praticamente finalizado.

Hopper & Traugott (1993) exemplificam parte do seu livro sobre gramaticalização usando exemplos em inglês da forma correspondente à perifrástica IR + Infinitivo no português. Eles começam analisando a sentença (1) que reproduzimos aqui com uma possível tradução em português:

(1) *Bill is going to go to college after all.* (Hopper & Traugott, 1993:1)

(Bill vai ir para a universidade afinal.)

Algumas questões levantadas pelos autores são: qual a relação entre as duas formas do verbo *GO*? São elas formas diferentes que apenas parecem e soam iguais, ou seja, são formas homônimas? São formas variantes de um mesmo morfema em contextos diferentes, sendo, então, polissêmicas? O primeiro *GO* é analisado como um auxiliar e o segundo é um verbo principal? Será que o auxiliar é derivado historicamente do verbo principal?

As perguntas propostas por Hopper & Traugott (1993) podem ser resumidas em uma única: o que o sentido do auxiliar *be going to* tem em comum com o verbo principal do qual deriva? Segundo Heine (1992), essa questão tem dois aspectos que devem ser analisados separadamente. O primeiro está relacionado com o destino do conteúdo conceptual em seu caminho do concreto, lexical, para o abstrato, entidade gramatical; e o segundo aspecto diz respeito à natureza do processo envolvido.

Para Heine (*op.cit.*:11), há uma grande discussão em torno do que acontece quando um conteúdo proposicional concreto é utilizado para referir-se a conteúdos abstratos, como as funções de tempo, aspecto e modalidade. Em algum ponto, por

exemplo, o conceito concreto de movimento em (2) transforma-se em uma função gramatical (3):

(2) *Anna is going to town.*
(Ana vai para o centro.)

(3) *Anna is going to wake up in a minute.*
(Ana vai levantar em um minuto.)

Em relação ao primeiro aspecto mencionado acima, sobre o destino do conteúdo conceptual, Heine comenta que os exemplos sugerem que, dado o contexto adequado, os itens que estão sofrendo a gramaticalização podem adquirir novas propriedades semânticas, as quais estão contidas na sua fonte lexical, isto é, o fator pragmático do contexto tem um importante papel na gramaticalização. Por esse motivo, o autor apresenta um modelo que ilustra a mudança de conteúdo sofrida pela forma *be going to*. O modelo de Implicatura² apoia-se na suposição de que no curso da gramaticalização toda a substância conceptual pode ser eliminada em favor de uma nova estrutura conceptual. O modelo é esquematizado em (4):

(4) **ab > bc > cd**

De acordo com esse modelo, um mecanismo predominante para criar significados secundários, gramaticais, é a convencionalização de implicaturas ou inferências. Tais inferências e, igualmente, os significados secundários que surgem através das suas convencionalizações, não precisam estar necessariamente no seu sentido original. Com cada nova inferência convencionalizada, partes de sentidos iniciais são perdidas, até que o sentido original (**ab**) desaparece inteiramente e apenas o novo sentido (**cd**) permanece. (*ibid.*:18-19) O que parece ser mais interessante sobre esse modelo é que existem estágios no desenvolvimento que não possuem nenhum atributo em comum, como o primeiro estágio (**ab**) e o último (**cd**), no esquema acima.

Quanto ao aspecto que diz respeito à natureza do processo envolvido nessa mudança, Heine (*ibid.*:11) afirma que o processo metafórico explica a mudança do nível

² Nesse texto, o autor apresenta, ainda, outros dois modelos. Ver bibliografia.

formas coexistem e são polissêmicas. Algumas características sequenciais desse processo foram enumeradas por Hopper & Traugott (1993:2-3):

- a) A mudança inicialmente ocorre apenas em contexto restrito de construções direcionadas de finalidade tais como *I am going to marry Bill*, que quer dizer *eu estou saindo, viajando para casar com Bill*. Ela não ocorre em contextos de direcionalidade nos quais aparece o locativo adverbial, como **I am going to London to marry Bill*, ou seja, *eu vou ir para Londres (para) casar com Bill*.
- b) O processo de mudança acontece possivelmente porque há uma inferência de futuridade na finalidade: *eu estou viajando para casar e o casamento acontecerá no futuro*.
- c) Da construção de finalidade *be going (to...)* para o auxiliar *be going to* há um processo de reanálise não só da expressão *be going to*, mas do verbo que a precede. Daí surge o esquema:

(A) — [*I am going [to marry Bill]*]

(B) [*I am going to marry Bill*]

A sentença (A) é reagrupada em (B) e envolve uma mudança de aspecto progressivo, *be going (to...)* para um futuro imediato: *be going to*.

- d) A reanálise manifesta-se apenas quando o verbo que precede a expressão *be going to* é incompatível com o significado de finalidade, ou seja, a reanálise é descoberta porque os contextos nos quais *be going to* podem ocorrer têm sido generalizados.
- e) Depois que houve a reanálise, a expressão pode sofrer as mudanças típicas dos auxiliares, tais como redução fonológica. Na verdade, os três morfemas da expressão *go-ing to* tornam-se a forma reduzida *gonna*, porque não há mais uma categoria frasal entre *-ing* e *to*.
- f) Os vários estágios de gramaticalização do *be going to* coexistem no inglês moderno (*Modern English*), ainda que as mudanças tenham origem no século XV ou anteriormente.
- g) O significado original de finalidade ainda pressiona o uso do auxiliar; *be gonna* é o futuro de intenção, planejado. Como um aspectual genuíno, ele pode aparecer em construções em que o *will* não pode:

- *If interest rates are going to climb, we'll have to change our plans.*
(Se as taxas vão subir, nós teremos que mudar nossos planos.)
- **If interest rates will climb, we'll have to change our plans.*
(Se as taxas subirão, nós teremos que mudar nossos planos.)

Essa propriedade de manter o significado deve derivar em parte do fato de que a antiga expressão *be going (to...)* coexiste com a nova e daí reforça os antigos significados.

- h) O verbo *GO* como verbo principal tem um significado relativamente geral que expressa qualquer movimento que siga do falante *para fora*, incluindo caminhar, correr, etc.
- i) Na gramaticalização, alguns dos significados de *GO* têm sido perdidos, especialmente os de movimento e de direcionalidade, e outros têm sido acrescentados. Esses significados são mais abstratos e estão baseados no falante, especialmente os significados de tempo com ênfase no tempo do falante.

A interação da reanálise com a analogia representa o desenvolvimento da expressão *be going to* de uma frase com sentido direcional para a expressão do futuro³. No estágio 1, a expressão é a significação do tempo progressivo com o verbo indicando direção e uma sentença que representa finalidade. No estágio 2, como resultado da reanálise, aparece o auxiliar de futuro com verbo de ação. No estágio 3, há uma extensão, através da analogia, da classe de verbos de ação para outros tipos de verbos, incluindo verbos estáticos. Finalmente, no estágio 4, o auxiliar de futuro surge como um morfema *gonna*, novamente através do processo de reanálise. Todos os estágios coexistem no inglês atual. Observe o quadro abaixo, adaptado de Hopper & Traugott (1993:61):

			eixo sintagmático
ESTÁGIO 1			
<i>be</i>	<i>going</i>	[<i>to visit Bill</i>]	
tempo progressivo	verbo direção	sentença de finalidade	
ESTÁGIO 2 (através da reanálise)			
[<i>be going to</i>]	<i>visit Bill</i>		
auxiliar de futuro	verbo de ação		
ESTÁGIO 3 (através da analogia)			
[<i>be going to</i>]	<i>like Bill</i>		
auxiliar de futuro	verbo		
ESTÁGIO 4 (através da reanálise)			
[<i>gonna</i>] <i>like/visit Bill</i>			
			eixo paradigmático

³ Há, entretanto, outros processos envolvidos, que já foram mencionados nessa seção.

2 A FORMA PERIFRÁSTICA IR + INFINITIVO

Conforme exposto no capítulo I, Camara Jr. (1957,1967 e 1985) defende que o futuro gramatical origina-se de um impulso lingüístico de assinalar uma atitude do sujeito/falante em relação a um processo posterior ao momento da enunciação.

No plano sincrônico, o futuro tem três funções distintas semanticamente: 1) um futuro temporal puro; 2) um futuro com gradações modais; 3) um futuro *intemporal*, *francamente transposto para modo*. (Camara Jr., 1967:33) Segundo o autor, o segundo tipo é que reflete a motivação inicial para a criação das formas futuras. O primeiro tipo resulta da intelectualização da língua e *concretiza uma função lingüística muito menos espontânea e ampla.* (*ibid.*)

Acreditamos que é com essa função que a forma perifrástica surge na língua, ou seja, para marcar traços de modalidade sem deixar de marcar também o tempo. O próprio autor admite que a forma perifrástica destaca-se, entre tantas locuções verbais de futuro, como aquela que marca uma significação temporal de futuro:

Aí, o futuro já se mostra diferenciado do presente, mas não – a maneira das formas em -r- – como tempo *absoluto* em princípio: é um tempo por vir que se estende do tempo atual sem solução de continuidade. Podemos dizer que é um futuro relativo, que coroa um processo cursivamente considerado, em vez da expressão *absoluta* ou autônoma de um processo por vir, desligado do momento atual. Complementarmente, há na significação geral da categoria a coloração modal da intenção do sujeito. (Camara Jr., 1985:170)

E o teórico ainda confirma que o auxiliar IR tem traços de valor modal e aspectual:

De um lado, assinala a intenção de fazer alguma coisa (que é uma característica modal); de outro lado, exprime um aspecto *sui generis*: o do que ainda vai acontecer: *vou sair, ia sair, fui sair, irei sair*, etc.. Essa significação aspectual dá-lhe o caráter de um futuro, a partir do pretérito ou de outro futuro. (*op.cit.*)

De fato, Costa (1990:75) atesta que o verbo IR possui um traço semântico de movimento e um caráter aspectual que *expressa o curso de fatos a partir de um ponto locativo/temporal qualquer*, ou seja, o traço de direcionalidade destacado por Hopper &

Traugott (1993). Por esse motivo o verbo IR aproxima-se das construções de futuro já que possui um carácter aspectual compatível, em parte, com o traço de imperfectividade que Camara Jr. (*ibid.*:130) assinala para o futuro, pois ele expressa o curso de fatos *a partir de* um ponto. Esse raciocínio explica o fato de, entre tantos auxiliares modais, o auxiliar IR ser aquele escolhido para indicar futuridade e é possível que explique também o crescimento que a forma perifrástica tem na linguagem coloquial.

Camara Jr. nega a interpretação de que a forma perifrástica substitui o futuro do presente, afirmando que, na linguagem coloquial, quem substitui o futuro do presente é o presente do indicativo. Se aceitamos esta colocação, podemos pensar que a perífrase ocupa um espaço mais modal na expressão do futuro e que ao tempo presente do indicativo cabe a sinalização do tom de tempo, pelo menos na linguagem coloquial. Por esse motivo é possível levantar uma hipótese que justifique o maior uso da perífrase, já que, estando ainda em processo de construção e fixação na língua, a perífrase assume o papel mais modal e aparece especificando a intenção, o desejo do falante quando expressa o futuro. Além disso, o próprio autor afirma que o componente modal é frequentemente mais usado na expressão do futuro em linguagem coloquial porque o emprego do futuro como estritamente tempo está na dependência de condições de comunicação que privilegiam um raciocínio mais objetivo.

Entretanto, analisando a estrutura da perífrase mais detalhadamente e verificando as ocorrências desta na linguagem coloquial hoje, podemos avançar nas idéias de Camara Jr. e detectar um processo do modelo de implicatura — e uma projeção metafórica, o que, aos poucos, caracterizaria a forma perifrástica como uma expressão para marcar o tempo futuro. Além disso, o auxiliar IR também pode estar perdendo parte do valor aspectual que Costa (1990) identifica.

Observe os enunciados abaixo e a descrição de cada um deles, mostrando um processo possível de gramaticalização do verbo IR em auxiliar IR.

- (6) Vou de carro para a escola.
- (7) Amanhã vou de carro para a escola.
- (8) Vou na escola para estudar.
- (9) Vou na escola estudar.
- (10) Vou estudar na escola.
- (11) Vou estudar.

Em (6) o verbo IR está no presente e marca uma ação habitual. Estão presentes o valor aspectual de expressar o curso de fatos a partir de um ponto locativo/temporal, a carga semântica do verbo pleno de movimento e o componente locativo e não há o valor modal de intenção. O enunciado (7) está pleno dos traços anteriores: aspecto, modo e movimento e ainda possui o componente locativo. A presença do advérbio de tempo *amanhã* confere à oração o tom de futuridade que, aos poucos, vai se incorporando no verbo IR, devido às suas características intrínsecas compatíveis com a expressão de futuro. É interessante lembrar que essa frase sem o advérbio torna-se, no mínimo, ambígua, podendo marcar, também, um ato rotineiro, como (6). Sem o advérbio, só o contexto poderá desfazer a ambigüidade.

Não é possível atestar com precisão a carga semântica de verbo pleno de movimento em (8), mas há um traço de finalidade reforçado pela preposição *para* e o infinitivo do verbo *estudar*. Em (9) a finalidade é expressa somente pelo infinitivo do verbo, o que põe em dúvida a carga semântica de movimento do verbo pleno e aponta para o primeiro passo do verbo IR como auxiliar pleno.

A idéia do auxiliar fica clara em (10), em que o processo de esvaziamento da carga semântica é evidente. A finalidade torna-se um traço mais fraco já que o componente locativo está deslocado. Pode-se perceber o começo da unidade entre verbo auxiliar IR e o verbo principal no infinitivo. Se a construção sofrer uma mudança, trocando-se o verbo principal *estudar* por IR, tem-se:

(10a) Vou ir na escola.

O verbo principal IR porta a carga semântica de movimento e justifica o componente locativo. É discutível se ele contém ou não o traço aspectual que Costa aponta. Percebe-se que em (10) ou (10a) o auxiliar IR marca a morfologia tempo/modo de futuro. Ainda que o auxiliar IR possa estar no futuro do presente (irei estudar) é importante notar que é no presente do indicativo que ele aparece com maior frequência. A morfologia está associada ao verbo IR e essa união é que caracteriza a nova forma para expressar o futuro.

Em (11) a unidade está completa. Não há mais o locativo e o verbo auxiliar está esvaziado de sua carga semântica de verbo de movimento. A finalidade ainda é um traço presente, mas está acompanhada de outro traço, pragmático talvez, de intenção. É no

verbo principal que se encontra a carga semântica e o auxiliar funciona como morfologia de futuro.

É possível combinar, também, o auxiliar IR com outro verbo modal, numa construção verbal tripla, como em (12):

(12) Vou precisar estudar.

Nesses casos, a carga semântica do verbo IR de movimento continua esvaziada⁴ e há um traço de finalidade. Entretanto, o traço modal de intenção de fazer alguma coisa (assinalar o início da ação) está presente e pode ser um índice de que o falante quer garantir uma maior certeza de que fará algo (como em (10) e (11)). O verbo *precisar* carrega um significado modal de necessidade que está associado a sua carga semântica, mas não marca a intenção real de fazer uma ação. Essa peculiaridade fica mais clara em (13), na qual o auxiliar IR está ausente.

(13) Preciso estudar.

No exemplo acima, não há sinalização de início da ação, apenas a necessidade expressa pelo auxiliar *precisar*. Note-se que em (13) o auxiliar está no presente exatamente como em (10), (11) ou (12), e a idéia de futuridade se mantém. Neste caso, talvez a função do auxiliar IR (*vou precisar estudar*) seja de marcar a intenção do falante, uma vez que o verbo modal carrega uma certa futuridade que está inerente a sua carga semântica.

O processo de gramaticalização do verbo IR no auxiliar IR não se encontra tão avançado quanto o processo da forma *be going to* descrito por Hopper & Traugott (1993). Mesmo assim, é possível levantar alguns pontos em comum, a partir das características que os autores apresentam da gramaticalização da forma em inglês, expostas neste capítulo:

a) Ao contrário da expressão *be going to* a forma perifrástica pode ocorrer em contexto

⁴ Ao assumir que a carga semântica do verbo IR está *esvaziada*, não queremos dizer que está completamente nula. Esse é mais um processo contínuo do que um fato consumado. Certamente há sempre um *movimento* no sentido de tornar-se vazia de significado.

de direcionalidade, inclusive com o locativo adverbial:

(14) *Mas o show vai sair, eu entrei em contato com Montevideo e vão ir os músicos pra lá⁵.*

b) A forma perifrástica não indica apenas finalidade na expressão de futuro no português. Há um componente de propósito, desejo e intenção. Talvez a futuridade seja fruto do componente aspectual que o verbo IR possui, que se assemelha à idéia mais rudimentar que um falante tem de tempo futuro. Observe a ocorrência:

(15) *E tu vais ir de moto?*

Não se pode dizer que o falante quer expressar a finalidade tanto quanto se pode afirmar que é um fato (no futuro) a ida do ouvinte, e que o falante busca uma resposta para a pergunta: Como tu vais ir?

c) O processo de reanálise da perífrase no português é diferente. Claro que o auxiliar está sofrendo as transformações, que foram descritas há pouco, mas a reanálise do verbo que precede o auxiliar é mais lenta. No exemplo (14) temos:

(A) - [Mas o show vai [sair]]

(B) [Mas o show vai sair]

Entretanto, para os florianopolitanos (A) não será reagrupada em (B) caso o verbo principal seja IR. Isso porque não é possível fazer a extensão, por analogia, de um verbo principal qualquer para o IR. Nesse contexto, julgamos que os florianopolitanos acreditam que há redundância. O movimento de deslocar-se de um ponto para outro já está na carga semântica do verbo IR (que não poderia ocupar o lugar de auxiliar de si próprio!). A segunda parte de (14) *e vão ir os músicos pra lá*, não ocorre em Florianópolis, onde os falantes preferem dizer: *e vão os músicos pra lá*, amarrando a futuridade com um advérbio, do tipo *amanhã* ou expressando a futuridade em outro ponto no contexto.

d) Porque o verbo IR como auxiliar ainda carrega traços de direcionalidade não é possível fazer a reanálise no contexto em que ele aparece como auxiliar de si próprio,

⁵ Os exemplos de (14) a (19) são extraídos do Banco de Dados do VARSUL do Rio Grande do Sul, produzidos por informantes de Porto Alegre.

pelo menos os falantes de Florianópolis não admitem. Segundo os dados analisados entre os porto-alegrenses ((14) a (19)), entretanto, o processo de reanálise ocorre porque o auxiliar ocupa *apenas* o lugar de auxiliar, ou seja, tornou-se morfologia que expressa futuro quando combinada com qualquer verbo no infinitivo, incluindo o próprio IR.

e) Não há indícios de redução fonológica. Talvez o processo esteja em fase muito inicial para ocorrer as mudanças típicas dos auxiliares, mesmo em regiões nas quais a expressão auxiliar IR + verbo IR não sofra estigmatização, pelo menos não tão acentuada.

f) Também no português podemos detectar os vários estágios da gramaticalização de IR como auxiliar, relatada anteriormente, exemplos (2) a (7). Devido ao processo estar em fase muito inicial é difícil detectar outros aspectos como os que Hopper & Traugott (1993) detectaram com a expressão *be going to*.

Para realizar o estudo deste capítulo e mostrar como esse processo está evoluindo, pesquisamos, em entrevistas de 24 informantes de Porto Alegre/RS e em 36 entrevistas de Florianópolis/SC, do Banco de Dados do Projeto VARSUL, contextos nos quais fosse possível detectar a forma em questão. O contexto exigido, primeiramente, é aquele que se refere ao futuro, no qual apareça a forma perifrástica estudada, que possa ser cambiada pelo verbo principal no presente do indicativo ou no futuro do presente simples, tais como nos exemplos:

(16) *Ano que vem acho que eu you ser rainha da bateria.*

(17) *Aí não recebo os quatro meses.*

(18) *... e nós não iremos ter filhos.*

Posteriormente, esse contexto foi restringido àquele em que aparecia a forma perifrástica, principalmente quando o verbo principal era o próprio IR, para verificar o nível de gramaticalização do auxiliar IR. Exemplos como (19) foram encontrados na cidade de Porto Alegre:

(19) - *E eu não you ir pra lá solita.*

Esse tipo de ocorrência, entretanto, é pouco freqüente nos dados do VARSUL. Nenhum dado como esse foi encontrado em Florianópolis e entre os 24 informantes da

cidade de Porto Alegre, encontramos apenas 5 dados nos quais se pode detectar o verbo IR como auxiliar combinado com o IR, verbo principal.

A falta de ocorrência desse tipo de dado, excluindo limitações de contexto e número de entrevistas rastreadas no VARSUL, sugere que o processo de gramaticalização ainda está em fase muito inicial no sul do Brasil.

Uma vez fazendo parte da língua, a forma perifrástica vai expandindo seu espaço. Primeiramente, ela entra para marcar a modalidade (intenção, certeza) nas expressões de futuro. Mas acreditamos que sua função vai além da expressão de modalidade. Por estar ocupando o lugar do futuro do presente, a forma perifrástica encaminha-se para marcar somente o tempo. Ao entrar na língua, a forma perifrástica ocupa o lugar do futuro do presente, como os dados a seguir comprovam, e desencadeia um processo de variação com o presente do indicativo, como vamos ver no capítulo VI.

CAPÍTULO V – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa lingüística seguiu alguns passos metodológicos que precisam ser explicitados para melhor entendimento dos resultados obtidos.

Neste capítulo, detalhamos tais passos metodológicos, começando pela delimitação da variável, seguido da caracterização dos informantes e do *corpus* analisado, da descrição das etapas da análise quantitativa e dos grupos de fatores controlados.

1 A DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL

Como explicitado no Capítulo I, a variável desta pesquisa tomou corpo a partir da observação empírica inicial dos dados e da leitura teórica sobre o tempo gramatical futuro. O contato próximo aos dados nos levou a fazer a primeira delimitação, explicitada ainda no Capítulo I, que se refere ao contexto de futuridade expresso a partir do momento de fala, ou seja, a direção seguida foi da função para a forma. As formas variantes do presente do indicativo, forma perifrástica e futuro do presente foram escolhidas, dentre outras que codificam o tempo futuro, por aparecerem com maior frequência dentro desse contexto de futuridade e por apresentarem um comportamento diferenciado e de variação.

Assim, a variável caracteriza-se pela expressão de futuro enquanto categoria lingüística. Essa variável tem, entre outras, três formas de expressão: as variantes presente do indicativo, forma perifrástica, composta pelo auxiliar IR no presente do indicativo + o verbo principal no infinitivo, e o futuro do presente. Resumindo, tem-se três variantes¹, a saber:

- a) presente do indicativo - estudo amanhã
- b) forma perifrástica - vou estudar amanhã
- c) futuro do presente - estudarei amanhã

¹ Como veremos a seguir, no capítulo VI, a terceira variante, futuro do presente, não obteve expressão significativa nas entrevistas rastreadas. Optamos por manter essa forma, entretanto, pois ela está diretamente relacionada com nossas hipóteses e é importante para caracterizar o processo de gramaticalização.

O contexto de futuridade deve permanecer o mesmo para as três variantes, ao ponto de permitir a variação, sem comprometer o significado, em um mesmo enunciado:

(1) A seleção que **vai ter** em março, de repente, **faço** carreira. (FLP 04, L 1231)

(2) Eu sinto muito quando eu **vou descer** morro e **subo**, essas coisas. (FLP 13, L 0139)

(3) ... tu não **vais ter** matéria pra estudar e **chega** no dia da prova tu não **consegues** a média. (FLP 10, L 0059)

(4) Eu acho que o dia que o povo der conta de que a educação é a base de tudo, acho que nós não **teremos** guerra, não **teremos** briga, não **teremos** nada, pelo contrário, o mundo **vai viver** em paz. (FLP 13, L 0773 - 0776)

Entretanto, é possível controlar a variação e estabelecer quais seriam os contextos que favorecem uma ou outra forma lingüística, mostrando que pode haver diferenças quanto aos significados estilísticos das formas, embora não se alterem os significados referenciais.

1.1 As restrições

Uma vez caracterizado o contexto de futuridade, aquele que está a direita do momento de fala, passamos à coleta dos dados. Entretanto, deparamo-nos com dados que, de uma forma ou de outra, não correspondiam ao contexto em estudo.

O primeiro tipo de dados diz respeito à forma perifrástica. Em alguns casos, esta forma não codifica o tempo futuro, principalmente quando o verbo auxiliar IR encontra-se na forma da primeira pessoa do plural nós, pois ela assume outra função discursiva, significando dúvida, convite, suposição, etc. Tais contextos merecem um outro estudo, para que se possa definir com mais precisão sua função. Vejam-se os respectivos exemplos:

(5) É, vinte e seis e uns trocados. Eu (acho) não sei, mas **vai ver** que eles façam alguma coisa, né? (FLP 06, L 0479)

(6) Agora, eu acho que um pobre assalariado, **vamos ter** pena, seu Collor. (FLP 07, L 0602)

(7) ... e a gente ia lá pra dentro daqueles, **vamos dizer** o quê? São uns quintais grandes que existiam. (FLP 13, L 0394 - 0395)

Em outro contexto, a forma perifrástica não está indicando futuridade, e parecemos que ela está em variação com o presente do indicativo para codificar uma ação habitual! Esse contexto, no entanto, apareceu apenas algumas poucas vezes, e, também,

merece um estudo mais detalhado. Observem alguns exemplos com a forma perifrástica:

(8) Elas ficam buzinando porque eu não vou atender! (FLP 13, L 1097)

(9) Eu quando chego no restaurante, eu vou direto no setor descascar verduras, né? Duas moças que são encarregadas de fazer o feijão, elas já vão iniciando, pegar peneira, as vasilhas, o feijão que sai do almoxarifado, elas já vão lavar e já vão colocando no panelão pra cozinhar. (FLP 07, L 0417 - 0420)

(10) Ah, mas ela trabalha em casa, mas ela trabalha muito porque é aquela luta, né? Limpa casa, atende a filha, vai levar no colégio, vai buscar, tem a luta dela também, né? (FLP 07, 0579 - 0581)

Agora, um caso com o presente do indicativo codificando um fato habitual:

(11) Em falta da minha senhora, eu ainda mexo com os pratinhos. Faço um bife, faço um picadinho, faço um bife a rolé, faço um purê, se for preciso, uma batata frita, o arroz. (FLP 02, L 0177 - 0179)

O presente do indicativo possui, também, uma restrição. Em alguns casos, essa forma apresenta ambigüidade e não sustenta, sozinha, o contexto de futuridade:

(12) Tantas pessoas aí, velhas, que às vezes venderam um terreno grande, uma qualquer propriedade pra viver de juro e agora, como é que vai viver? Né? Que cinqüenta mil não vai dar um juro que dê pra pessoa se manter, né? (FLP 15, L 0285 - 0288)

Embora exista um contexto de futuridade, quando se substitui a forma perifrástica pelo presente do indicativo, a ação passa a ser ou habitual ou indica o próprio momento de fala. Veja-se o mesmo dado, com a substituição realizada por nós:

(12a) *Tantas pessoas aí, velhas, que às vezes venderam um terreno grande, uma qualquer propriedade pra viver de juro e agora, como é que vive? Né? Que cinqüenta mil não dá um juro que dê pra pessoa se manter, né?*

No entanto, o contexto de futuridade existe, pois é possível substituir a forma perifrástica pelo futuro do presente, a forma específica para o tempo futuro, como atestam as gramáticas². Segundo Cegalla (1979:376), por exemplo, o futuro do presente *enuncia um fato que se há de realizar*: “*Amanhã ‘vijarei’ para a Europa*”. A troca da

²As gramáticas consultadas foram: Said Ali (1964; 1971), Cegalla (1979), Cunha & Cintra (1985), Luft (1985) e Bechara (1987).

forma perifrástica pelo futuro do presente, então, garante o contexto de futuridade:

(12b) *Tantas pessoas aí, velhas, que às vezes venderam um terreno grande, uma qualquer propriedade pra viver de juro e agora, como é que viverá? Né? Que cinqüenta mil não dará um juro que dê pra pessoa se manter, né? (FLP 15, L 0285 - 0288)*

Por esse motivo, resolvemos codificar esses dados, e, separadamente, em um grupo de fatores chamado marcas de futuridade, controlar quantos desses dados aparecem e descobrir se este é mesmo um contexto de restrição do presente do indicativo.

2 A CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

Os dados que foram usados para realizarmos esta pesquisa são parte integrante de um dos *corpora* do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). O Projeto VARSUL envolve quatro universidades do Sul do país (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC - RS) e tem como objetivo investigar e descrever fenômenos de variação e mudança nas comunidades do Sul. Nosso *corpus* compõe-se de trinta e seis entrevistas realizadas no município de Florianópolis com informantes da área urbana, distribuídos de forma homogênea em relação às variáveis sexo, idade e escolaridade, conforme o quadro 02 mostra:

Idade

	15 a 24 anos		25 a 49 anos		+ de 50 anos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Primário	2	2	2	2	2	2
Ginasial	2	2	2	2	2	2
Colegial	2	2	2	2	2	2

Quadro 01: Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais

Nas trinta e seis transcrições que pesquisamos, cada uma com cerca de uma hora de duração, encontramos 919 (novecentos e dezenove) ocorrências do contexto de futuridade descrito no Capítulo I.

3 A ANÁLISE QUANTITATIVA

Para analisar os dados encontrados em contexto de futuridade e descrever os

contextos favorecedores de uma e outra forma variante, empregamos o programa VARBRUL (Pintzuk, 1988) que fornece peso relativo dos fatores de cada uma das variáveis independentes em relação à variável dependente, mostrando qual é a influência desses fatores sobre cada uma das formas variantes. Além disso, ele fornece a seleção estatística dos grupos de fatores por ordem de relevância.

A análise de regra variável foi desenvolvida na lingüística para que desse conta da variação estruturada, governada por regras, no uso da língua. Por lidar com fenômenos variáveis e não categóricos, ela precisa ser quantitativa, pois vai desenvolver a contagem das ocorrências da variável, a descrição de tendências e os fatores que influenciam uma ou outra variante, usando métodos estatísticos.

Para Givón (1984:11), a análise quantitativa da sintaxe no discurso é como uma fase de transição que permite que possamos relacionar a língua e a comunicação com os processos cognitivos.

4 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Conforme o exposto no início deste capítulo, a variável dependente caracteriza-se por três formas: presente do indicativo, forma perifrástica e futuro do presente.

Para realizar esta pesquisa, propomos variáveis independentes: lingüísticas e sociais. Os grupos de fatores lingüísticos testados foram: número de sílabas do verbo principal, tipo de auxiliar, tipo semântico do verbo principal, tipo semântico do verbo da oração vinculada ao dado, estatuto sintático da oração na qual se encontra o dado, caráter morfológico do verbo principal, ponto de referência, pessoa do discurso, tempo/modo da oração vinculada ao dado, paralelismo formal, valor semântico/discursivo do enunciado, habitualidade do fato, marcas de futuridade, projeção do fato futuro, tipo de discurso e gênero discursivo. E três grupos de fatores sociais: sexo, escolaridade e idade.

Os grupos de fatores, sociais e lingüísticos, serão detalhados, mostrando-se tipologia e exemplos, no capítulo seguinte, junto com as hipóteses para cada um deles, os resultados e discussão.

CAPÍTULO VI – O CAMINHO DA VARIAÇÃO

Como explicitado no capítulo I, o objetivo deste trabalho é mostrar o caminho percorrido pela forma perifrástica e apresentar a situação de variação na qual ela se encontra competindo com o presente do indicativo e o futuro do presente.

Antes, porém, de nos aventurarmos por esse caminho, é importante retomar os pressupostos teóricos que nos permitiram olhar para o fenômeno em questão. É possível dizer que a função comunicativa da linguagem pode ser observada e estudada de dois modos: como algo observável no texto e/ou cognitivamente, como um fenômeno presente na mente de quem produz e compreende o texto. A linguagem, pois, envolve o processamento da informação, em termos de elaboração mental e também de codificação verbal.

Por apresentar base teórica de orientação funcionalista, esta pesquisa situa seu fenômeno de estudo em um domínio complexo, que resulta da interação de motivações de natureza diversa. Assim, estão contempladas variáveis lingüísticas que abordam: i) o nível semântico-discursivo, baseado na percepção que o homem possui do mundo real e na forma como constrói seu texto tendo como objetivo comunicar e interagir com esse mundo; ii) o nível lexical, captado na codificação lingüística, através de relações de significados estabelecidas pela sintaxe, ou por traços de significação inerentes aos itens lexicais ou a morfemas gramaticais; iii) o nível formal, no sentido de contemplar a codificação morfo-sintática, centrado na forma propriamente dita. Organizar esta pesquisa sob esse ponto de vista justifica-se a partir do momento em que se assume que se pretende investigar as motivações em competição e apontar diferentes contextos que propiciem uma ou outra forma variante. Entretanto, tais níveis não podem ser admitidos como estanques, uma vez que estão expressos conjuntamente no discurso.

Além disso, este é um estudo que se propõe variacionista e, por tal motivo, se encontram também codificadas variáveis de natureza social que nos permitem avaliar motivações extralingüísticas do fenômeno.

Colocados estes aspectos, passamos à organização interna deste capítulo. Ele é dedicado à análise do uso variável das formas presente do indicativo, perifrástica e futuro do presente e está constituído em duas grandes seções, de acordo com as hipóteses propostas no capítulo I.

Em um primeiro momento, tratamos de questões gerais a respeito da variável dependente, como ela foi controlada e quais as conclusões preliminares que se pode tirar da codificação inicial dos dados, a partir da primeira hipótese levantada, segundo a qual o futuro do presente está perdendo seu espaço como forma de codificar o tempo futuro na língua falada de Florianópolis.

Na segunda seção, damos um tratamento especial à hipótese central deste estudo, ou seja, a de que a forma perifrástica, ao entrar na língua, assume a carga de mais modalidade que o tempo futuro natural exige, deslocando o presente do indicativo. Para responder as questões propostas, organizamos nessa seção a maioria das variáveis controladas, partindo de um domínio mais amplo para o mais específico. Nossa intenção é mostrar os contextos semântico-discursivos que influenciam uma e outra forma e apontar resultados preliminares¹.

A terceira seção envolve propriedades formais correlacionadas ao uso de uma forma em detrimento de outra. Com essa seção, entretanto, não estamos dicotomizando as motivações (semântico-discursivas vs formais), a não ser no nível didático exigido para a apresentação deste texto.

Tratamos dos fatores sociais, na quarta seção, e da importância que eles assumem, principalmente a idade dos falantes, para testar a hipótese referente à mudança em tempo aparente e na última seção tecemos algumas conclusões parciais sobre os resultados que obtivemos neste capítulo.

Por fim, ainda gostaríamos de salientar que, ao longo da análise dos grupos de fatores, vamos fazer algumas comparações com o trabalho de Poplack & Turpin (1999). As autoras fizeram uma pesquisa variacionista com as formas: futuro do presente, presente do indicativo e forma perifrástica, no francês, utilizando o *Corpus du français parlé à Ottawa-Hull*, constituído de 60 falantes nativos da capital do Canadá, Ottawa. Os grupos de fatores selecionados foram: distância temporal, tipo de especificação adverbial, contingência, eminência, pessoa gramatical, negação e, entre os sociais, idade.

1 VARIÁVEL DEPENDENTE

¹ Nessa seção, nem todos os grupos de fatores mostram-se relevantes. Resolvemos incluí-los, primeiro para que possamos fazer uma análise comparativa com os resultados de Poplack & Turpin (1999) e também porque gostaríamos de pontuar o processo de realização deste trabalho e o caminho de gramaticalização da forma perifrástica.

Ao todo, foram coletados novecentos e dezenove (919) dados, distribuídos homogeneamente em termos de proporção de uso, entre os 36 informantes, com emprego predominante da forma perifrástica, à exceção de um informante, que apresentou três (3) dados a mais de presente do indicativo.

Inicialmente, a variável dependente era composta de quatro variantes, a saber:

forma perifrástica

futuro do presente

presente do indicativo

verbo IR no presente do indicativo

As três primeiras variantes são as propostas desde o capítulo I, e a última variante foi codificada separadamente para melhor caracterizar o fenômeno, uma vez que os dados codificados em Florianópolis não apresentam a forma *vou ir*, como acontece no banco de dados do Rio Grande do Sul. A variante verbo IR no presente do indicativo obteve sessenta e dois (62) dados, que foram, então, amalgamados ao presente do indicativo, pois são todas formas codificadoras de futuro mediante este tempo verbal.

Dos novecentos e dezenove (919) dados totalizados, 176 deles encontram-se em contexto de restrição da variação, em que a forma do presente do indicativo tem dificuldades em manter a significação de tempo futuro, por expressar um fato habitual, ainda que o contexto de futuridade esteja instaurado. Vejam-se os exemplos, com a forma perifrástica e a substituição (feita por nós):

(1) Ah, eles são chegados em dinheiro. Não vês agora o que os baianos fizeram?! **Vão debitar** do dinheiro deles. Tanto os vereadores como os deputados estaduais. Será que aquilo vai passar? (FLP 06, L 0494-0496)

(1a) *Ah, eles são chegados em dinheiro. Não vês agora o que os baianos fizeram?! **Debitam** do dinheiro deles. Tantos os vereadores como os deputados estaduais. Será que aquilo vai passar?*

Em (1a) o uso de **debitam** obscurece a futuridade que é instaurada pela perífrase em (1), parecendo indicar um fato habitual. Por esse motivo, esses dados, após codificados e analisados, foram retirados da rodada final, uma vez que nesse contexto a variação não se verifica, pois é um contexto exclusivo à forma perifrástica (175 dados) ou ao futuro do presente (1 dado).

Apresentamos, abaixo, a tabela 1, que mostra os resultados obtidos para cada

variante isolada, excluídos os 176 dados do contexto de restrição do presente do indicativo e com os 62 dados de verbo IR amalgamados no presente.

<i>Variantes</i>	<i>Números de dados</i>	<i>Porcentagem</i>
<i>Forma perifrástica</i>	453	61 %
<i>Presente do indicativo</i>	280	38 %
<i>Futuro do presente</i>	10	1 %
<i>Total</i>	743	100 %

Tabela 01: Distribuição das formas variantes de futuro

A primeira constatação que se pode fazer é que as formas do futuro do presente estão em declínio na fala dos florianopolitanos. Dos dez (10) dados coletados, três (3) deles fazem parte de um só contexto de futuridade, uma espécie de enumeração de coisas e são seguidos da forma perifrástica.

(2) Eu acho que o dia que o povo der conta de que a educação é a base de tudo, acho que nós não teremos guerra, não teremos briga, não teremos nada, pelo contrário, o mundo vai viver em paz. (FLP 13, L 0773-0776)

Outro dado é uma citação, um provérbio popular:

(3) Porque dizem assim: “Ah, me dizes com quem andas, que te direi quem és” (FLP 16, L 0744)

Como os contextos de ocorrência são muito particulares e os dados são escassos já não é possível afirmar que o futuro do presente está em variação com o presente do indicativo e a forma perifrástica na fala de Florianópolis. Esses dados foram também excluídos e nossa variável dependente passou a ser binária.

A pesquisa realizada por Poplack & Turpin (1999) obteve um total de 3594 dados distribuídos da seguinte forma: 2627 dados de forma perifrástica (73%), 725 dados de futuro do presente (20%) e 242 dados de presente do indicativo (7%). Como podemos observar, através dos nossos resultados em comparação com os das autoras, no francês falado em Ottawa, a forma perifrástica está concorrendo mais acentuadamente com o futuro do presente enquanto que, na língua falada de Florianópolis, ela concorre praticamente com o presente do indicativo.

É interessante comparar nossos resultados para o futuro do presente aos obtidos por Silva (1998) ao estudar o futuro do pretérito em dados de fala de Florianópolis (VARSUL). Silva analisou 385 contextos com valor temporal de futuro do pretérito, codificados por três formas alternantes:

- pretérito imperfeito (cantava/ podia cantar) = 217 dados (56 %)
- perífrase (ia cantar) + 102 dados (27 %)²
- futuro do pretérito (cantaria/ poderia cantar) = 66 dados (17 %)

Observa-se que existe uma inversão na distribuição de morfologia lexical verbal em relação aos dois futuros:

FUTURO PRESENTE	FUTURO PRETÉRITO
Vou + infinitivo — 61 %	Ia + infinitivo — 27 %
Presente — 38 %	Pret. Imperfeito — 56 %
Fut. do presente — 1 %	Fut. do pretérito — 17 %

Quadro .02: Comparação entre as formas variantes para codificar o futuro do presente e o futuro do pretérito.

Enquanto a perífrase é a forma preferencial para o futuro do presente (61%), o pretérito imperfeito mostra-se a forma mais usada para o futuro do pretérito (56 %). A forma verbal de futuro é, igualmente, a menos empregada para codificar os dois tipos de futuro, entretanto, o futuro do presente está em maior desuso (1 %) do que o futuro do pretérito (17 %)

Na rodada binária, para os nossos dados, oito grupos de fatores foram considerados significativos na seguinte ordem de relevância estatística:

1. Número de sílabas do verbo principal
2. Tipo de auxiliar
3. Tempo/modo da oração vinculada ao dado
4. Paralelismo formal
5. Tipo semântico do verbo principal
6. Ponto de referência
7. Pessoa do discurso
8. Idade

E não foram relevantes os seguintes:

Valor semântico/discursivo do enunciado

² Incluídos na perífrase 06 ocorrências de *iria* + *INF*.

Tipo semântico do verbo da oração vinculada ao dado
Estatuto sintático da oração na qual se encontra o dado
Habitualidade do fato
Marcas de futuridade
Projeção do fato futuro
Tipo de discurso
Gênero discursivo
Negação
Sexo
Escolaridade

2 O CONTEXTO SEMÂNTICO-DISCURSIVO

Sob esse nome, estão reunidos aqueles grupos de fatores que oferecem evidências para uma resposta à hipótese (b), a saber: ao entrar na língua para codificar o futuro, motivada pela modalidade, a forma perifrástica naturalmente expande seus contextos, variando com o presente do indicativo para codificar tempo. Conforme exposto na introdução desse capítulo, vamos seguir uma ordem de apresentação dos grupos de fatores que contemplam um contexto mais amplo até chegar ao mais restrito, discutindo cada um deles (independentemente da ordem de seleção estatística já mencionada).

2.1 Valor semântico-discursivo do enunciado no qual se encontra o dado

2.1.1 Caracterização e hipótese

A proposta desse grupo de fatores é caracterizar, de forma bastante ampla, o contexto no qual o dado se encontra. Foram consideradas aqui as construções que faziam parte de um enunciado complexo, cuja marca de subordinação e coordenação estivesse explícita ou não. Os fatores controlados foram:

a) Temporalidade

Quando o enunciado apresenta prototipicamente o conector *quando*.

(4) Quando eu fui, aí eu disse pra ela: “Olha, só me caso com você *quando* eu for o terceiro sargento.” (FLP 06, L 0595)

b) Condicionalidade

A marca requisitada nesse fator é o conector *se*.

(5) É tudo dinheiro, é tudo cheio de: “só se me dá isso, *se não não faço*.” (FLP 13, L 0449)

c) Epistêmico

Nesse grupo, a marca preferencial é a expressão *acho que*.

(6) Até os cinquenta anos eu *acho que* eu vivo aqui nessa terra ainda com todos os problemas que eu tenho. (FLP 16, L 0573)

d) Dúvida

As expressões *como é que*, *o que é que* e *será que* foram usadas como marca para caracterizar esse contexto³. Vejam-se os exemplos:

(7) Tudo bem, ele foi embora, *o que é que* eu vou fazer, né? (FLP 02, L 1382)

(8) ...não ficar praticando atos, *como é que* eu vou dizer? (FLP 14 L 0517)

(9) *Será que* aquilo vai passar? (FLP 06, L 0496)

e) Explicativo

Nesse contexto, foram considerados os dados que aparecem com o conectivo *porquê* e expressões como *por exemplo*.

(10) “... meu filho, vê se te flagra, vê se te, ó...cumprir as coisas, que não é assim, *porque* isso vai ser o teu futuro.” (FLP 19, L 0430)

(11) Que nem que eu, *por exemplo*, que não vou aceitar. (FLP 13, L 1307)

f) Alternativo

Para codificar esse fator, a marca exigida é o conectivo *ou*.

(12) “Não, eu vou caçar *ou* se não for caçar, eu vou pro mar.” (FLP 08, L 0473)

³ A expressão *será que* não foi codificada como futuro do presente uma vez que, como comenta Pontes (1972:93), ela já está cristalizada na língua como expressão de dúvida.

g) Finalidade

A preposição *para* foi a marca utilizada para codificar os dados de finalidade.

(13) “Ah, vamos entrar *pra* quebrar.” (FLP 13, L 0408)

(14) Eu não vou sair de casa *pra* ir na escola discutir com a professora... (FLP 15, L 0605)

h) Adversativa

Os conectivos *mas*, *no entanto* e *porém* eram previstos como marcas de codificação desse fator, entretanto, apenas o *mas* aparece.

(15) Então, se vai pegar pensão do marido ou se não vai, *mas* ela já vai ter o ganho dela também, quer dizer,... (FLP 02, L 1390)

i) Ordens e pedidos

Nesse fator, não há uma marca explícita, entretanto, sempre que o verbo encontra-se assinalando o tempo futuro e expressa uma ordem ou pedido, ele foi codificado.

(16) ... ninguém queria apitar a partida, aí o presidente: “Não, você *apita* e tal, nós damos todas as garantias.” (FLP 13, L 0295)

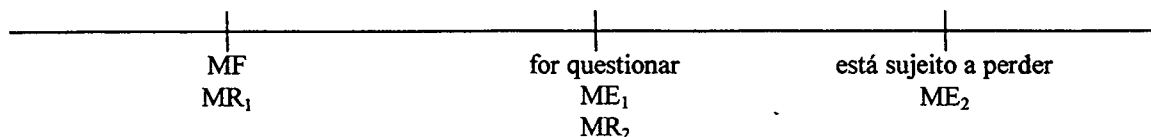
Considerando-se o traço de modalidade normalmente associado à perífrase, poder-se-ia esperar encontrá-la em contextos de condicional, uma vez que é um contexto mais modal, e a outros contextos a preferência seria do presente do indicativo. Entretanto, existe uma razão para que se dê o contrário.

Segundo Vaz Leão (1961) há três tipos de condicionais: real, potencial e irreal. Gryner (1998) argumenta que em contextos condicionais reais ocorre um número expressivo de construções com a forma perifrástica. A autora comenta ainda que as condicionais reais apresentam um pressuposto factual ou contrafactual: *as condicionais reais têm como pressuposto o fato mencionado numa informação recente, recuperável do contexto.* (Gryner, *ibid.*: 42)

Partindo dessa mesma idéia, Gibbon (1998) mostrou que as condicionais reais apresentam uma marcação de tempo mais definida justamente por apresentarem um pressuposto recuperável no contexto próximo. Também as condicionais possíveis marcam um tempo, o tempo futuro, na linha esquemática do Tempo. Para a autora, é a

posição que o falante assume, vendo o fato como possível e/ou real que marca essa diferença. Tal como o exemplo:

(17) ... se a gente for questionar, **está** sujeito a perder. (FLP 14, L 0273)



A futuridade fica estabelecida na primeira ação, que marca também a condicionalidade, pois esta ação é posterior ao momento de fala. Uma vez que se pode verificar o contexto de futuridade nas orações condicionais, então podemos pensar que esse contexto favorece o presente do indicativo, porque a marca de futuridade elimina a ambigüidade que a forma do presente do indicativo apresenta, já que esta pode marcar também um fato habitual. Ressalte-se, porém, que nesses contextos, apesar de instaurada a futuridade, mantém-se ainda fortemente a carga de modalidade hipotética.

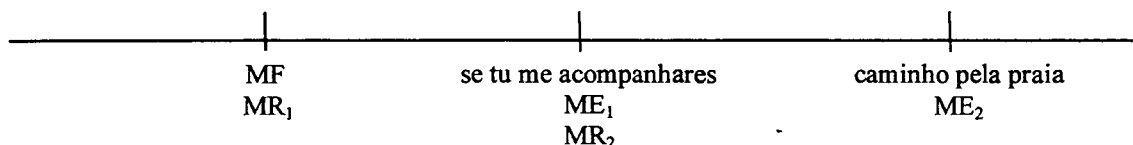
Como já comentamos no capítulo III, seção 1, o presente do indicativo, para alguns gramáticos, deveria vir acompanhado de um adjunto adverbial de forma a não permitir ambigüidade. Mostramos, no entanto, que o contexto de futuridade estabelecido no enunciado pode desfazer a ambigüidade sem que haja a necessidade de um advérbio. Por outro lado, se esse contexto não ocorre, então o presente do indicativo torna-se uma forma ambígua que pode expressar tanto um fato habitual, um fato no futuro ou ainda uma ação que está ocorrendo no momento de fala. Observe os exemplos:

- (a) **Caminho** pela praia⁴.
- (b) Amanhã, **caminho** pela praia.
- (c) Se tu me acompanhares, eu **caminho** pela praia.

No exemplo (a) existe uma ambigüidade. A ação de *caminhar* pode ser um fato habitual, uma ação que está ocorrendo neste momento ou ainda um fato no futuro. A interpretação mais provável é de um fato habitual, mas as outras interpretações não podem ser ignoradas. Na oração (b), porém, devido ao advérbio *amanhã*, as interpretações de fato habitual e ação ocorrendo no momento de fala ficam anuladas. A

⁴ Os exemplos foram criados por nós. No entanto, são enunciados muito usados na língua falada.

ambigüidade se desfaz tanto em (b) quanto em (c), pois o contexto condicional do último exemplo permite uma interpretação futura, veja o esquema:



Por esse motivo, quando um contexto de futuridade (como o contexto das condicionais possíveis e reais) ocorre, então a forma do presente do indicativo seria favorecida.

Isso não significa, reiteramos, que esse não seja um contexto de forte modalidade. Apenas que, pelo seu traço de tempo futuro, ele pode vir a favorecer o presente.

2.1.2 Resultados e discussão

Esse grupo de fatores não foi considerado estatisticamente significativo, tendo sido o primeiro a ser descartado na rodada final. Como a condicionalidade mostrou um comportamento ímpar em oposição aos demais fatores, estes foram amalgamados e o grupo passou a ser constituído por apenas dois fatores. Nesta rodada, ele foi descartado com significância 0,67. A tabela 02 mostra, em termos de frequência, que o contexto de condicionalidade inibe o uso da forma perifrástica (34%) enquanto os demais contextos a favorecem (66%).

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem
outros	152/222	66%
condicional	80/195	34%

Tabela 02: Influência do valor semântico-discursivo do enunciado no qual se encontra o dado sobre o uso da forma perifrástica.

Um cruzamento feito entre esse grupo e o grupo de fatores ponto de referência⁵ mostra que a maioria dos dados no contexto de condicionalidade estão no futuro do futuro, ou seja, MF — MR — ME e que, desses dados, apenas 29% favorecem o uso da

⁵ Esse grupo de fatores será discutido adiante.

perífrase enquanto 71% desfavorecem o seu uso.

Assim, é possível afirmar que o contexto de condicionalidade propicia o uso do presente, apesar de sua forte marca de modalidade, provavelmente porque ele apresenta um contexto de futuridade mais bem definido do que os demais contextos (explicativo, afirmativo, adversativo, etc.) que privilegiam a forma perifrástica.

2.2 Tempo/modo do verbo da oração vinculada ao dado

2.1 Caracterização e hipótese

Foram codificados os seguintes fatores, com seu respectivo exemplo:

a) Presente do indicativo

(18) Só *sei* que **vai ter** muitos cantos. (FLP 22, L 1409)

b) Futuro do presente do indicativo

(19) ... não *teremos* nada, pelo contrário, o mundo **vai viver** em paz. (FLP 13, L 0776)

c) Forma perifrástica

(20) ... ela *vai aceitar* a criança, mas não **vai aceitar** ela. (FLP 03, L 0344)

d) Pretérito perfeito do indicativo

(21) Mas ele *se arrependeu* porque nós **vamos fazer** falta. (FLP 03, L 1790)

e) Presente do subjuntivo

(22) ... aí eu disse assim, ó: “Que tu *dê* o fogão, tudo bem, e a gente **vai pagar** depois, né?” (FLP 07, L 0571)

f) Futuro do subjuntivo

(23) Se a mulher *quiser comprar* um carro, ela **compra**... (FLP 06, L 0723)

g) Gerúndio

(24) ... o Estreito, *sendo* município, Florianópolis **vai perder** essa renda... (FLP 06, L 0304)

h) Infinitivo

(25) ... às vezes dá 30 dias ou 20 dias, 10 dias, depende do problema que você está, e *tomar* passe e **vai assistir** doutrina. (FLP 14, L 0356)

A intenção, ao propor esse grupo de fatores, foi delinear o contexto temporal e modal em que se insere a variante. A expectativa é de que os tempos do modo indicativo favoreçam a forma perifrástica, uma vez que ao nos servirmos desse modo consideramos o fato expresso pelo verbo como certo, real (cf. Cunha, 1978; Cunha & Cintra, 1985 e Bechara, 1987) e o verbo IR auxiliar da perífrase seria interpretado como sendo modal, expressando a atitude de certeza, intenção ou iminência da realização do fato (cf. Mateus, 1989; Cunha & Cintra, 1985 e Bechara, 1968). Este grupo apresenta um número menor de dados, pois foram considerados apenas os enunciados que trazem orações vinculadas.

2.2.2 Resultados e discussão

Já nas primeiras rodadas, esse grupo sofreu alterações. Como os tempos do modo indicativo não apresentaram, entre si, diferença nos resultados, o mesmo ocorrendo com os tempos do modo subjuntivo, amalgamamos os vários fatores expostos em 2.2.1 em três grandes grupos: modo indicativo, modo subjuntivo e formas nominais. A tabela 03 mostra o resultado final.

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Indicativo	197/301	65%	0,59
Formas nominais	11/22	50%	0,56
Subjuntivo	27/99	27%	0,23

Tabela 03: Influência do tempo/modo do verbo da oração vinculada ao dado sobre o uso da forma perifrástica.

Esse grupo foi escolhido como terceiro significativo na rodada final. Como se pode observar, os resultados mostram evidências favoráveis à hipótese levantada: a perífrase tende a aparecer vinculada aos tempos do modo indicativo e é fortemente

restringida pelo subjuntivo. Nesse caso, o modo verbal mostrou-se mais relevante do que o tempo.

Há, entretanto, dois pontos a serem ainda considerados nesse grupo. O primeiro deles diz respeito ao paralelismo formal (Scherre, 1988)⁶ que provavelmente interferiu na escolha das formas e o segundo é o contexto de condicionalidade recoberto pelo modo subjuntivo o qual, como já foi colocado, favorece o uso do presente.

2.3 Tipo semântico de verbo principal

2.3.1 Caracterização e hipótese

Os verbos principais, aqueles que acompanham o verbo IR na perífrase ou que estão conjugados no presente do indicativo, são analisados a partir de um conjunto de traços que mostra a escalaridade do componente *movimento*, contida no seu traço semântico. Essa escalaridade é proposta por nós e os critérios utilizados para organizá-la são *deslocamento* e *quantidade de movimento* na ação intrínseca ao verbo. Por *movimento* tomamos um simples conceito do dicionário: *ato ou processo de mover (-se), animação, agitação* (Ferreira, 1988:346) e por *deslocamento*: *tirar do lugar onde se encontrava* (*ibid.*:167). Combinando esses traços, propomos o seguinte quadro:

Tipos	Traços		Exemplos
	Movimento	Deslocamento	
Movimento 1	++	++	sair, ir, andar
Movimento 2	++	+ -	fazer, namorar, brigar
Movimento 3	+	-	mostrar, comer, dirigir
Movimento 4	movimento interno (percepção, emoção)		assistir, ver, amar
Estado	-	-	ter, ser, estar

Quadro 02 – Apresentação dos critérios *movimento* e *deslocamento* para organização da escalaridade do grupo de fatores tipo semântico de verbo principal.

Nesse grupo há, também, o fator *outros* para verbos que não correspondem aos fatores propostos, tais como: *humilhar, seguir e agüentar*. Passamos, então, aos exemplos:

a) Movimento 1: movimento amplo com deslocamento no espaço.

(26) Não vou sair daqui aprendendo falar corretamente. (FLP 15, L 0328)

b) Movimento 2: movimento amplo com deslocamento menor.

⁶ Sobre o paralelismo formal há um comentário específico em 3.1, neste capítulo.

(27) Pega esses caras, vão fazer roça. Põe eles a trabalhar. (FLP 06, L 0525)

c) Movimento 3: movimento restrito e sem deslocamento.

(28) As crianças vão tomar banho. (FLP 18, L 0161)

d) Movimento 4: cognição, percepção, emoção.

(29) Como é que eu vou explicar a arapuca? (FLP 10, L 0266)

e) Estado: ausência total de movimento e de deslocamento.

(30) Só que esse não vai ser o meu nome, também. (FLP 19, L 0341)

f) Outros

(31) Mas o pessoal não val agora se humilhar por causa... (FLP 19, 0411)

O verbo pleno IR possui um traço de movimento inerente, conforme destacado por Costa (1990:75): *o verbo ir expressa o curso de fatos a partir de um ponto locativo/temporal qualquer*. Por esse motivo, a expectativa é de que os verbos principais que se combinam com o IR auxiliar tendem a ser de [- movimento e - deslocamento] enquanto os verbos de [+ movimento e + deslocamento] devem aparecer na forma presente do indicativo.

2.3.2 Resultados e discussão

Na rodada final, esse grupo de fatores foi selecionado em quinto lugar. Os movimentos 2 e 3 foram amalgamados por apresentarem comportamento parecido com respeito à variante forma perifrástica. A tabela 04 apresenta os resultados:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Movimento 2, 3	214/303	71%	0,55
Outros	31/45	69%	0,80
Estado	155/229	68%	0,61
Movimento 1	55/ 192	36%	0,26

Tabela 04: Influência do tipo semântico de verbo principal sobre o uso da forma perifrástica.

Como se pode observar, os resultados parecem confirmar a hipótese de que os verbos de movimento 1 desfavorecem o uso da perífrase e que os de movimento 2,3 e os de estado a favorecem. Com relação a *outros*, é possível dizer que, se por um lado há uma certa dificuldade em encontrar um lugar preciso para esses verbos, por outro é certo que não se encaixam no grupo de movimento 1, o que não chega a comprometer a análise, especialmente pelo número reduzido de dados para este fator.

Dar um tratamento escalar aos traços semânticos do verbo principal possibilitou um maior entendimento da relação deste com o auxiliar IR, mostrando que esse pode ser um fator importante na escolha da forma perifrástica. O resultado mais relevante aqui é o que revela o fator estado (0,61) contra o fator movimento 1 (0,26), evidenciando que a idéia de movimento deve estar presente no contexto de futuridade: ou fornecida pelo auxiliar da perífrase, ou pelo traço inerente do verbo principal.

Ainda nessa seção, é importante comentar que os traços semânticos do verbo da sentença vinculada também foram controlados no grupo de fatores *Tipo semântico do verbo da oração vinculada ao dado*. Esse grupo foi descartado na rodada final, com significância 0,092. Ele compreendia três grandes grupos: Estado, Movimento e Cognição/Elocução. Observe a tabela 05 que mostra a frequência e a percentagem, acrescidas de exemplos de verbos.

	Frequência Aplic./Total	Percentagem	Exemplos
Estado	30/40	75%	ser, ficar, estar
Cognição & Elocução	57/89	64%	estudar, conversar, pensar
Movimento	84/147	57%	fazer, comprar, correr

Tabela 05: Frequência e percentagem do grupo de fatores tipo semântico do verbo da oração vinculada ao dado no uso da forma perifrástica.

Esses resultados percentuais vêm corroborar a hipótese de que os verbos de movimento desfavorecem a perífrase, tanto os verbos que se constituem em variantes, quanto os que estão na sentença vinculada. Por outro lado, contextos desprovidos de movimento propiciam a perífrase.

2.4 Ponto de referência

2.4.1 Caracterização e hipótese

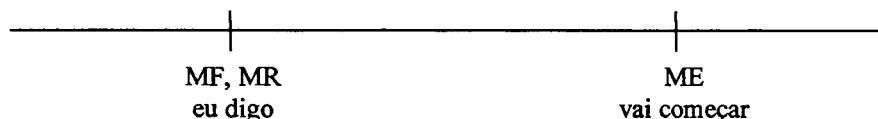
Há, pelo menos, dois aspectos importantes relacionados com a proposta desse grupo de fatores. O primeiro deles, mais amplo, trata de verificar as relações existentes

entre as sentenças que apresentam a expressão do futuro em cadeia. Conforme Mateus *et al.* (1989) explicitam, pode haver relações, tais como futuro do futuro e futuro cotemporal. O outro diz respeito à escolha das formas em variação. O futuro simples deve favorecer a forma perifrástica, o futuro do futuro a forma do presente do indicativo, uma vez que o contexto de futuridade já está estabelecido pela primeira forma.

a) Futuro simples: MR, MF — ME

Chamamos de futuro simples o dado que se situa à direita do momento de fala.

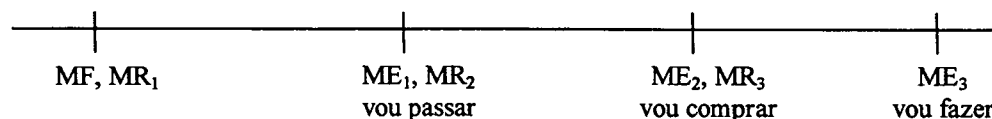
(32) Porque eu digo: Ai, meu Deus, vai começar tudo de novo. (FLP 03, L 0720)



b) Futuro do futuro: MF — MR — ME

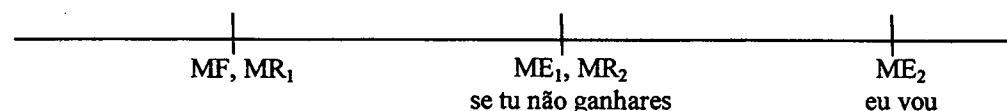
O futuro do futuro é assim chamado porque a segunda ação na seqüência de futuridade possui o ponto de referência na primeira ação.

(33) ... vou passar ali no Riachuelo, vou comprar alguma coisa, vou fazer uma comidinha bem rápida pras crianças... (FLP 03, L 1244-1245)



Para Mateus *et al.* (*op.cit.*), os eventos 1,2 e3 estão, num primeiro momento, relacionados com MF, pois encontram-se todos a sua direita; e num segundo momento, estão ordenados entre si. Veja-se outro exemplo com as condicionais:

(34) ... ele me falou, na quinta-feira: “Se tu não ganhares, eu vou na Carlos Correia contigo...” (FLP 20, L 0792)



c) Futuro cotemporal: MF, MR — ME₁, ME₂

Outro tipo de futuro é aquele que capta uma relação de simultaneidade total ou parcial entre os dois eventos no futuro.

(35) “Ia, tu **ficas** aqui com a mãe que eu vou **comprar** alguma coisa...” (FLP 03, L 1243)



2.4.2 Resultados e discussão

O grupo de fatores ponto de referência foi selecionado em sexto lugar na rodada final. Considerem-se os resultados:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Peso Relativo
MF, MR — ME ₁ , ME ₂	10/11	91%	0,91
MR, MF — ME	383/552	69%	0,55
MF — MR — ME	64/170	38%	0,31

Tabela 06: Influência do ponto de referência sobre o uso da forma perifrástica.

O futuro simples favorece levemente a perífrase (0,55), mas é possível dizer que este é contexto, por excelência, de variação. Já o futuro do futuro desfavorece (0,31) a perífrase, caracterizando-se um contexto propício para o presente do indicativo. Como já foi colocado anteriormente, em 2.1.2, um cruzamento desse grupo com o grupo valor semântico-discursivo do enunciado no qual se encontra o dado mostra que no futuro do futuro há uma grande concentração de orações condicionais. Esse é um contexto de muita influência sobre o uso do presente do indicativo.

O futuro cotemporal (0,91) favorece o uso da perífrase, mas os dados desse tipo de futuro são escassos (apenas 11 em um universo de 733 dados) para que se possa afirmar sua importância. Uma possibilidade de explicação, no entanto, é que o paralelismo formal⁷ está atuando na escolha da forma perifrástica, nesse contexto específico. De fato, dos 10 dados de perífrase com futuro cotemporal, 9 deles são antecidos de perífrase e apenas 1 deles (o exemplo 35, já citado) é antecido de

⁷ Vamos discutir esse grupo de fatores logo a seguir.

presente. Observe-se outro exemplo de futuro cotemporal:

(36) ... eu, assim, de religião eu **vou ser franco e vou te dizer**: vou na Igreja, compreendes?
(FLP 12, L 0618)

O futuro cotemporal, como já foi explicado, caracteriza-se por apresentar duas ações total ou parcialmente simultâneas cujo ponto de referência apoia-se no momento de fala. Nesse sentido, a escolha da variante pode ser motivada por outros fatores, tais como o paralelismo formal. Este último grupo de fatores mostrou-se relevante nessa pesquisa, comprovando que perífrase leva a perífrase.

2.5 Pessoa do discurso

2.5.1 Caracterização e hipótese

Este grupo de fatores tem como objetivo investigar o comportamento das variantes sob a influência das pessoas do discurso. Supomos que o uso das primeiras pessoas (eu, nós) revele mais compromisso com a realização do fato que se está anunciando e, portanto, carreguem mais certeza da realização, enquanto as terceiras pessoas (ele, eles) são utilizadas para reportar fatos que ocorrem com outras pessoas, sendo nula a participação do falante. O mesmo raciocínio serve para a presença da intenção, no sentido de empenho/envolvimento do falante naquilo que enuncia como ação no futuro. Não tínhamos nenhuma expectativa para a segunda pessoa (tu, você, vocês), mas mesmo assim resolvemos codificá-la separadamente, pois ela poderia vir a ser importante no resultado final. Os três fatores desse grupo são especificados a seguir.

a) P₁: eu, nós, a gente

(37) ... que *eu vou fazer* trinta. (FLP 09, L 0638)

(38) ... onde é que está errado, *nós vamos acertar* pra ficar tudo numa boa. (FLP 04, L 0416)

(39) Às vezes, coisas erradas dos outros, *a gente vai ter que arrumar*, ali. (FLP 04, L 1050)

b) P₂: tu, você, vocês

(40) “O que que *tu vais fazer*?” (FLP 23, L 1191)

(41) “... *você vai deixar* uma firma sólida...” (FLP 04, L 0844)

(42) “Olha, *vocês vão receber* uma segunda mãe...” (FLP 04, L 0259)

c) P₃: ele, eles

(43) Agora, a *Camila vai fazer* um ano em abril, né? (FLP 20, L 0476)

(44) "... e *teus irmãos nunca vão dizer* nada pra ti." (FLP 20, L 1104)

2.5.2 Resultados e discussão

Inicialmente, os fatores 'eu, nós, a gente' e 'tu, vocês, vocês' foram rodados separadamente. Na rodada final, entretanto, resolvemos amalgamá-los sob o nome de *interlocutor* (P₁ e P₂) já que ambos se diferenciam do grupo P₃: ele, eles (chamado, então, de *não-interlocutor*), primeiro porque no discurso a interação se dá através dos interlocutores (eu e tu) que se contrapõem ao objeto de que se fala (ele) e depois porque seus comportamentos estatísticos eram aproximados.

O grupo de fatores pessoa do discurso foi o sétimo a ser selecionado. Na análise dos dados, obtivemos os seguintes resultados:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Interlocutor	208/320	65%	0,53
Não - interlocutor	249/413	60%	0,26

Tabela 07: Influência da pessoa do discurso sobre o uso da forma perifrástica.

Os resultados correspondem à hipótese formulada já que é a pessoa que representa o interlocutores (eu, nós, a gente, tu, você) que favorece a perífrase.

Acreditamos que, nesse caso, a forma perifrástica ocorre mais em contextos nos quais o falante pode expressar mais intencionalidade e mais certeza na realização do fato. O fato da segunda pessoa (P₂) estar incluída nesse grupo não invalida nossa interpretação. Primeiro porque as formas correspondentes a P₂ correspondem apenas 5% do total (36 dados dos 733) e também porque nesses casos, geralmente, o falante estava se referindo ao ouvinte dando-lhe uma ordem ou fazendo-lhe um pedido. Considerem-se os exemplos:

(45) "Não, tu **vais fumar**." (FLP 14, L 1514)

(46) "porque o teu médico da perícia é o que te operou, então tu e ele **resolvam** isso aí." (FLP 16, L 0129-0130)

(47) "Olha, se acontecer qualquer coisa, tu **pedes** pra ligar, eu estou lá na clínica..." (FLP 23, L 1192-1193)

Nesses exemplos, podemos constatar, senão a intenção, pelo menos a certeza que o falante deposita na ação que será praticada pelo ouvinte. O fator não-interlocutor, por outro lado, favorece o uso do presente do indicativo, possivelmente por não haver tanto comprometimento na ação expressa.

Esse grupo de fatores também foi testado por Poplack & Turpin (1999) e as autoras encontraram um detalhe relevante, pois o pronome *vous*, usado em contextos formais que corresponderia ao nosso *vós*, mostrou-se favorecendo a forma futuro do presente. Em nossos dados, entretanto, nenhuma forma de *vós* foi encontrada. As demais formas de pessoa do discurso não obtiveram relevância para as variantes propostas pelas autoras.

2.6 Tipo de auxiliar

Esse grupo de fatores foi controlado à parte, ainda que de forma indireta ele contribua, junto com o grande grupo contexto semântico/discursivo, para a caracterização do contexto que influencia uma ou outra variante. Diz respeito apenas ao conjunto de dados que apresentam verbo auxiliar seja junto do presente, seja junto da perífrase.

2.6.1 Caracterização e hipótese

O objetivo central é analisar os auxiliares modais e aspectuais que aparecem no contexto de futuridade tanto na forma do presente do indicativo quanto na forma perifrástica.

Segundo Bechara (1987:111), *o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal*. O autor divide os auxiliares em vários grupos:

1. Auxiliares aspectuais: são chamados por Bechara de acurativos. Ao combinarem - se com o infinitivo determinam com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal. Para marcar o início de uma ação, por exemplo, temos *começar a*; para o desenvolvimento gradual da ação, *vir*; para término de ação, *parar de*; etc.
2. Auxiliares modais: ao combinarem-se com o infinitivo do verbo principal determinam com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal (*ibid.*:112)

- a – necessidade, obrigação, dever: *ter que, dever, precisar de*
- b – possibilidade ou capacidade: *poder, dar de*
- c – vontade ou desejo: *querer*
- d – tentativa ou esforço: *tentar, tratar de*

A expectativa é que os auxiliares modais favoreçam a forma do presente do indicativo, uma vez que esses auxiliares carregam uma carga de futuridade, justamente porque expressam necessidade, possibilidade, vontade, desejo ou tentativa. Dessa forma, o contexto de futuridade necessário para a forma do presente, conforme explicitado em 2.1.2, já está estabelecido pelo auxiliar modal. Os fatores foram organizados como o exposto a seguir:

a) Poder

(48) porque eu não **posso ser** governada por filho. (FLP 02, L 0440)

b) Vir

(49) “... deixa que eu **venho ficar** com a mãe.” (FLP 03, L 1246)

(50) ... três dias após, é que a pessoa **vai vir buscar**. (FLP 14, L 0188)

c) Querer

(51) “Não, eu estou falando sério, estou mesmo, eu **vou querer casar...**” (FLP 20, L 0244)

d) Ter que, dever, precisar de

(52) “Ah, não, eu não vou, porque amanhã é outro dia, e eu, outro dia, **tenho que enfrentar** todo mundo...” (FLP 20, L 0233)

(53)... eu acho cada um **deve ter** a liberdade de decidir o que é que quer fazer. Agora, **deve fazer** bem feito. (FLP 21, L 0298 - 0299)

e) Outros

Esta categoria engloba outras formas de tipo de auxiliar, tais como: preferir, conseguir, tentar, estar, começar a, tratar de...

(54) Se for pra comprar disco, entre brasileiro e estrangeiro, **prefiro comprar** estrangeiro. (FLP 10, L 0389)

(55) "... eu não **vou tentar convencer** o outro..." (FLP 13, L 1314)

(56) Aí eu disse: "Eu vou cair no serviço, (sou obrigada) — **vou começar a comprar** alguma coisa dentro de casa." (FLP 03, L 0693 – 0694)

2.6.2 Resultados e discussão

O grupo em questão foi selecionado em segundo lugar na rodada final. Considerem-se, primeiramente, os resultados gerais:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem
presente do indicativo	75/100	75%
forma perifrástica	25/100	25%

Tabela 08: Influência do auxiliar no uso das formas variantes.

Como podemos observar, através da tabela 08, os auxiliares modais co-ocorrem mais com o presente do indicativo. Além do contexto de futuridade estabelecido pelas condicionais, comentado em 2.1.2, esse é um contexto que possibilita o aparecimento do presente do indicativo com razoável vantagem sobre a forma perifrástica, mostrando que nossa expectativa se comprova: por apresentarem traços de futuridade inerentes, os auxiliares modais analisados favorecem o uso do presente do indicativo. Compare-se este resultado com os da tabela 01, que apresenta 38% para o presente no conjunto total dos dados.

É interessante, contudo, observar nesse grupo de fatores como se comporta cada um dos auxiliares modais:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Outros	4/7	57%	0,80
Verbo <i>querer</i>	5/9	56%	0,89
Verbos <i>ter que, dever, precisar de</i>	12/47	26%	0,55
Verbo <i>vir</i>	1/4	25%	0,44
Verbo <i>poder</i>	3/33	9%	0,23

Tabela 09: Influência de verbos auxiliares sobre o uso da forma perifrástica.

O verbo *poder* é o auxiliar que mais inibe a forma perifrástica. Uma possível explicação para esse fato é que, além da forte carga de futuridade que o verbo

apresenta, o traço de capacidade ou de possibilidade de fazer algo ou que algo aconteça, é responsável pelo favorecimento do presente. Como neste item verbal encontra-se um forte valor epistêmico (eixo da crença/certeza), esta modalidade é que estaria condicionando o uso do presente.

Por apresentar traços de movimento, o verbo *vir* também desfavorece a perífrase. Não se pode afirmar que esse *movimento* estabeleça um contexto de futuridade, como acontece com o verbo *poder*. Entretanto, o simples fato de apresentar algum tipo de movimento já torna esse contexto propício para o presente e inibidor para a forma perifrástica. Essa afirmação é confirmada pelos grupos de fatores tipo semântico do verbo principal, que foi selecionado como relevante pelo programa VARBRUL, e tipo semântico do verbo da oração vinculada ao dado, apresentados em 2.3.

Os verbos de necessidade (*ter que*, *dever* e *precisar de*) constituem o contexto de maior variação, tendendo levemente para o uso da perífrase. As modalidades de obrigação e necessidade, que constituem parte dos traços semânticos desses verbos, levam-nos a acreditar que esses elementos é que propiciam o uso da perífrase.

O verbo *querer* apresenta uma carga semântica de vontade e desejo muito forte, o que revela que a intenção do falante prevalece nesses enunciados. Aliado ao fato de que não possui movimento externo, o verbo *querer* constitui-se em um contexto bastante favorecedor (0,89) para o uso da perífrase. Observe-se que tanto os auxiliares de necessidade e obrigação quanto o de intenção caracterizaram-se pela modalidade deôntica (eixo da conduta).

Comparando-se os resultados das duas últimas tabelas, percebe-se que, em termos gerais, o auxiliar privilegia o emprego do presente do indicativo. Entretanto, alguns itens verbais específicos mostram um comportamento bem diferenciado, opondo-se significativamente o *querer* (0,89) ao *poder* (0,23) para a perífrase.

2.7 Projeção do fato futuro

2.7.1 Caracterização e hipótese

Esse grupo de fatores não se mostrou relevante para a escolha das formas variáveis em nosso estudo. Entretanto, Poplack & Turpin (1999) também o testaram, com o nome de distância temporal, e ele foi selecionado para os dados de fala de Ottawa. As autoras comentam que tradicionalmente a forma perifrástica é usada para referir-se ao tempo próximo, o futuro do presente ao tempo distante e o presente é associado com a ação eminente (Poplack & Turpin, *op.cit.*:148-150). Inicialmente, as

autoras fizeram uma escalaridade que ia de uma hora até séculos, partindo do momento de fala. Essa escalaridade não obteve relevância para a escolha das formas e, por tal motivo, os fatores foram amalgamados em tempo próximo (incluindo fatos até um dia) e tempo distante. O tempo próximo favoreceu tanto a forma perifrástica quanto o futuro do presente e o presente do indicativo foi favorecido pelo tempo distante. Os resultados, porém, foram muito aproximados e as autoras concluíram que, ao contrário do que a literatura tradicional expõe, a distância entre o momento de fala e o evento não é relevante para a escolha das formas variantes.

Nesta pesquisa, também propusemos, inicialmente, uma escalaridade. Uma vez que essa escalaridade não mostrou relevância, amalgamamos os dados em dois grandes grupos: tempo próximo e tempo distante, conforme as autoras fizeram, para que pudéssemos comparar os resultados. Seguem-se exemplos desses fatores:

a) Tempo próximo:

(57) Aí ele assim: “Desliga, que eu já vou **ligar** para lá.” (FLP 23, L 1279)

b) Tempo distante:

(58) Vai ser sorteado no Programa do Faustão, né? Dia 18, então vamos ver, né? (FLP 09, L 0562)

Nossa expectativa era a de encontrar alguma diferença quanto à projeção do fato futuro para as formas perifrástica e presente do indicativo, pois, nas gramáticas consultadas e comentadas no capítulo I, as duas formas devem expressar um futuro próximo.

2.7.2 Resultados e discussão

A projeção do fato futuro obteve resultados interessantes para a escolha das formas variantes. Veja-se a tabela 10, que mostra os resultados percentuais:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem
tempo próximo	97/136	71%
tempo distante	360/597	60%

Tabela 10: Influência da projeção do fato sobre o uso da forma perifrástica.

Segundo os dados percentuais, podemos perceber que a perífrase aparece com mais frequência no tempo próximo (71%). Uma vez que os comentários de Poplack & Turpin (1999) foram realizados em termos de peso relativo, já que esse grupo de fatores mostrou-se relevante, torna-se um pouco difícil fazer comparações. Entretanto, parecemos que os nossos resultados, embora percentuais, assemelham-se aos das autoras, mostrando que o tempo próximo parece ser o contexto mais apropriado para o uso da perífrase, talvez porque estando mais próximo do momento de fala, o falante sinte-se mais comprometido, através da intenção e da certeza, com o fato que expressa.

2.8 Tipo de discurso e gênero discursivo

Esses dois grupos de fatores também não foram relevantes para a escolha das variantes nesta pesquisa. No entanto parece-nos interessante comentar alguns aspectos.

No grupo de fatores tipo de discurso, analisamos se o dado encontrava-se no discurso direto ou indireto. Fizemos essa primeira distinção em torno do conceito de discurso porque encontramos muitos dados no discurso direto e acreditávamos que esse fato poderia ser relevante. Dos 733 dados encontrados, 511 foram de discurso indireto e a perífrase apareceu com frequência de 75%. Os outros 222 de discurso direto apresentaram um percentual de 73% para o uso da perífrase. Por esses números, nota-se que o tipo de discurso não se mostra importante, uma vez que a perífrase aparece com frequência parecida nos dois discursos.

O grupo gênero discursivo apresenta três fatores: argumentação, narração e descrição. Usamos a distinção entre os gêneros de discurso proposta por Tavares (1999:85), pois esse grupo de fatores foi bastante relevante para a autora. Segundo Tavares (*ibid.*:85) a entrevista é o grande tipo de discurso que constitui o *corpus* do VARSUL, mas dentro desse grupo é possível identificar e isolar outros tipos de discurso. A argumentação caracteriza-se pela exposição da opinião do falante, que faz considerações sobre o assunto em foco. A descrição acontece quando o falante faz uma exposição detalhada sobre algum objeto ou pessoa e a narração é um relato de fatos sobre a vida do falante.

A maior parte dos nossos dados ocorreram na argumentação (416 dados) e em segundo lugar na narração, com 196 dados, por último na descrição, com 121 dados. A descrição foi o gênero discursivo mais frequente para a forma perifrástica (76%) e a argumentação mostrou-se um contexto mais neutro, inclinando-se, em termos percentuais, levemente para a perífrase (58%).

2.9 Marcas de futuridade

2.9.1 Caracterização e hipótese

O grupo marcas de futuridade tem dois fatores: presença da marca e ausência da marca. O primeiro refere-se àqueles casos em que fica explícito o advérbio ou uma locução adverbial que marque a futuridade e o segundo é aquele em que a marca está ausente, mas o contexto lingüístico permite-nos reconhecer a futuridade. Observem-se os exemplos:

a) Presença da marca de futuridade (advérbio ou locução adverbial)

(59) "Ô mãe, amanhã, mãe, eu **vou trazer** uma pomada." (FLP 03, L 1144-1145)

(60) "Eu vou fugir pra onde? No outro dia **vai ser** bem pior pra mim, né? (FLP 20, L 1112)

(61) Ela **vai ficar** até dia quinze de abril. É quinze dias. (FLP.11, L 0541)

(62) Cada um tem a sua época. Futuramente, as crianças **vão achar** que a época delas é que era boa. (FLP 24, L 0999)

b) Ausência da marca de futuridade

(63) ...ele dizia: "Preta, **vai descansar** um pouquinho, **vai te deitar** um pouco, **vai descansar** um pouco." (FLP 03, L 0585)

(64) E se eles passarem pela dor de um parto, eles não **vão agüentar**, são capazes de morrer. (FLP 17, L 1229)

2.9.2 Resultados e discussão

Esse grupo de fatores não se mostrou relevante. Seus resultados, no entanto, merecem uma discussão porque, ainda que sejam em termos percentuais, apontam aspectos importantes. Veja-se a tabela 11:

	Frequência Aplic./Total	Percentagem
Presença da marca de futuridade	71/95	75%
Ausência da marca de futuridade	386/638	61%

Tabela 11: Influência da marca de futuridade sobre o uso da forma perifrástica.

A tabela 11 mostra que a forma perifrástica aparece com mais frequência nos contextos em que a marca de futuridade ocorre⁸. Uma vez que a ocorrência do advérbio ou locução adverbial marca com mais ênfase o tempo futuro, então é possível admitir que a perífrase está, nesses contextos, codificando tempo.

Quando o dado está em um contexto que não apresenta uma marca explícita de tempo futuro, encontramos uma situação um pouco mais estável. A perífrase aparece com 61% de frequência. Do total de 638 dados neste contexto, 252 são dados de presente. Realizamos uma busca para saber qual era o contexto de futuridade que possibilita o aparecimento do presente do indicativo e percebemos que são os contextos já assinalados anteriormente: dos 252 dados, 115 estão no contexto condicional (exemplo 65) que, como foi comentado em 2.1.2, é um contexto preferencial para o presente; 75 dados aparecem com auxiliares modais (exemplo 66), contexto propício para o presente conforme mostramos em 2.6.2; e os 62 restantes estão no contexto que foi controlado separadamente (exemplo 67), no qual só aparece o verbo IR no presente do indicativo:

(65) Mas se for preciso a gente também usa o INPS que temos direito. (FLP 18, L 0447)

(66) Que de repente a gente pode até conseguir, né? (FLP 17, L 1142)

(67) Esses caras que vão mesmo, porque trabalham comigo, mas são naturais da Bahia. (FLP 19, L0987)

Uma vez que, ao tecermos comentários sobre os contextos de condicionais e auxiliares como propícios para o presente do indicativo, salientamos a importância do tempo (futuridade), tanto nas orações condicionais reais e possíveis quanto na carga semântica dos verbos auxiliares, encontramos-nos em um impasse: as duas formas variantes estariam codificando *tempo*?

Uma primeira questão a ser levantada é que estamos diante de poucos dados com marcas de futuridade (95 dos 733 dados) e este grupo de fatores não foi selecionado pelo programa VARBRUL. Entretanto, não podemos deixar de analisar esses resultados, visto que eles trazem novas perspectivas para esta pesquisa.

Como já foi colocado no capítulo IV, a perífrase encontra-se em um processo de

⁸ Fazendo-se as ressalvas necessárias, não podemos deixar de mencionar os resultados de Santos (1997) para esse grupo de fatores que, embora não tivesse obtido significância relevante, traz um curioso aspecto: o futuro do presente apareceu com maior frequência em contextos de marca adverbial. Isso pode vir a ser mais um indício de que a forma perifrástica está ocupando o lugar do futuro do presente e ainda evidencia que a presença do advérbio confere maior marca de tempo.

gramaticalização. Tendo em vista essa afirmação e o fato de que a forma inovadora entrou na língua para codificar o futuro do presente (e os nossos dados mostram que essa interpretação é possível), então podemos dizer que a perífrase está efetivamente encaminhando-se para ocupar esse espaço e codificar, pelo menos na língua falada, o tempo futuro. Sua motivação inicial foi, e ainda é em muitos contextos, expressar a modalidade no futuro (intenção, certeza, desejo), como, aliás, a literatura vigente afirma que foi, também, a motivação da forma *cantare habeo* que deu origem ao futuro do presente, mas o processo de gramaticalização pode estar levando a perífrase para codificar o tempo.

Por outro lado, podemos pensar que, já que o tempo futuro está marcado pelo advérbio ou a locução adverbial, então a função da perífrase, nesses contextos, seria a de marcar a modalidade, pois, numa perspectiva funcionalista, seria difícil aceitar o fato de que duas formas estariam codificando uma mesma função. Esse parece ser o raciocínio de Poplack & Turpin (1999). Elas controlaram um grupo de fatores parecido com este grupo, denominado tipo de especificação adverbial, que contém três fatores: contexto de não-especificação adverbial (contexto em que aparece um advérbio, mas ele não especifica o tempo futuro), especificação adverbial e sem advérbio. O fator não-especificação adverbial favoreceu o futuro do presente (0,85), mas as autoras comentam que as outras duas variantes também são realizadas. O presente do indicativo está associado ao contexto de especificação adverbial (0,78) e a forma perifrástica surge com mais ênfase nos contextos sem advérbio (0,56), embora esse número mostre um contexto de maior variação.

A interpretação dada pelas autoras é a de que a associação do presente do indicativo com o contexto de especificação adverbial é funcional. O advérbio específico de tempo futuro, nesses casos, permite o aparecimento do presente do indicativo porque desfaz a ambigüidade característica dessa forma (que poderia estar expressando um fato habitual).

2.10 Habitualidade do fato

2.10.1 Caracterização e hipótese

Conforme comentado no capítulo V, uma das restrições que fizemos foi aquela na qual o dado, tanto da forma do presente do indicativo quanto na forma perifrástica, apresentava uma ação habitual. Encontramos, nos dados que foram analisados, situações que, mesmo com a projeção futura, ainda marcavam algo de uma ação que costuma

acontecer. Por esse motivo, optamos por fazer um controle desses dados, utilizando dois fatores: habitualidade do fato (exemplo 68) e não habitualidade do fato (exemplo 69), para esboçarmos um contexto que, tradicionalmente, é do domínio do presente do indicativo, mas no qual a forma perifrástica vem, também, ocorrendo.

O exemplo 68 necessita que se descreva o contexto no qual ele foi produzido, para que se possa perceber a habitualidade: o falante estava argumentando com o entrevistador a respeito de um padre que vinha liberando sua comunidade, por dois anos consecutivos, de evitar comer carne na sexta-feira santa. Segundo o falante, o padre iria permitir mais uma vez que a sua comunidade comesse carne na semana santa daquele ano, ao que o falante contestava dizendo que seria um desrespeito com o filho de Deus e encerra dizendo:

(68) ele **pode liberar** quanto ele quiser, que eu jamais vou fugir. (FLP 06, L 0939)

(69) "Não escrevo falando da Adriana porque sei que a senhora **vai sofrer** também." (FLP 11, L 0728)

2.10.2 Resultados e discussão

Esse grupo de fatores apresenta aspectos instigantes, apesar de não ter sido selecionado na rodada final do programa VARBRUL. Abaixo, apresentamos a tabela 12, com os resultados em percentuais:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem
Fato não-habitual	444/700	63%
Fato habitual	13/33	39%

Tabela 12: Influência da habitualidade do fato sobre o uso da perífrase.

Esses resultados, embora em percentual, são, no mínimo, curiosos. A perífrase aparece mais em contextos de fato não-habitual (63%) e diminui sua frequência em fatos habituais (39%).

Esperávamos que o contexto de fato habitual favorecesse a perífrase, pois ela estaria desfazendo a ambigüidade do presente do indicativo e, possivelmente, marcando tempo. Diante desses resultados, arriscamos algumas tentativas de interpretação. É possível dizer que, já que esse contexto não é prototipicamente um contexto de futuridade, então a perífrase, marca de tempo futuro, tem dificuldade em aparecer. O presente do indicativo é empregado com mais frequência porque esse é um contexto

geralmente codificado por ele, mesmo que exista um indício de futuridade, nesse contexto, expresso no exemplo 68, pelo verbo *poder*. O que ainda nos leva a pensar que, por ser um contexto ambíguo para o presente do indicativo, então um dos contextos de futuridade que favorece essa forma, contexto de condicionalidade e auxiliar modal, apresenta-se, *ajudando* o presente a desfazer a ambigüidade.

Por outro lado, o fato não-habitual propicia um maior aparecimento da perífrase. Sendo este um contexto de maior futuridade do que o seu oposto, é possível dizer que a perífrase encontra aí um lugar para expressar a modalidade. Ou que, por ser um contexto futuro, é compatível com a perífrase que estaria marcando tempo. De uma forma ou de outra, é preciso encontrar mais dados com essas características para que possamos dizer alguma coisa com mais precisão.

Fizemos, ainda, um cruzamento desse grupo com o grupo marcas de futuridade, caracterizado em 2.9. Os resultados encontram-se na tabela 13:

	Presença da marca de futuro		Ausência da marca de futuro	
	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Frequência Aplic./Total	Porcentagem
Fato não - habitual	67/89	75%	377/611	62%
Fato habitual	4/6	67%	9/27	33%

Tabela 13: Influência da marca de futuridade X habitualidade do fato sobre o uso da perífrase.

Os resultados presentes na tabela 13 mostram que a forma perifrástica aparece com maior frequência quando a marca de futuridade está presente (75%) e diminui significativamente nos contextos com fato habitual e ausência de marca (33%). Tais números, embora em termos de frequência, podem nos levar a duas interpretações: ou que a forma perifrástica está codificando tempo em alguns contextos; ou que sua principal motivação ainda é a modalidade, uma vez que o contexto onde seria mais exigida — fato habitual e ausência de marca de futuro —, é justamente aquele em que ela menos aparece.

2.11 Negação

2.11.1 Caracterização e hipóteses

A fim de analisar o comportamento das variantes na presença da negação

propomos os seguintes fatores:

a) Presença da negação

(70) É, por incrível que pareça. Você for analisar eu não vou lhe garantir,... (FLP21, L 1232)

(71) ... eu olhei pra ele e disse: "Você não vai mais ficar aqui dentro de casa." (FLP 03, L0726)

b) Ausência da negação

(72)"Olha, Maurício, eu vou fazer uma trato contigo." (FLP 23, L 0264)

2.11.2 Resultados e discussão

A presença ou não da negação não obteve resultados significativos. Apresentamos a tabela a seguir com os resultados em percentual:

	Frequência Aplic./Total	Percentagem
Ausência da negação	386/608	64%
Presença da negação	69/125	57%

Tabela 14: Influência da negação sobre a forma perifrástica.

Como podemos observar, tanto a presença quanto a ausência da negação propiciam o surgimento da perífrase, em termos percentuais. Para Poplack & Turpin (1999), entretanto, esse grupo de fatores obteve grande significância. As autoras controlaram dois fatores: afirmação e negação. A negação favoreceu o futuro do presente (0,99) e a afirmação propiciou maior uso de forma perifrástica (0,65).

* * * * *

Procurando melhor caracterizar os contextos semântico-discursivos preferenciais para o uso da forma perifrástica e do presente do indicativo, apresentamos um quadro comparativo entre estas variantes. Os grupos de fatores estão organizados por ordem de seleção estatística e os fatores mais relevantes de cada grupo estão distribuídos pelas duas variantes.

Grupos de fatores	Forma perifrástica	Presente do indicativo
Tempo/modo do verbo da oração vinculada ao dado	Indicativo	Subjuntivo
Tipo semântico de verbo principal	Estado	Movimento I
Ponto de referência	MF, MR — ME ₁ , ME ₂ MF, MR — ME	MF — MR — ME
Pessoa do discurso	Interlocutor (P ₁ — P ₂)	Não — interlocutor (P ₃)
Tipo de auxiliar	Vontade e desejo querer	Possibilidade ou capacidade poder

Quadro 02: Quadro comparativo entre a forma perifrástica e o presente do indicativo a partir dos resultados obtidos na análise do contexto semântico/discursivo

O quadro acima evidencia que a escolha entre uma forma e outra não é feita pelo falante simplesmente porque essas formas encontram-se disponíveis na língua. Há pressões semântico-discursivas condicionando essa escolha.

3 PROPRIEDADES FORMAIS

Nesta seção, vamos elencar os dois grupos de fatores que estão diretamente ligados a questões estruturais/formais da análise: paralelismo formal e número de sílabas. A principal razão para incluir esses grupos de fatores formais se deve ao fato de que Santos (1997) em seu trabalho de dissertação intitulado *O futuro verbal no português do Brasil em variação* também controlou o paralelismo formal e o número de sílabas do verbo principal, obtendo resultados satisfatórios.

3.1 Paralelismo Formal

3.1.1 Caracterização e hipótese

Segundo Poplack (1979:80) *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros*; essa é a frase que melhor caracteriza o paralelismo formal. As pesquisas de Scherre (1988;1998), entre outras, atestam a importância desse grupo de fatores sobre as formas variantes. Também Santos (1997) testou esse grupo, que foi escolhido pelo programa VARBRUL como o primeiro grupo selecionado⁹ em seu trabalho. Os fatores propostos para esta pesquisa são:

⁹ Ainda que esta pesquisa e a de Santos (1997) tratem do mesmo fenômeno, não é possível fazer uma comparação estatística visto que Santos controla outras variantes além do presente do indicativo e a forma perifrástica. Além disso, seu *corpus* é de língua escrita culta, como atesta a pesquisadora.

a) Ocorrência isolada de verbo no futuro

(73) Eu dizia pra eles mesmo: “Pode deixar que eu levo ela, o que acontecer, o responsável sou eu.” (FLP 04, L 0741)

b) Primeiro verbo no futuro em uma série

(74) Amanhã ou depois as duas pontes já não vão ser suficientes, já vão *ter que construir* mais uma ponte. (FLP 24, L 1336 – 1337)

c) Verbo antecedido por presente do indicativo

(75) Se eu tiver que comer pedra, eles *comem* junto comigo. Mas meus filhos eu não vou dar. (FLP 03, L 0300 – 0301)

d) Verbo antecedido por forma perifrástica

(76) Agora a Camila *vai fazer* um ano em abril, né? Dia vinte, mas realmente não *vai dar* pra gente fazer. (FLP 20, L 0476 – 0477)

3.1.2 Resultados e discussão

O paralelismo formal foi o quarto grupo selecionado dentro dos grupos propostos. Observem-se, a seguir, os resultados obtidos:

<i>Forma anterior ao dado</i>	<i>Frequência Aplic./Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
Forma perifrástica	117/160	73%	0,66
Ocorrência isolada do verbo e Primeiro verbo de uma série	302/478	63%	0,49
Presente do indicativo	36/88	41%	0,25

Tabela 15: Influência do paralelismo formal sobre o uso da forma perifrástica.

Os fatores ocorrência isolada de verbo no futuro e primeiro verbo no futuro em uma série foram amalgamados porque apresentaram comportamento estatístico próximo

e não se prestam para observar o paralelismo.

A utilização da forma perifrástica se justifica pelo paralelismo, uma vez que *marcas levam a marcas*. O desfavorecimento do uso da perífrase pelo presente do indicativo mostra que presente do indicativo leva a presente do indicativo.

Nesse caso, temos uma evidência de motivações antagônicas em competição. De um lado, pressões semântico-discursivas atuam sobre a escolha das variantes (conforme já discutido) de sorte que uma vez instaurado o contexto de futuridade a perífrase fica inibida dando lugar ao presente; de outro lado, pressões mais mecânicas também agem, de modo que uma vez codificada uma perífrase, este gatilho provoca nova perífrase, o mesmo valendo para a forma do presente.

3.2 Número de sílabas

3.2.1 Caracterização e hipótese

Foi proposto, conforme Santos (1997), que o tamanho do verbo tivesse alguma relação com a escolha da forma de futuro. Segundo a autora, que controlou também a variável futuro do presente, quanto mais sílabas possua o verbo, mais provável é o uso da forma perifrástica ou do presente do indicativo, por que o uso do futuro do presente acrescenta uma nova sílaba ao verbo, *o que o torna maior e mais 'pesado' ao ritmo da língua portuguesa (ibid.:49)*.

Como estamos tratando apenas com as variantes forma perifrástica e presente do indicativo, acreditamos que possa haver alguma diferença entre elas: o verbo flexionado no presente do indicativo mantém o número de sílabas menor do que flexionado na forma perifrástica, que acrescenta uma sílaba a mais ao verbo:

- SER SOU VOU SER
- [1 sílaba] [1 sílaba] [2 sílabas]

- CORRER CORRES VAIS CORRER
- [2 sílaba] [2 sílabas] [3 sílabas]

- NAMORAR NAMORAMOS VAMOS NAMORAR
- [3 sílabas] [4 sílabas] [5 sílabas]

Acreditamos que quanto maior for o verbo, mais provável é o uso do presente do indicativo. Para analisar os dados, consideramos o número de sílabas do verbo no

infinitivo, pois é a esta forma que será acrescentado o verbo IR no presente. Os fatores utilizados são:

a) Verbo principal com 1 (uma) sílaba no infinitivo

(77) O teu filho, amanhã, vai ser uma pessoa ..., né? (FLP 16, L 1319)

b) Verbo principal com 2 (duas) sílabas no infinitivo

(78) De graça, eu não vou cuidar, não. (FLP 16, L 1127)

c) Verbo principal com 3 (três) ou + sílabas no infinitivo

(79) E aí vem aquela: “Eu vou convocar o meu filho.” (FLP 02, L 0490)

(80) Aí eu disse: “Aí, faz o seguinte, eu vou entrar na aula, vou participar do segundo, ...” (FLP 14, L 0299 – 0300)

3.2.2 Resultados e discussão

O grupo em questão foi selecionado em primeiro lugar na rodada final. Os resultados aparecem a seguir:

	<i>Frequência Áplic./Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
+ de uma sílaba	388/547	71%	0,61
uma sílaba	69/186	37%	0,22

Tabela 16: Influência do número de sílabas do verbo principal sobre o uso da forma perifrástica.

Como se pode observar, os resultados não atestam a hipótese proposta. Na verdade, este resultado está comprometido: ao presente do indicativo foram acrescentados os 62 dados de verbo IR (com uma sílaba) e nesses dados não existe a ocorrência da forma *vou ir*. Quando esses dados são retirados da rodada, o grupo de fatores número de sílabas não é significativo. Por esse motivo, a seleção estatística deve ser relativizada. Em outras palavras: não é porque o verbo tem um sílaba que a perífrase fica inibida, mas porque IR, que tem uma sílaba, inibe categoricamente a perífrase.

4 – VARIÁVEIS SOCIAIS

Os fatores extralingüísticos são tão importantes para a caracterização de um fenômeno lingüístico quanto o são os fatores lingüísticos. Qualquer perspectiva nova sobre o fenômeno merece ser levada em consideração já que a evolução de uma língua depende da relação entre os processos internos e o sistema social que a manifesta.

Nesta pesquisa, controlamos as variáveis externas estratificadas em idade, sexo e escolaridade.

4.1 Idade

4.1.1 Caracterização e hipótese

Os dados coletados estão distribuídos entre três faixas etárias: informantes com idade entre quinze e vinte e quatro anos, vinte e cinco e quarenta e nove anos e mais de cinquenta anos. A nossa hipótese prevê uma possível mudança em tempo aparente. Os jovens devem usar mais a forma inovadora (forma perifrástica) e os mais velhos devem preservar a forma antiga (presente do indicativo), enquanto os informantes de meia idade devem mostrar um comportamento neutro.

Labov (1994) afirma que a observação de uma mudança na língua não é uma simples constatação; ela requer observações de dois estágios da língua e a garantia de alguma continuidade entre os dois — uma garantia de que, em algum sentido, são dois estágios da mesma língua. Além disso, é preciso verificar se os informantes observados nasceram na comunidade e cresceram ali, junto aos pais nativos e ainda, se a diferença na fala não pode ser resultado de algum empréstimo ou de dialeto de prestígio. (*ibid.*: 44)

Uma vez que não se possa verificar a mudança através da observação em tempo real, deve-se procurar apreender a mudança em progresso por meio de análise em tempo aparente. Nesse sentido, observar o presente, distribuindo os informantes em faixas etárias, pode apontar para uma mudança em progresso.

A importância da variável idade vem sendo destacada em pesquisas que usaram o banco de dados do VARSUL, tais como Vazzata-Dias (1996); Loregian (1996); Coan (1997); Tavares (1999); Vazzata-Dias (inédito) e que, portanto, retratam a fala do sul do país. O trabalho de Poplack & Turpin (1999) também apresentou a idade como relevante. A seguir, apresentamos os resultados obtidos por esta pesquisa e correlacionamos esta variável com sexo e escolaridade.

4.1.2 Resultados e discussão

Esse grupo de fatores foi selecionado em todas as rodadas realizadas ao longo do estudo e, na rodada final, foi selecionado em oitavo lugar. A princípio, as três faixas etárias foram rodadas separadamente, mas, por apresentarem comportamento estatístico parecido (0,43 e 0,42), os fatores jovens (14 – 24 anos) e meia idade (25 – 49 anos) foram amalgamados. Os resultados obtidos para a faixa etária encontram-se na tabela abaixo:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Peso Relativo
14 – 24 anos e 25 – 49 anos	296/436	68%	0,57
+ de 50 anos	161/297	54%	0,40

Tabela 17: Influência da idade sobre o uso da forma perifrástica.

A nossa hipótese fica confirmada. Os falantes mais jovens favorecem o uso da forma inovadora (forma perifrástica) enquanto os mais velhos tendem à utilização do presente do indicativo. Os 10 (dez) dados de futuro do presente ficam também distribuídos de forma a confirmar a hipótese. Os falantes mais velhos fizeram uso de 7 (sete) dos 10 (dez) dados dessa forma. Dos restantes, 2 (dois) deles ficaram com os indivíduos de meia idade e apenas 1 (um) dado entre os jovens. É possível, pois, dizer que no fenômeno em estudo estamos lidando com indícios de mudança, já que os jovens usam mais a forma inovadora.

Embora o controle da idade proposto por Poplack & Turpin (1999) seja um pouco diferente, podemos aproximar os resultados para mostrar que o fenômeno deve estar ocorrendo nas duas línguas. Elas controlaram três grupos de fatores: jovens (15-34 anos), adultos (34-54 anos) e velhos (acima de 55 anos) e constataram que o futuro do presente é facilitado pelos mais velhos (0,56) enquanto os mais jovens favorecem a forma perifrástica (0,54). As pesquisadoras concluem que esses resultados sinalizam uma mudança em progresso.

Ambos os resultados podem estar apontando para um fenômeno de variação e mudança que está ocorrendo de forma mais generalizada.

4.2 Idade e sexo

O programa VARBRUL não selecionou a variável sexo como significativa, ainda que estudos como os de Labov (1966), Scherre (1985); Callou (1987) e Vazzata-Dias (inédito), entre outros, tenham provado a importância desse grupo de fatores, mostrando que as mulheres tendem mais ao uso da forma padrão. Conforme atestam nossos resultados, com base em percentuais, as mulheres utilizam um pouco mais a forma perifrástica. Veja-se a tabela:

	Freqüência Aplic./Total	Percentagem
Feminino	298/452	66%
Masculino	159/281	57%

Tabela 18: Atuação do sexo no uso da forma perifrástica.

Segundo Paiva (1994:72), os homens, uma vez que possuem uma vida social mais intensa e freqüentam um número maior de grupos sociais, devido ao trabalho, estão mais sujeitos às inovações do que a mulher, mais sensível a uma linguagem formal por conviver com um número menor de grupos sociais e pela carga extra de responsabilidade com a educação dos filhos, que a incita a se apresentar com um modelo moral e lingüístico exemplar. Entretanto, cada vez mais, hoje em dia, a mulher assume posições sociais iguais às dos homens e também sai para trabalhar e contribuir no orçamento de casa. A educação dos filhos passa a ser mais dividida com os homens e com instituições de ensino, como escolas, creches ou ainda com babás. Isso pode explicar, em parte, o comportamento inesperado das mulheres. Um fato curioso é que dos 10 (dez) dados de futuro do presente, 6 (seis) deles estão entre as mulheres. Outro dado interessante diz respeito à freqüência de uso de contextos de futuridade: as mulheres produziram praticamente o dobro de ocorrências (452) em relação aos homens (281)

Realizamos um cruzamento da variável sexo com a idade, já que esta foi selecionada pelo programa VARBRUL, buscando alguma particularidade que pudesse caracterizar melhor o comportamento de homens e mulheres. A expectativa é que as mulheres mais velhas façam uso mais freqüente do presente do indicativo e que a forma inovadora tenha seu emprego mais intensificado entre as mais jovens.

	Masculino		Feminino	
	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Frequência Aplic./Total	Porcentagem
14 – 24 anos	23/36	64%	70/102	69%
25 – 49 anos	46/77	60%	157/221	71%
+ de 50 anos	90/168	54%	71/129	55%
Total	159/281	57%	298/452	66%

Tabela 19: Influência do sexo e idade no uso da forma perifrástica.

A tabela 19 indica que a diferença entre o comportamento lingüístico de homens e mulheres mais velhos é insignificante (respectivamente 54% e 55%). Portanto, ambos utilizaram, em igual quantidade, menos a perífrase. Já nas outras faixas etárias, o sexo feminino se destaca com uma margem mais acentuada de emprego de perífrase em relação ao masculino, especialmente as mulheres de meia idade (com 71% de uso de perífrase contra 60% para os homens da mesma faixa). Um dado adicional ao que foi colocado na discussão sobre a idade, é que a mudança parece estar sendo provocada pelas mulheres, embora este resultado não tenha obtido significância estatística.

4.3 Idade e escolaridade

Embora a variável escolaridade seja comprovadamente relevante em estudos no português falado da região sul¹⁰, ela não foi selecionada pelo programa VARBRUL nesta pesquisa. A hipótese levantada por nós era a de que as variantes em questão tivessem um comportamento diferenciado ao longo dos três níveis de escolaridade, a saber: primário, ginásial e colegial. Isso, no entanto, não ocorreu, pois esse grupo de fatores não se mostrou estatisticamente significativo. Os resultados são apresentados em termos de percentuais:

	Frequência Aplic./Total	Porcentagem
Primário	207/325	64%
Ginásial	117/192	61%
Colegial	133/216	62%

Tabela 20: Influência da escolaridade sobre o uso da forma perifrástica.

Os resultados percentuais mostram que a escolaridade atua de forma homogênea

¹⁰ Trabalhos como o de Vazzata-Dias (1996), Fernandes (1996), Loregian (1996); Naumann (1996); Tavares (1999) e Vazzata-Dias (inédito) confirmam essa afirmação.

no uso da forma perifrástica, revelando que, de fato, o fenômeno em estudo não é estigmatizado pela comunidade de fala.

A respeito dessa questão, Poplack & Turpin (1999:158) também fizeram algumas constatações. As autoras testaram os grupos de fatores sexo e escolaridade que, no entanto, não se mostraram relevantes. Entretanto, os resultados percentuais e a observação informal as levam a acreditar que nenhuma das formas variantes é particularmente estigmatizada.

Fizemos, também, um cruzamento entre idade e escolaridade. Primeiramente, os fatores dos dois grupos foram cruzados separadamente, mas depois amalgamamos os fatores 14 – 24 anos e 25 – 49 anos, pois esses apresentaram percentuais muito aproximados.

	Primário		Ginasial		Colegial	
	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Frequência Aplic./Total	Porcentagem	Frequência Aplic./ Total	Porcentagem
14 – 24 anos e 25 – 49 anos	162/238	68%	37/50	74%	97/148	66%
+ de 50 anos	45/87	52%	80/142	56%	36/68	53%

Tabela 21: Influência da idade e da escolaridade sobre o uso da forma perifrástica.

Como se pode observar, não há grande diferença entre os indivíduos mais jovens e os mais velhos, do ponto de vista da escolaridade, a não ser uma leve inclinação, em termos percentuais, em todos os graus de escolaridade para os mais jovens, o que era de se esperar, uma vez que são esses que utilizam mais a forma perifrástica. A leve diferença entre os jovens e os mais velhos diminui à medida que o nível de escolaridade aumenta.

A pequena diferença que se observa entre os jovens do primário e ginasial pode ser explicada pelo comportamento de um informante do ginasial, que possui o maior número de dados entre os jovens (33 dados) e que usa quase categoricamente a forma perifrástica (25 ocorrências).

5 CONCLUSÕES PARCIAIS

Após os resultados obtidos na análise dos fatores sociais, podemos apontar algumas tendências em relação ao uso da forma perifrástica e do presente do indicativo.

Tendo sido a única variável social selecionada, a idade mostra que os mais

jovens parecem estar acelerando um processo de mudança, intensificando o uso da forma perifrástica como expressão para codificar o futuro, sendo que os indivíduos de meia idade contribuem para essa mudança. Os mais velhos é que mostram uma certa resistência quanto ao emprego da forma inovadora. Entre eles encontra-se a existência de maior variação.

Uma vez que não há grandes diferenças entre os níveis de escolaridade e que as mulheres, apesar da pressão social que sofrem, utilizam mais a forma inovadora (66%) do que os homens (57%), é possível dizer que a forma perifrástica não é estigmatizada na comunidade de fala estudada.

A análise em torno do grupo semântico-discursivo nos permite caracterizar os contextos preferenciais para o aparecimento do presente e da perífrase, bem como os contextos de restrição para ambas as variantes. Os fatores modo subjuntivo, especialmente no ambiente das condicionais, verbo principal de movimento, tempo futuro do futuro, terceira pessoa do discurso e modalidade epistêmica associada ao auxiliar *poder* condicionam significativamente a escolha da forma **presente**, inibindo a perífrase. Observa-se que a maioria destes fatores projeta, por si só, um traço de futuridade no enunciado. Pode-se pensar, então, que, uma vez estabelecido o contexto de futuridade, o presente do indicativo é favorecido, sem risco de perda da interpretação futura. Caracteriza-se, assim, uma leitura funcional dos resultados: o futuro é instaurado pelo contexto semântico-discursivo, o que libera a forma verbal deste papel temporal.

Por outro lado, os fatores: modo indicativo, verbo principal de estado, tempo futuro do presente, pessoa dos interlocutores e modalidade deôntica agregada ao auxiliar *querer*, condicionam de modo significativo a seleção da forma **perifrástica**. Note-se que, no geral, esses fatores não atribuem contexto de futuridade ao enunciado. Desta forma, ainda seguindo uma perspectiva funcional, pode-se dizer que cabe ao verbo a função de indicar o tempo futuro, daí a utilização da perífrase. Neste caso, a perífrase teria um valor mais temporal.

Focalizando, agora, a modalidade associada ao futuro, vemos que há, entre os fatores acima mencionados, contexto que evidenciam de forma acentuada a modalidade: carácter hipotético do subjuntivo, traço epistêmico de possibilidade, não envolvimento do falante (terceira pessoa) são os contextos modais em que é preferencialmente usado o presente. Por outro lado, o carácter factual e de maior certeza do indicativo e o traço deôntico de intenção manifestado no auxiliar *querer* e no envolvimento do falante (primeira pessoa) condicionam o emprego da perífrase. Neste sentido, pode-se dizer

que o presente revela menor envolvimento do falante em termos de intenção e certeza relativamente ao fato futuro. Como contraponto, à perífrase estaria vinculado positivamente o traço modal de maior intenção e certeza. Neste caso, a perífrase teria um valor mais modal.

Adicionalmente,¹¹ vimos durante a análise que o contexto de futuridade que se caracteriza também pela habitualidade está acentuadamente correlacionado ao uso da forma verbal de presente, que estaria codificando uma função que lhe é peculiar em termos de aspecto. Em contraste, o contexto de futuridade de fatos únicos, não habituais, privilegia o aparecimento de perífrase. Cria-se, então, um conflito funcional, pois a perífrase, que é isenta do aspecto habitual, não apareceu para resolver eventuais ambigüidades em contexto de habitualidade.

Outro conflito funcional se verifica em relação ao fator presença de marcas adverbiais, uma vez que a forma que mais ocorre neste contexto é a perífrase, aparentemente duplicando a situação de futuridade.

Há, ainda, um último fator que foi analisado na caracterização do contexto semântico-discursivo, a proximidade temporal. O futuro iminente apareceu mais correlacionado à perífrase do que ao presente. Neste caso, pode-se dar uma interpretação também modal: a iminência do fato estaria relacionada à intenção e à certeza.

Finalmente, resta-nos dizer que a significância associada a fatores sociais, formais e semântico-discursivos confirma que forças de natureza diversa interagem e condicionam a escolha das variantes em estudo, presente do indicativo e forma perifrástica, para codificar o contexto de futuridade e que, como esperávamos, o futuro do presente está definitivamente perdendo seu espaço para a forma inovadora, a forma perifrástica.

¹¹ Os fatores que se mencionam a seguir não obtiveram relevância estatística no VARBRUL. Os comentários são pautados nos percentuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando esta pesquisa, retomamos o que foi tratado em cada um dos capítulos anteriores e sintetizamos as principais conclusões já expostas ao longo da dissertação, propondo algumas generalizações. Destacamos o que nos parece importante ressaltar, indicando pontos que consideramos ainda problemáticos e apresentamos possíveis desdobramentos surgidos a partir desta pesquisa.

No primeiro capítulo, apresentamos e discutimos definições gerais a respeito do nosso objeto de estudo, mostrando como os gramáticos normativos e outros autores tratam do tempo futuro e das formas variantes presente do indicativo, forma perifrástica e futuro do presente, colocando nossas questões e propondo hipóteses a partir do reconhecimento de que a forma perifrástica está atuando em nossa comunidade de fala e fazendo, com este movimento, desaparecer o futuro do presente. Na continuação, enquadramos nossa pesquisa dentro da Teoria da Variação e do Funcionalismo Lingüístico, a fim de que pudéssemos tratar o fenômeno em variação com os pressupostos funcionalistas, partindo de uma função cognitivo-discursiva, o contexto de futuridade, para as formas variantes.

Em seguida, no capítulo III, discutimos noções básicas de tempo, aspecto e modalidade, referentes ao fenômeno em estudo. Propusemos uma discussão sobre os tipos de futuro, caracterizando o fenômeno em torno do contexto lingüístico e discursivo que o envolve e apresentamos as concepções de tempo futuro de alguns teóricos, com vistas a sustentar os grupos de fatores controlados para descrever o objeto de estudo.

O capítulo IV tratou da gramaticalização do verbo pleno IR em auxiliar de futuro. Apresentamos um possível caminho para a gramaticalização de IR que envolve reanálise, analogia e processos metafóricos. Comentamos, ainda, as razões que acreditamos serem motivadoras da escolha do verbo IR, em particular, para se tornar o auxiliar responsável pela expressão da futuridade na forma perifrástica e argumentamos que o processo de gramaticalização do verbo IR é mais recente em comparação com o verbo inglês GO. Finalmente, fizemos comparações entre IR e GO e apontamos para um estágio mais avançado de gramaticalização, mostrando dados do VARSUL da cidade de Porto Alegre, onde é possível atestar a existência da forma *vou ir*.

O capítulo seguinte foi dedicado à apresentação da variável dependente e das restrições propostas na coleta dos dados para assegurar o mesmo significado representacional das formas variantes. Foi também realizada uma descrição dos informantes e do programa estatístico (VARBRUL), utilizados para este estudo.

A análise dos dados, efetivada no capítulo VI, nos permitiu afirmar, em primeira instância, que a forma futuro do presente está em visível declínio na língua falada de Florianópolis e que uma forma inovadora, a forma perifrástica, constituída do verbo auxiliar IR no presente do indicativo + verbo principal no infinitivo, está tomando seu lugar. Esta nova forma assume, num primeiro momento, um papel responsável pela modalidade e pelo aspecto, permitindo com isso que a forma do presente do indicativo atue mais na codificação do tempo futuro propriamente dito.

A forma inovadora, forma perifrástica, é condicionada por fatores formais, semântico-discursivos e pela variável extralingüística idade. Dentre os fatores formais, o paralelismo formal mostrou-se relevante, comprovando que marcas levam a marcas.

Os resultados para os grupos de fatores semântico-discursivos permitem-nos afirmar que, uma vez que o contexto de futuridade esteja instaurado, a forma do presente do indicativo é favorecida. Também a presença do traço semântico de *movimento* dentro desse contexto propicia o presente. O comportamento desses fatores leva-nos a considerar que o contexto preferencial para a realização do presente é aquele que expressa tempo futuro. Retomamos as palavras de Camara Jr. (1985:128), considerando que a expressão do tempo futuro puro não é comum no uso coloquial da língua. Ela exige um jogo mental mais elaborado e o seu uso depende de condições especiais de comunicação. Nesse sentido, o presente do indicativo como expressão de tempo futuro exige do falante que se estabeleça um contexto de futuridade para o seu surgimento. Dos 733 dados que obtivemos, apenas 280 são de presente do indicativo. E ainda é preciso considerar que entre esses últimos, 62 são do verbo IR sem o verbo principal, pois, como já explicitamos no capítulo VI, não encontramos a forma *vou ir* em Florianópolis.

Uma vez que podemos constatar que a forma perifrástica é recorrente em quase todos os contextos e está adquirindo espaço na língua, é importante que se ressaltem seus fatores condicionantes e os contextos de restrição ao seu uso, admitindo, agora, que mesmo entrando na língua para assinalar com mais ênfase a modalidade no tempo futuro, a perífrase encaminha-se para seu verdadeiro lugar: marcar o tempo, no espaço antes reservado ao futuro do presente.

O primeiro contexto significativo a inibir a perífrase é o do modo subjuntivo, tradicionalmente aceito como o modo hipotético, da dúvida, especialmente o contexto dos enunciados condicionais. Tal contexto hipotético é fortemente marcado pela modalidade, mas, como ficou apresentado em 2.1 e 2.2, possui o tempo definido, mostrando, inclusive, relações de seqüencialidade. Ele se caracteriza por apresentar um enunciado condicional, introduzido, na maioria dos dados, pelo conectivo *se*, e orações de futuro do futuro, ou seja, orações que estabelecem uma relação de seqüência entre si, no tempo futuro.

Uma possível explicação para esse contexto estar favorecendo o presente do indicativo é que ele indique com mais ênfase tempo futuro do que modalidade. Essa particularidade propicia o aparecimento do presente, pois ela desfaz a ambigüidade característica da forma, que pode, também, expressar um fato habitual. Assim, o contexto condicional é um contexto essencialmente modal, mas seu tempo definido facilita o presente do indicativo, porque é o suficiente para desfazer a ambigüidade e permite que o presente codifique o tempo futuro.

Por outro lado, a forma perifrástica é favorecida por um contexto mais modal e centralizado no falante, muitas vezes garantindo a modalidade de intenção e certeza na expressão do fato. Um dos contextos que a favorece é o modo indicativo, o qual tradicionalmente expressa a certeza do falante a respeito do evento lingüisticamente representado (cf. Cunha & Cintra, 1985:436). Essa modalidade expressa pelo indicativo é compatível com a modalidade de intenção tantas vezes associada à perífrase. Nesse caso, então, a perífrase estaria expressando modalidade. Considerando-se, entretanto, o valor temporal, verifica-se que o modo indicativo não instaura contexto de futuridade, logo a responsabilidade pela indicação de tempo futuro recai sobre a forma perifrástica, caso em que a perífrase estaria expressando tempo. Como a forma perifrástica encontra-se ainda em processo de gramaticalização, a função de codificar tempo ainda não lhe cabe totalmente. Sua motivação inicial é assinalar a modalidade e acreditamos que esse foi o motivo que lhe permitiu aparecer em contextos com o indicativo: sua carga de modalidade é compatível com a do indicativo. Uma vez neste contexto, entretanto, ela pode estar adquirindo função de expressão de tempo.

O segundo contexto estatisticamente relevante a inibir a perífrase é o que apresenta o verbo principal com traço semântico de *movimento*, situação que apresentaria duplamente tal traço caso aparecesse o auxiliar IR. O fator condicionante do uso da forma perifrástica é o caráter estático do verbo, seja na oração vinculada ao

dado, seja no próprio verbo principal que faz par com o IR na perífrase. Uma primeira explicação é a de que a forma perifrástica, nesses contextos, confere ao verbo estático uma carga de movimento que reforça a futuridade. Outra explicação recai sobre a questão do aspecto imperfectivo do verbo IR, que, conforme admite Camara Jr. (citado no capítulo IV, seção 2) expressa um aspecto do que ainda vai acontecer e essa significação aspectual permite uma interpretação de futuro, a partir de um ponto: a forma perifrástica estaria, então, marcando um aspecto e possivelmente o tempo futuro.

O terceiro contexto a restringir a perífrase envolve o ponto de referência, de sorte que o tempo relativo-absoluto que se ancora em um ponto de referência também futuro, caracterizando o futuro do futuro, comporta-se como favorecedor do presente, já que, por si só, fornece um contexto de futuridade. Este fator, como já vimos, está diretamente relacionado aos enunciados condicionais e ao modo subjuntivo. Portanto, ficam válidas para este fator as mesmas considerações já tecidas a respeito do primeiro contexto de restrição da perífrase. Acrescente-se, apenas, que o futuro do presente, ancorado no momento de fala, portanto com relevância presente, condiciona o aparecimento da perífrase.

Outro contexto que inibe a forma perifrástica é o da terceira pessoa do discurso. Os resultados mostram que os interlocutores (eu, nós e tu, vocês) é que favorecem o uso da perífrase. A explicação que nos parece mais coerente para tais resultados é que a forma perifrástica está marcando a modalidade da intenção e, talvez, da certeza que o falante tem de que um fato venha a se realizar no futuro. É possível, então, considerar o contexto mais modal, de relevância presente, como propício para o seu surgimento.

Mais um contexto que restringe fortemente o uso da perífrase é o dos auxiliares modais. Os resultados mostram que nesses casos há quase uma inversão dos resultados percentuais em termos de frequência das formas: o presente, que no conjunto geral dos dados analisados é suplantado largamente pela perífrase, passa à frente, dobrando seu número de ocorrências junto dos auxiliares modais. Tal comportamento se justifica pelo fato de que os auxiliares modais trazem também traços de futuridade (desejo, possibilidade, vontade) em seu significado lexical e, impedindo a ambigüidade, facilitam, de maneira funcional, o emprego do presente do indicativo.

Considerando os itens verbais individualmente, observa-se um comportamento particularizado dos auxiliares: enquanto o modal deôntico *querer* favorece o uso da perífrase, o epistêmico *poder* a inibe. A forte carga de modalidade deôntica pode estar abrindo espaço para a forma perifrástica, pois é compatível com a intenção, modalidade

que acreditamos estar fortemente marcada na perífrase. Nesse caso, ou a forma perifrástica estaria codificando modalidade, *atraída* pela modalidade deôntica de *querer*, ou ele estaria expressando tempo futuro e esse seria um dos muitos passos que ela precisa dar para gramaticalizar-se como forma codificadora do tempo futuro.

Por fim, temos que dizer que existe um contexto categórico inibidor da forma perifrástica: a ocorrência de verbo IR. A explicação mais evidente é a estigmatização que a forma *vou ir* sofre em Florianópolis, pois o falante acredita que *vou ir* é redundante e, uma vez que o movimento já estaria expresso no primeiro verbo, porque repeti-lo? É que o verbo IR, nesses casos, acreditamos, ainda mantém fortemente seu traço aspectual e sua carga semântica inicial (verbo de movimento). Não podemos nos esquecer, entretanto, que estamos diante de um processo de gramaticalização e que uma de suas características é a convivência das várias camadas, novas e velhas, interagindo.

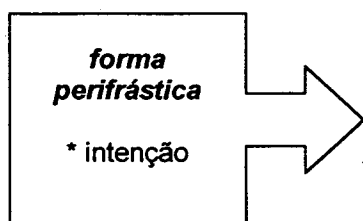
Além desses resultados, não podemos deixar de nos referir ao fato de que, no grupo de fatores marcas de futuridade, a perífrase apareceu com mais frequência em contextos com advérbios de expressão futura. Parece-nos que essa é uma evidência de que a forma perifrástica está tomando o espaço do futuro do presente e expressando tempo futuro. Por esse motivo, vamos retomar alguns pressupostos teóricos para mostrarmos seu percurso, de forma resumida.

Primeiramente, nos remetemos às palavras de Camara Jr. que postula a variação entre presente do indicativo e futuro do presente, reservando à forma perifrástica uma função modal, conforme exposto a seguir:

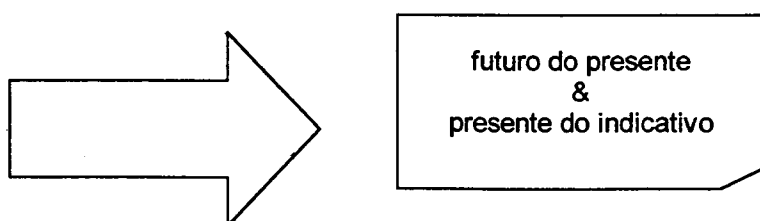
MOMENTO 1:

Contexto de futuridade

FUNÇÃO MODALIDADE



FUNÇÃO TEMPO

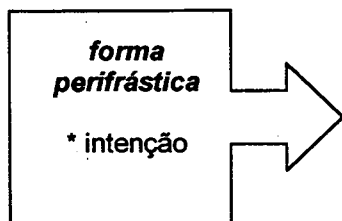


- Primeiramente, o contexto de variação encontra-se na função tempo, onde estão as formas futuro do presente e presente do indicativo. A motivação inicial da forma perifrástica é a modalidade, mas ela encaminha-se para marcar com mais ênfase o aspecto.

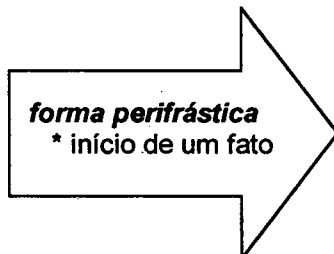
MOMENTO 2:

Contexto de futuridade

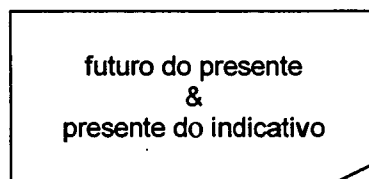
FUNÇÃO MODALIDADE



FUNÇÃO ASPECTO



FUNÇÃO TEMPO

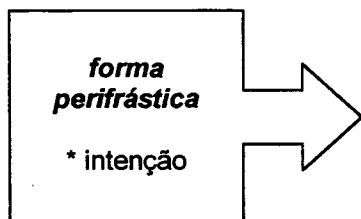


- A forma perifrástica assume, nesse momento com mais ênfase, a função de expressar também um aspecto imperfectivo, compatível com o futuro. Ela atinge mais um passo no processo de gramaticalização.

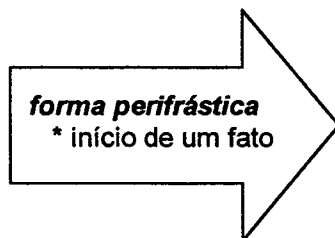
MOMENTO 3:

Contexto de futuridade

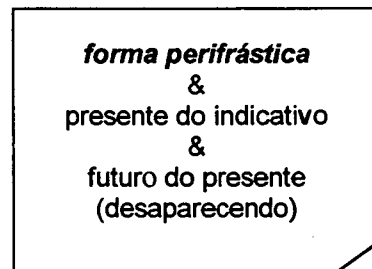
FUNÇÃO MODALIDADE



FUNÇÃO ASPECTO



FUNÇÃO TEMPO



- A forma perifrástica atinge a função tempo e passa a fazer parte do contexto de variação. O futuro do presente está desaparecendo na língua falada e a perífrase ocupa seu lugar. A forma inovadora ainda ocorre nas outras funções configurando um quadro amplo de assimetria entre forma e função.

Esse esquema proposto acima reflete o caráter gradual que caracteriza o processo de gramaticalização, ou seja, as etapas desse percurso e as funções que a forma perifrástica assume em cada uma delas são um *continuum*. Ele ainda ilustra a cadeia de gramaticalização que Heine *et al.* (1991) propõem como caminho percorrido pela forma *be going to* para, a partir da noção espacial, vir a tornar-se expressão de tempo futuro no inglês, conforme detalhamos no capítulo IV:

(1) noção espacial > (2) relevância do presente > (3) *prospection* > (4) futuro
(ação verbal) (pragmática) (aspecto) (tempo)

A noção espacial (1) corresponde à expressão do verbo IR de movimento, que, ao unir-se com verbos no infinitivo passa a codificar a visão que o falante tem de uma ação futura originando-se do estado de coisas presente. É a relevância do presente (2), exemplificada nessa pesquisa através dos grupos de fatores que mostram a modalidade da intenção presente na forma perifrástica: envolvimento do falante e traço deôntico do auxiliar *querer*. O terceiro passo, aspecto (3), está associado diretamente ao verbo principal de estado, contexto em que a perífrase aparece para, marcando um aspecto imperfectivo, caracterizado por assinalar o início do fato, instaurar a futuridade do enunciado. E, finalmente, a perífrase passa a codificar o tempo futuro (4): as pistas que nos permitem assinalar essa função estão presentes nos fatores: modo indicativo, tempo futuro simples e a presença da marca de futuridade. Dessa forma, propomos um possível percurso para o processo de gramaticalização da perífrase, que está relacionado com as categorias modalidade, aspecto e tempo.

A análise quantitativa dos dados permite-nos atestar que a forma perifrástica está tomando o espaço do futuro do presente na fala, uma vez que este tempo obteve pequena expressão no número total de dados. Além disso, podemos evidenciar a variação das formas perifrástica e presente do indicativo, envolvendo tanto os contextos de modalidade futura quanto o de tempo.

Os resultados confirmam que a forma perifrástica mantém seu caráter de modalidade, embora ela esteja também codificando tempo. Uma vez que nossa hipótese era a de que a perífrase estava entrando na língua como forma para marcar a modalidade, passando a configurar o tempo e que a análise realizada evidencia esses contextos, então podemos considerar que esses resultados atestam a hipótese.

Nesse processo de gramaticalização, a forma perifrástica vem tomando espaço até mesmo do presente do indicativo na codificação de um fato habitual, como comentamos no capítulo V, e atua também como um marcador discursivo em expressões do tipo *vamos ver*, *vamos supor*, *vamos dizer*. Essa constatação sugere que muitos estudos podem e devem ser realizados para que se amplie o conhecimento lingüístico dessa forma.

A análise evidenciou, ainda, a existência de *motivações em competição*, segundo uma perspectiva funcionalista. Aspectos semântico-discursivos atuam no

condicionamento e na restrição da escolha das variantes; e aspectos mecânicos também atuam, mostrando que a forma perifrástica, uma vez codificada, desencadeia o uso de uma nova perífrase, acontecendo o mesmo para o presente.

Com respeito à mudança lingüística, os resultados que mostram maior tendência de uso da perífrase pelos mais jovens apontam para uma possível mudança em curso. O fator idade, nesse contexto, possui um papel importante na caracterização da gramaticalização. Mesmo que não se possa atestar uma mudança efetiva, pode-se perceber uma mudança em tempo aparente, o que mostra que um processo está em curso e nos permite considerar que esse processo envolve também a gramaticalização da forma perifrástica, conforme o esquema que apresentamos acima.

Para que este trabalho alcance objetivos maiores, de acordo com a orientação teórica variacionista, é importante que outras pesquisas investiguem o fenômeno proposto, ampliando a utilização do *corpus* do VARSUL, através do controle de dados do interior, no estado de Santa Catarina, e dos outros estados que incorporam o projeto, bem como a utilização de outros *corpora*, permitindo que se façam análises comparativas e generalizações.

A análise e os resultados obtidos neste trabalho fornecem algumas contribuições das quais aquelas que consideramos mais relevantes estão dispostas abaixo:

— Descrição do objeto tempo futuro e uma análise variacionista utilizando dados de fala, através do controle de grupos de fatores semânticos, discursivos, formais e sociais mostrando que o fenômeno é sensível a motivações em competição.

— Proposta de um percurso para explicar não só a variação como também a mudança que lhe deu origem, entre as formas do presente do indicativo, forma perifrástica e futuro do presente.

— Reflexão sobre o declínio do tempo futuro do presente, o surgimento da forma perifrástica em seu lugar e relação deste processo com a idade. Os resultados obtidos e a discussão realizada podem orientar os professores quanto ao ensino dessas duas formas.

Esta pesquisa, entretanto, apresenta uma limitação quanto ao fato de atestar uma mudança efetiva, pois não dispomos de dados em tempo real.

No decorrer do nosso estudo, alguns desdobramentos possíveis foram surgindo:

— Verificar em que medida podemos evidenciar o fenômeno em estudo na escrita escolar, por exemplo, uma vez que a forma do futuro do presente ainda se encontra resistindo na escrita, conforme mostra o estudo de Santos (1997). Isso nos leva a pensar, também, em como os professores estão lidando com o surgimento da forma perifrástica

nas redações de seus alunos.

— Testar atitudes com relação à forma perifrástica, principalmente com a forma IR (auxiliar) + IR (verbo principal), para melhor captarmos o estágio em que se encontra a gramaticalização do auxiliar IR como auxiliar de futuro.

— Utilizar dados diacrônicos para verificar a mudança lingüística que ateste o surgimento da forma perifrástica e o declínio da forma do futuro do presente, aprofundando a discussão em torno da questão da modalidade, aspecto e tempo que envolve a perífrase.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLWOOD, J. *et al. Logic in linguistics*. Cambridge: Cambridge Textbooks in linguistics, 1977.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1987.
- BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Nacional, 1967.
- BYBEE, J. L. *et al. Back to future*. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B., 1991.
- _____. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CALLOU, D.M.I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. UFRJ, Faculdade de Letras, 1987. (Tese de Doutorado).
- CAMARA Jr., J. M.. Sobre o futuro romance. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, v. 3, Tomos I-II, p. 221-225, dez. 1957.
- _____. *A forma verbal portuguesa em -ria*, Washington D. C., 1967.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- _____. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, Ao livro Técnico, 1977.
- _____. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CASTILHO, A. T. A gramaticalização. *Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, UFBA, 1997.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1979.
- COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que) perfeito*. Florianópolis: UFSC, 1997. Dissertação de Mestrado.
- COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- CORÔA, M. L. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- COSTA, M. C. R. *Modalidade e Gramaticalização - Estratégias Discursivas na Fala Carioca*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995. Tese de Doutorado.

- COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.
- CUNHA, C., CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S. A., 1978.
- FERNANDES, M. *Concordância nominal na região sul*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (s/d).
- FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- FIGUEIREDO, J. B. *Item lexical ser: a trajetória para a afirmação no dialeto de Fortaleza*. Fortaleza, 1999. Dissertação de Mestrado
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FRIES, C. C. On the development of the structural use of word-order in Modern English. *Language* 16, 1940, pp. 199-208
- GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: An archaeologist's field trip. In: *Papers from the Chicago Linguistic Society* 7, 1971, pp. 394-415.
- _____. *From discourse to syntax: grammar as a processing strategy*. In: GIVÓN, T. (ed.), 1979.
- _____. *Syntax. A functional-typological introduction*. Vol. I. Amsterdam: Benjamins, 1984.
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GIBBON, A. de O. *Formas de futuro em variação na língua falada no sul do Brasil*. Florianópolis, 17 p. Trabalho não publicado.
- _____. de O. *Sentenças condicionais no português do Brasil: análise semântica de tempo e modo*. Florianópolis, 17 p. Trabalho não publicado.
- GRYNER, H. De volta às origens do futuro condicionais possíveis e a perífrase ir + infinitivo. *Estudos Lingüísticos*. (GEL), São Paulo: UNESP, 1998.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

- HEINE, B. On the nature of semantic change in grammaticalization. In: *La semantica in prospettiva diacronica e sincronica*. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia, 1992.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds), 1991.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E.. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997
- JESPERSEN, O. *The Philosophy of Grammar*. London: George Allen & Unwin Ltda, 1958.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972b.
- _____. Where does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera. In: *Working Papers in Sociolinguistics*, nº 44, 1978.
- _____. *Principles of linguistic change - internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: LI, Charles N. *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977.
- LAVANDERA, B. Where does the Sociolinguistics Variable Stop? In: *Language Society*, 7. Printed in Britain, 1977.
- LEÃO, A. V. *O período hipotético iniciado por se*. Belo Horizonte: s/e, 1961.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic change. *Lingua e Stile.*, v.20, n.3, 1985, pp. 303-318.
- LEWIS, D. *Counterfactuals*. Cambridge: Harvard University Press, 1973.
- LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis, UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.
- LUFT, C. P. Gramática Resumida. Porto Alegre: Globo, 1985
- LYONS, J. *Semantic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, Volume II

- MARTELOTTA, M. *et al.* (orgs) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTIN, R. & NEF, F. Temps Linguistique et temps logique. In: *Langages*. Les Temps Gramatical, dec. 1981, pp. 7-20.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948.
- MENDES DE ALMEIDA, N. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1981.
- MATEUS, M. *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à sociolinguística Variacionista*. UFRJ: Cadernos Didáticos, 1994.
- NAUMANN, I.M.L. *Construções bi-transitivas em português: forma e função*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.
- NEVES, M. H. de M. Uma visão geral da gramática funcional. *ALFA - Revista de lingüística*, São Paulo, v.38, p. 109-127, 1994.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PAIVA, M. DA C. Sexo. In: MOLLICA, M. C. (org.), 1994.
- PAREDES, V. A Abordagem Laboviana. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Porto Alegre, 1993, p.: 882-886.
- PERINI, M. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1996.
- PIMPÃO, T. S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação de Mestrado.
- PINTZUK, S. *O Pacote VARBRUL*. 1988.(mimeografado)
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- POPLACK, S. *Function and process in a variable phonology*. University of Pennsylvania dissertation, 1979.
- POPLACK, S. & TURPIN, D. Does the futur have a future in (Canadian) french? *Probus 11*, 1999, pp 133-164.
- REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.
- SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.
- _____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

- SANTOS, A. M. dos. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. Brasília, 1997. Dissertação de Mestrado.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SCHERRE, M. A regra de concordância de número entre os elementos dos SNs, In: NARO, A. J. et al. *Relatório final de pesquisa apresentado ao INEP*. Rio de Janeiro. UFRJ, Faculdade de Letras, 1985. (mimeografado)
- _____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988. Tese Doutorado em Letras.
- _____. *Restrições Sintáticas e Semânticas no Controle da Concordância Verbal em Português*. In: *Fórum Lingüístico*, vol. 1 – Pós-graduação de Lingüística da UFSC, PP. 45-47.
- SPENCER, A. *Morphological Theory*. Cambridge: Blackwell, 1991.
- SILVA, M. C. F. Inovações morfológicas no português brasileiro. IN: CABRAL, L. G., GÖRSKI, E. (orgs). *Lingüística e ensino - Reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis: Insular, 1998. p. 181-197.
- SILVA, T.S. da. *A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito da fala de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado.
- SWEETSER, E.E. *Grammaticalization and Semantic Bleaching*. Berkeley Linguistics Society 14, 1988, pp. 389-405.
- TARALLO, F. *Tempos Lingüísticos - itinerário histórico da língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1984.
- _____. (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes/Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- _____. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1997.
- TAVARES, M.A. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação de Mestrado.
- TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds) *Approaches to Grammaticalization*. v.2, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1994.
- VAZZATA-DIAS, J.F. *A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos na fala da região sul: um estudo variacionista*. Florianópolis, UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.

_____. *A concordância de número nos predicativos/particípios passivos na fala do sul do Brasil – motivações extralingüísticas*. Florianópolis, (inédito).

WEINER, J. & LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, 19(1), 1983 [1977], (29-58).

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: lehmann, W. P. & Malkiel, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.